
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE
(PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA)

MÍDIA ESPORTIVA E A PROFISSÃO DE TREINADOR DE FUTEBOL
Estudo de caso sobre o Mundial de Clubes da FIFA

ROBERTO NASCIMENTO BRAGA DA SILVA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade.

Novembro – 2014

ROBERTO NASCIMENTO BRAGA DA SILVA

MÍDIA ESPORTIVA E A PROFISSÃO DE TREINADOR DE FUTEBOL
Estudo de caso sobre o Mundial de Clubes da FIFA

ORIENTADOR: PROF. DR. ALEXANDRE JANOTTA DRIGO

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade.

Rio Claro
Novembro – 2014

796.334 Silva, Roberto Nascimento Braga da
S586m Mídia esportiva e a profissão de treinador de futebol :
estudo de caso sobre o Mundial de Clubes da FIFA / Roberto
Nascimento Braga da Silva. - Rio Claro, 2014
133 f. : il., gráfs., tabs., quadros

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Alexandre Janotta Drigo

1. Futebol. 2. Mídia. 3. Treinadores de futebol. 4.
Profissão. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO: MÍDIA ESPORTIVA E A PROFISSÃO DE TREINADOR DE FUTEBOL: Estudo de caso sobre o Mundial de Clubes da FIFA de 2011

AUTOR: ROBERTO NASCIMENTO BRAGA DA SILVA

ORIENTADOR: Prof. Dr. ALEXANDRE JANOTTA DRIGO

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE, Área: PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA, pela Comissão Examinadora:



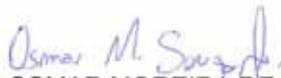
Prof. Dr. ALEXANDRE JANOTTA DRIGO

Pós-Doutorando PPG em Ciências da Motricidade, Instituto de Biociências de Rio Claro - SP



Prof. Dr. MAURO BETTI

Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências de Bauru - SP



Prof. Dr. OSMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana, UFSCar, São Carlos/SP

Data da realização: 07 de outubro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Cada pessoa que passa na nossa vida passa sozinha, porque cada pessoa é única e nenhuma substitui a outra! Cada pessoa que passa na nossa vida passa sozinha e não nos deixa só porque deixa um pouco de si e leva um pouquinho de nós. Essa é a mais bela responsabilidade da vida e a prova que de que as pessoas não se encontram por acaso.

Charles Chaplin

Agradeço a minha família, Mariza, Willian, Rafael e Viviane alicerce principal, que durante toda minha vida deu todo o apoio possível para que eu pudesse buscar meus sonhos.

Agradeço a todos os amigos que fiz, muitos deles no futebol e no futsal. O convívio com grandes pessoas neste meio fez com que escolhesse o esporte como profissão.

Agradeço a todos os amigos que fizeram parte da minha graduação, com certeza a convivência com vocês fez toda diferença na minha vida.

Agradeço ao prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo, meu orientador, que, além de professor, foi um amigo. Obrigado por ter me aberto a porta para pós-graduação, e, mais do que isto, obrigado por ter aberto a porta de sua casa, de sua família e de seu coração. Espero honrar tal confiança. Aproveito para agradecer a Prof. Dr. Juliana Cesana, por todo auxílio e acolhimento.

Agradeço a todos os professores, funcionários e amigos da UNESP de Rio Claro que estiveram presentes de forma ativa em todo este processo. Em especial Kiki, Juninho, Pimenta, e meus irmãos Carlos Rogério e Guilherme Talamoni. Com certeza as discussões com vocês fez este trabalho melhor.

Agradeço aos Profs. Drs. Mauro Betti e Israel Teoldo da Costa, por aceitarem participar da banca e mais uma vez contribuírem de forma crucial para minha formação.

Agradeço aos amigos e amigas da Universidade do Futebol e do Tradição Futsal Araraquara, por me ensinarem coisas que não estão nos livros.

Agradeço a minha esposa Agnes por todo carinho e amor, sem o qual nada disso poderia ser realizado.

Por fim, agradeço a todos aqueles cujos nomes não estão presentes neste texto, mas que fizeram e fazem parte toda minha vida. Com certeza eu sou um pedaço de cada um de vocês.

Lágrima de Preta

*Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para analisar.*

*Recolhi a lágrima
com todo o cuidado
num tubo de ensaio
bem esterilizado.*

*Olhei-a de um lado,
do outro e de frente:
tinha um ar de gota
muito transparente.*

*Mandei vir os ácidos,
as bases e os sais,
as drogas usadas
em casos que tais.*

*Ensaiei a frio,
experimentei ao lume,
e todas as vezes
deu-me o que é costume:*

*Nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
e cloreto de sódio.*

(Antônio Gedeão)

RESUMO

A relação do esporte como espetáculo e os meios de comunicação de massa no século XXI é indissociável. No Brasil, autoproclamado “país do futebol”, a população tem diariamente seu amor e ódio com esta modalidade permeado por estes meios. Neste âmbito, o treinador de futebol tem se tornado uma das principais figuras a ser noticiada, analisada e comentada. Em um país onde se considera haver 190 milhões de treinadores de futebol, todos estão sempre dispostos a fazer suas análises sobre a incompetência ou competência dos mesmos, com base no alto número de informação e análises veiculadas pela imprensa esportiva. Contudo, diversos estudiosos destacam que os meios de comunicação de massa realizam uma transmissão fragmentada e já interpretada dos fatos sociais. Além disso, com o objetivo de entreter, muitas vezes estes meios se furtam a uma análise baseada em argumentos criteriosos para analisar o fenômeno esportivo e seus agentes, entre eles, o treinador de futebol. Paralelamente a este cenário, a profissão de treinador de futebol ainda vive um momento conturbado em que as leis que a regulamentam se mostram incoerentes. Tendo em vista que um dos elementos importantes para que uma profissão se estabeleça em uma sociedade é exatamente o reconhecimento social conferido a ela, o presente estudo tem como objetivo analisar o conteúdo do discurso de programas televisivos sobre treinadores de futebol e, a partir disso, inferir como estes podem refletir no reconhecimento social desta profissão e dos grupos que buscam a legitimidade no exercício desta função, no Brasil.

Palavras-chave: Mídia, Treinadores de Futebol, Profissão.

ABSTRACT

The relationship between sport and the media in the twenty-first century is inseparable. In Brazil, self-proclaimed "country of football", the population has his love and hate relationship with this sport permeated by the mass communication. In this context, one of the main figures to be broadcasted, analyzed and commented by the media are the football coaches. In a country where is considered to have "190 million of football coaches" everyone is always willing to do their analysis about the competence or incompetence of this coaches, based on games and news posted by the sports press. However, many researches argue that the media perform broadcast fragmented and has interpreted social facts, with the aim of increasing the ratings that result in partnerships and greater profits for audience. Beside that, it also points out that many times, in order to entertain, these media is to steal a thorough analysis based on solid arguments to analyze the phenomenon of sports and their agents, among them, the football coach. Alongside this scenario the profession of coaching football still lives a troubled time in which the laws which govern the profession is inconsistent show. Considering that one the important element for a profession to establish in a society is exactly the social recognition given to it, the present study aims to analyze the content of television programs on football coaches, and, from that, infer how theses can reflect social recognition of the profession and the groups who seek legitimacy in the exercise of this function, in Brazil.

Keywords: Media, Soccer Coaches, Profession.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1 – CONCEITOS PARA UMA ANÁLISE.	12
1.1. A reflexão para uma análise	12
1.2. Os conceitos de profissão.....	13
1.3. Pierre Bourdieu como ponto de partida para uma análise	15
1.3.1. O Conceito de campo social	16
1.3.2. O Conceito de Habitus.....	17
CAPÍTULO 2 – DA MÍDIA A PROFISSÃO DE TREINADOR	19
2.1. Esporte e Mídia.....	19
2.2. Futebol e mídia	25
2.3. A formação e a atuação do treinador de futebol.	29
2.4. A mídia e a profissão de treinador de futebol	34
CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	38
3.1. Características da pesquisa.....	38
3.2. Fontes de Pesquisa	40
3.2.1. <i>Pesquisa Documental e Bibliográfica</i>	40
3.2.2 <i>Comitê de Ética</i>	41
3.3. Análise dos dados.....	42
3.3.1. <i>Análise de conteúdo e o estudo da mídia</i>	42
3.3.2. <i>Etapas da análise</i>	45
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS	48
4.1. Os agentes da comunicação	49
4.2. O tempo de comunicação sobre treinadores	49
4.3. Palavras e verbos recorrentes nos diferentes momentos que envolvem o jogo	51
4.3.1. <i>O Dia Anterior ao jogo</i>	52
4.3.2. <i>O pré-jogo</i>	53
4.3.3. <i>O jogo</i>	53
4.3.4. <i>Pós-jogo</i>	55
4.3.5. <i>Dia seguinte ao jogo</i>	55
4.3. Análises de conteúdo das comunicações	56
4.3.1. <i>Muricy Ramalho e Guardiola</i>	57
4.3.2. <i>Relevância do treinador de futebol</i>	60
4.3.3. <i>A concepção artesanal na formação do treinador de futebol.</i>	64
CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO	68
5.1. O discurso televisivo e o reconhecimento social da profissão de treinador de futebol.	68
5.2. Os agentes e o discurso televisivo enquanto legitimadores da formação artesanal no futebol.	76
CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
APÊNDICE A – Transcrição do programa do dia anterior ao jogo final.....	92
APÊNDICE B – Transcrição do programa pré-jogo.....	96
APÊNDICE B – Transcrição da narração e comentários do jogo Barcelona x Santos	99
APÊNDICE D – Transcrição do programa pós-jogo	115
APÊNDICE E – Transcrição do programa no dia seguinte ao jogo	118

INTRODUÇÃO

“Já não é possível referir-se ao esporte contemporâneo sem associá-lo aos meios de comunicação de massa” (BETTI, 1998, p.31). A partir desta frase é possível se ter consciência da importância destes meios na divulgação, transmissão e, porque, não dizer na existência do esporte contemporâneo.

Um exemplo deste cenário é que, no século XXI, sediar megaeventos esportivos como os que ocorreram e ocorrerão no Brasil (Copa do Mundo de Futebol de 2014 e Olimpíadas do Rio de Janeiro de 2016) é condicionado à construção, não apenas de modernos estádios, mas também de centros de imprensa e transmissão para estes eventos, permitindo que os mesmos tenham, através da mídia, alcance mundial. Além disso, as modalidades esportivas necessitam estar de acordo com uma organização que favoreça sua transmissão pelas empresas de comunicação de massa, transformando-as em espetáculos a partir dos recursos tecnológicos próprios. Isto se deve principalmente ao valor significativo do financiamento recebido por ligas, campeonatos e entidades para a transmissão de seus eventos, tornando-os um bem de consumo que divulgue, para além do esporte, empresas e marcas (PRONI, 1998). Exemplo disso, e caso comum, é a transmissão do jogo ao vivo ser interrompida frequentemente para a retransmissão de uma sequência em câmera lenta através de equipamentos tecnológicos de última geração em que o foco é a logomarca na chuteira ou mesmo na bola (BETTI, 1997; 1998; 1999; PRONI, 1998).

O esporte possui uma lógica interna, ditada pelas regras e objetivos do jogo, relação entre companheiros e adversários, dinâmica das movimentações, entre outros, e uma lógica externa que se refere à história do clube esportivo, influência da torcida, cultura do país, cobertura jornalística etc. No esporte moderno, mais do que nunca, a lógica externa relacionada à transmissão dos eventos esportivos altera sua lógica interna (BETTI, 1997). No voleibol, por exemplo, houve, durante seu processo de mercantilização, alterações constantes das regras para que, a partir destas, a modalidade atendesse às condições para a melhor comercialização de seus eventos (MARCHI JÚNIOR, 2001). No futebol, percebe-se que estas questões também ocorrem, como por exemplo, a utilização de uniformes que pouco têm a ver com as cores

tradicionais do clube e constantes alterações na bola do jogo, visando o aumento do número de gols nos campeonatos com objetivo de deixar o jogo mais atrativo ao público.

Porém, apesar da relação simbiótica entre esporte e meios de comunicação de massa, Betti (1998), aponta que estes meios fragmentam o esporte e seus significados fornecendo um olhar específico sobre o mesmo. Este olhar costuma centrar-se no alto rendimento e no binômio vitória-derrota em detrimento das demais vertentes e valores como: o esporte educacional, autoconhecimento e socialização, dentre outras. No futebol, esta realidade é ainda mais significativa. Considerado o “país do futebol”, o Brasil possui uma relação estreita e diária com este esporte permeada pelos meios de comunicação de massa (BETTI, 2002). Contudo, a comunicação esportiva é direcionada para o que Betti (1998), apoiado em Eco (1984), chama de *falação*, um conceito utilizado pelo autor para dar a ideia do alto número de informações com utilização da fala sobre tudo o que envolve o espetáculo esportivo; fala-se sobre tudo, desde a cor da chuteira do atacante até o sistema de disputa do campeonato, sendo capaz, inclusive, de condenar ou ser condescendente com violência no esporte em virtude da situação (BETTI, 1997).

Dentre os muitos temas tratados pela mídia em relação ao futebol, percebe-se, ainda de forma empírica, que o desempenho dos treinadores¹ é um dos que alcançam destaque significativo, com alto número de notícias e importância junto aos espectadores (SILVA et al., 2014; WAGG, 2006). Para Becker Junior (2002, p.13), “a profissão de treinador esportivo, ao início do terceiro milênio, alcançou níveis de valorização sem precedentes na história do esporte”. No futebol é possível exemplificar esta importância ao observar a transferência do sentimento de pertencimento da equipe conferida pela própria mídia, que antigamente era atribuída apenas aos principais jogadores, como, o *Santos de Pelé*, o *Botafogo de Garrincha*, a *Argentina de Maradona*, para também o treinador como sujeito merecedor deste reconhecimento: o *Cruzeiro*

¹ Utilizaremos apenas a palavra treinador para nos referirmos ao responsável pela condução de equipes e jogadores de futebol no presente estudo de acordo com Thiengo (2011). Apesar de ser comum a utilização da palavra técnico, a escolha se deve ao fato que a legislação brasileira que regula a atuação destes profissionais (8.650/93) utiliza do termo treinador. Além disso, os termos utilizados pela literatura internacional são *coach* e *entrenador*, que, quando traduzidos, correspondem à palavra treinador.

de Luxemburgo, o São Paulo de Telê Santana ou o Barcelona de Guardiola (COSTA, 2006). Além disso, nas transmissões dos jogos ao vivo há uma câmera focada apenas nos treinadores captando todas suas ações e reações durante a partida.

A notoriedade adquirida pelos treinadores também os colocou em um papel central frente à mídia esportiva, com a qual estes têm que se relacionar constantemente e de onde parte o reconhecimento social da competência ou não destes (MACHADO, 2010). Contudo, Bourdieu (1997) ressalta a superficialidade das análises realizadas no esporte, devido à lógica da transmissão esportiva, que deve ter uma linguagem mais acessível ao senso comum, de forma a possibilitar maior interesse das camadas sociais mais baixas ou menos instruídas.

Esta constatação parece recair diretamente sobre o reconhecimento social do treinador de futebol em sua profissão. O senso comum de que *“treinador não ganha jogo”* e o clichê *“no Brasil existem 190 milhões de treinadores de futebol”* parecem fazer parte da pauta jornalística que, muitas vezes, acaba por realizar uma análise baseada em critérios pouco claros a respeito das funções e da referenciada (in)competência destes treinadores. Este viés midiático, somado à ideia, apresentada por Costa (2005), de que a pesquisa acadêmica em relação à profissão de treinador de futebol ainda é escassa, parece contribuir para um cenário no qual a necessidade de formação e capacitação do interessado em ocupar o cargo de treinador de futebol é um tema pouco importante de ser debatido. Este cenário é reforçado pelo número de treinadores de futebol que atuam com base apenas em suas experiências enquanto ex-futebolistas, sem passar por qualquer tipo de formação sistemática para exercer esta função (MARTURELLI JÚNIOR, 2002; THIENGO, 2011; TALAMONI, 2013; TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013).

Segundo Lawson (1984), o reconhecimento social é um dos fatores importantes para uma profissão. Este processo de aceitação pública pode refletir inclusive na legislação que garanta aos profissionais o monopólio e autonomia do seu campo de trabalho.

De acordo com este contexto, o estudo tem como objetivo entender como se configura a relação entre os grupos que buscam a legitimidade profissional como treinadores de futebol e, como o conteúdo da televisão, a

partir de sua capacidade de conferir legitimidade as disputas sociais e interferir em outros campos, contribui, ou não, para o reconhecimento social desta atividade.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar o conteúdo e a atribuição de valor feita pelo campo midiático através do discurso televisivo, e inferir como este pode interferir no reconhecimento social da profissão de treinador de futebol.

Objetivos Específicos

- Analisar o discurso da televisão enquanto legitimador dos grupos que disputam reconhecimento profissional como treinadores de futebol.

CAPÍTULO 1 – CONCEITOS PARA UMA ANÁLISE

1.1. A reflexão para uma análise

O presente estudo tem o intuito pesquisar, de forma mais aprofundada e crítica, a relação entre a televisão e os treinadores de futebol. O trabalho pretende utilizar conceitos do sociólogo francês Pierre Bourdieu, que, somados a outros diversos autores, nortearão uma análise que busca ser profunda. Betti (1998) lembra que nenhuma das teorias por ele analisadas dá conta da explicação total sobre a relação esporte e mídia.

Um importante fator a se considerar, é que a análise feita nesta pesquisa não tem por objetivo encontrar “culpados”, nem fazer juízo de valor da comunicação midiática sobre o futebol como um todo e, especificamente, sobre o treinador. O que se busca através de referências e análise minuciosa, fornecer elementos para que os próprios profissionais do esporte, professores, jornalistas, treinadores, estudantes, entre outros, sejam capazes de fazer uma leitura crítica do contexto que os cerca na busca pela melhoria do campo profissional, seja ele no campo midiático ou esportivo. Bourdieu (1997) evidencia, em sua análise da televisão, que a manipulação atribuída aos jornalistas sobre o telespectador não é totalmente válida, uma vez que os próprios jornalistas também são manipulados por uma lógica oculta do campo midiático, e melhor manipulam quanto mais desconhecem esta lógica.

Relevante também, frisar que a análise não será realizada pelo viés do entretenimento, como muitas vezes se configura a lógica do campo midiático ligado ao esporte. O que se busca é fazer uma leitura crítica que tenha em conta este viés, mas que parta, principalmente, do ponto de vista da profissão, tendo como referência o campo profissional da Educação Física e de Treinadores de Futebol. Não nos furtaremos a uma compreensão que reconheça a contribuição televisiva para o desenvolvimento do esporte na modernidade, mas que, sobretudo, procure entender como a lógica deste campo e de seus agentes pode interferir no reconhecimento social da profissão de treinador de futebol.

Por fim, novamente utilizando como referência os estudos de Betti (1998), destacamos que, no nosso entendimento, este estudo é mais um passo

importante para que se tenha clareza do contexto atual para que, a partir daí, seja possível educarmos *pela* mídia, mas principalmente *para* a mídia.

Não objetivamos, de modo algum, uma análise que esgote os textos e autores evocados, mas que, sobretudo, permita uma compreensão mais abrangente do cenário atual em que se encontra a relação entre futebol, meios de comunicação de massa e a profissão de treinador nesta modalidade.

Neste primeiro capítulo serão trabalhados conceitos de profissão e ocupação com base nos autores tomados como referência para o presente estudo. Também apresentaremos os conceitos de *campo* e *habitus* advindos dos estudos do sociólogo Pierre Bourdieu que, em diversos momentos, nortearão a análise do contexto apresentado.

1.2. Os conceitos de profissão

Buscamos trabalhar com conceitos de profissão que levassem a uma compreensão do objeto estudado. Utilizamos principalmente conceitos anglo-saxões, advindos de Hal Lawson e Eliot Freidson. Além de pesquisadores brasileiros como Giraldi e José Maria Camargo Barros, e do francês Claude Dubar.

Para iniciarmos uma análise deste contexto, é importante entendermos que a profissão advém de uma necessidade social, a qual, um determinado grupo, a partir de conhecimentos específicos e especializados, é capaz de atuar sobre, com objetivo de resolvê-la (GIRALDI, 1998).

O termo profissional, portanto, discrimina um grupo especial de trabalhadores, aqueles que, quase sempre, desfrutam de um maior controle de seu trabalho, estão comprometidos com uma carreira e possuem status mais elevados (LAWSON, 1984). Para o referido autor, em uma camada inferior estaria o trabalhador em período integral, mas que não possui o mesmo comprometimento com seu trabalho, a este tipo de serviço utiliza-se o nome de ocupação. A profissão trata-se de uma ocupação de elite, que realiza seus serviços com base em pesquisas que orientam sua atuação, comprometida com a prestação de serviços a sociedade. Em contrapartida, a ocupação baseia seu trabalho, sobretudo, no método de tentativa e erro e na tradição (LAWSON, 1984).

Barros (1993), apoiado nos estudos de Kroll (1982) e Flexner, define a palavra profissional como ligada ao sentido de perfeição, dedicação acima da média, e, com base nesta compreensão, elenca seis importantes pontos para a definição de uma atividade profissional:

I) As atividades desenvolvidas são essencialmente de natureza intelectual: a habilidade em si, e o método de tentativa e erro não são suficientes para definir uma profissão;

II) A profissão é prática: a profissão deve ser guiada pelos conhecimentos teóricos, mas deve prestar um serviço a sociedade;

III) A profissão é dinâmica: a profissão e, conseqüentemente, seus conhecimentos e práticas devem evoluir constantemente;

IV) Possui organização; a profissão deve ser organizada, identificando a sociedade qual serviço presta;

V) Comunicabilidade: é importante que se produza e comunique o conhecimento, com objetivo de embasar a prática dos profissionais em exercício;

VI) Altruísmo: a motivação para uma profissão existir deve ser altruística, com objetivo de prestar sempre o melhor serviço possível.

É importante enfatizar que Barros não condiciona a profissão à conclusão de um curso acadêmico de formação superior; contudo salienta o caráter essencialmente intelectual da profissão, com conhecimentos advindos do estudo.

A profissão emerge, então, de um grupo de pessoas que começa a praticar uma técnica definida fundamentada e de formação especializada. Para Dubar (2005), a profissão deve possuir também:

I) Especialização de serviços;

II) Criação de associações profissionais com objetivo de colocar uma linha de demarcação entre os profissionais e as pessoas não qualificadas;

III) Implantação de uma formação específica e fundamentada com base em um corpo sistemático de teoria.

O autor também se utiliza da teoria funcionalista das profissões para elencar um saber prático, articulado em uma dupla competência, isto é, fundamentada no saber teórico adquirido na formação que se relaciona

intimamente com a atuação prática, em cursos de formação, esta é a função do estágio profissional.

Com base nestas definições e na legislação brasileira atual, consideraremos, neste estudo, treinador de futebol e educação física como partes de um mesmo campo profissional. Tomaremos esta postura com base no presente contexto, em que, além de leis específicas que regulamentam as duas atuações, há um crescente movimento, consolidado no continente europeu, que busca, através de cursos das federações, formar treinadores de futebol (COSTA, 2005; TALAMONI, 2013; UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2012). No Brasil, este movimento ainda se inicia, contudo, como veremos no capítulo seguinte, há uma constante disputa entre os profissionais advindos dos cursos de formação em Educação Física e ex-futebolistas profissionais pela conquista deste campo profissional. Para além das disputas deste campo, ou de uma sugestão de qual currículo ou processo formativo mais indicado, realçamos a necessidade de uma maior compreensão sobre este campo profissional, além de uma maior clareza dos conteúdos e estratégias didáticas para a formação de profissionais mais capazes de prestar serviços de melhor qualidade em um ambiente cada vez mais complexo e competitivo, independentemente da sistematização da formação realizada (CUNHA et. al., 2010).

De acordo com Lawson (1984) é possível afirmar que estas atividades ainda passam por um processo de profissionalização. Este processo envolve uma relação direta dos profissionais com a sociedade, sendo que a sociedade deve reconhecer: I) A importância do serviço prestado; II) A complexidade e relevância dos problemas que o profissional busca resolver; III) Necessidade da orientação de um especialista. Analisaremos, portanto, a mediação feita pela televisão entre estes profissionais e a sociedade, podendo, de fato, legitimar, ou não, estas profissões.

1.3. Pierre Bourdieu como ponto de partida para uma análise

Pierre Bourdieu é um dos mais consagrados sociólogos contemporâneos, autor de uma extensa obra na qual se evidencia, para este trabalho, um estudo sobre o campo midiático, em seu livro de 1997, *“Sobre a televisão”*, além de outros textos do autor sobre esporte e sociedade. Por fim, é

importante ressaltar que alguns de seus principais conceitos vêm, ao longo dos anos, balizando diversos estudiosos nas áreas de educação física, esporte e mídia, no Brasil e no mundo. Este é mais um motivo considerado na escolha do autor. Com objetivo de facilitarmos a leitura, apresentaremos nos tópicos a seguir os conceitos de *campo* e *habitus*.

1.3.1. O Conceito de campo social

O conceito de campo é frequentemente utilizado na obra de Bourdieu como ideia do espaço social onde determinados agentes realizam disputas em busca do poder (BOURDIEU, 1983; 1989). Para o autor, “campo” se trata de um espaço onde as posições de seus agentes encontram-se previamente fixadas; contudo, a luta desses atores em torno de interesses específicos caracteriza a área em questão. Neste espaço, manifestam-se as relações de poder, com objetivo em interesses específicos, a partir do “capital social” dos agentes (DRIGO, 2007). Dessa maneira, o campo seria um espaço objetivo onde se realiza uma constante luta entre dominantes (aqueles que possuem maior capital social) e dominados (aqueles que não possuem o capital). O capital social, neste caso, trata-se de uma espécie de “crédito de poder”, atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para recebê-lo (DRIGO, 2007).

O campo possui leis próprias, ele indica as posições sociais de cada agente, assim como as regras em que o jogo irá acontecer. Assim, a ruptura só ocorre dentro das possibilidades oferecidas pelo campo; neste ponto temos o sujeito como integrante do campo e ao mesmo tempo determinado por ele (SANFELICE, 2010). O campo possui tamanha força, que Drigo (2007) ressalta que os espaços estruturados e as posições no campo podem ser analisados independentemente de seus ocupantes, servindo, então, para a análise de construções sociais como o esporte e as profissões.

O campo esportivo deve ser analisado como um espaço de práticas sociais e disputas que buscam a hegemonia de determinadas práticas, além da distinção social destes conforme seu poder simbólico (MARCHI JÚNIOR, 2001). Então, para entender o esporte e seu desenvolvimento, é necessário inseri-lo no processo de mercantilização que determina as estruturas que constituem a sociedade e as relações no interior dos campos. Nesta lógica, o

fenômeno esportivo passa a ser regido pelas relações da lógica do mercado, conduzido ao processo de espetacularização e mercantilização (MARCHI JÚNIOR, 2001²).

Para Sanfelice (2010), o campo pode ser considerado um microcosmo que possui uma determinada autonomia em seu interior, devido às disputas advindas de sua própria lógica. Contudo, este microcosmo jamais escapa às imposições do macrocosmo (constituído por outros campos). Devido a isto, cada vez mais as estruturas dos campos sociais estão afeitas as demais estruturas. No caso do campo esportivo, podemos facilmente observar sua relação e interdependência com os campos político, econômico, profissional, midiático, entre outros.

Desta forma, sobressai a relação umbilical entre o campo esportivo e o campo midiático, pois “o esporte ‘fora’ da mídia não tem a mesma ‘legitimidade’ do que o produzido via campo dos media” (SANFELICE, 2010, p.138). Ao destacar e divulgar um determinado acontecimento, o campo midiático oferta-se como um termômetro social, sendo o “representante ou mensageiro da opinião pública” que tem sua legitimidade construída a partir desta mediação social (SANFELICE, 2010). Assim, pode-se apontar, através da relação com a mídia, que as lutas simbólicas são ampliadas a toda a sociedade, como revela Sanfelice (2010):

Em função disso, os demais campos tornam-se coatores de sua própria história, muitas vezes regida pela lógica midiática, que, ao “construir” acontecimentos, propicia uma nova ambiência, derivando sentidos aos mais diversos campos sociais. (SANFELICE, 2010, p. 140).

Neste contexto, é importante salientar que o campo dos mídia tem no discurso seu bem específico e que, através dele, pode ou não, conferir legitimidade social aos agentes e às disputas internas em outros campos como o esportivo e o profissional, objetos deste estudo.

1.3.2. O Conceito de *Habitus*

O *habitus*, para Wacquant (2007), é uma noção filosófica antiga relacionada à *hexis*, que vem do pensamento Aristotélico. Esta ideia designa o

² Para maior aprofundamento no conceito de campo esportivo sugerimos a consulta do trabalho de Marchi Júnior (2004).

que é firmemente estabelecido do caráter moral e orienta nossos sentimentos e desejos, bem como nossa conduta. Aristóteles emprega este conceito com o significado: “as disposições adquiridas do corpo e da alma” (DUBAR, 2005, p.77). Esta noção foi recuperada e repensada após a década de 1960, pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, de forma mais dialética e operacional (DUBAR, 2005). O termo é parte central da obra do sociólogo no intuito de entender as condições sociais dos atores e sistemas em suas relações (WACQUANT, 2007).

Habitus, para Bourdieu (1989), configura-se como uma disposição estável para se atuar em uma determinada direção. Seria, então, uma correspondência entre a probabilidade *a priori* e a possibilidade *a posteriori*. É possível definir este conceito como um sistema de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas que funcionam como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores de práticas e de representações, que podem ser objetivamente adaptadas a seu propósito. *Habitus* pode ser considerado como produto dos condicionamentos que tende a reproduzir a lógica destes com algumas transformações (DRIGO, 2007).

Logo, o *habitus*, designa uma ação até certo ponto inconsciente, adquirida pela imersão prolongada em um dado ambiente, sendo uma estrutura geradora de práticas conformes a sua lógica e a sua existência. Isto ocorre porque o agente orienta suas ações no mundo de modo pré-reflexivo. Devido a este fator, entender o *habitus* significa buscar entender a dimensão prática das estruturas sociais (DRIGO, 2007).

As condições de “produção” de um *habitus* devem ser consideradas pelas situações sociais vividas durante a vida do indivíduo dentro de um determinado grupo, classe e espaço social. O *habitus*, então, no sentido prático, gera uma “inércia incorporada” que tende – mas não exclusivamente – a “empurrar” os agentes a repetir a lógica vigente, através de um direcionamento para caminhos já traçados.

CAPÍTULO 2 – DA MÍDIA A PROFISSÃO DE TREINADOR

2.1. Esporte e Mídia

“Eu tenho a teoria de que a televisão é a janela para a alma de uma nação.”

(Daisy Donovan, apresentadora de TV).

Retomando a ideia de Betti (1998, p.31), de que “já não é possível referir-se ao esporte contemporâneo sem associá-lo aos meios de comunicação de massa”, verifica-se a importância da mídia na divulgação, transmissão e existência do esporte contemporâneo enquanto espetacularização.

Esta relação indissociável entre esporte e mídia é explicada em sua origem e evolução por Gastaldo (2005):

Na gênese histórica do mundo contemporâneo, é interessante notar o surgimento quase concomitante do esporte moderno e dos meios de comunicação de massa, em fins do século XIX. Por exemplo, a primeira Olimpíada da era Moderna (1896) foi realizada no ano seguinte à primeira sessão pública de cinema (1895); a Copa do Mundo de 1938 ensejou a primeira transmissão de rádio intercontinental, enquanto a Copa de 1998 foi também a ocasião da primeira transmissão internacional de televisão de alta definição (HDTV) (GASTALDO, 2005, p.2).

Betti (1998) ressalta a origem da relação entre esporte e televisão:

A televisão foi criada em 1936, e produzida em larga escala depois da II Guerra. Os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, foram televisionados, embora apenas para os presentes no próprio local. Em 1937 a BBC inglesa televisionou o torneio de tênis de Wimbledon, e em 1940 uma partida de beisebol foi transmitida nos EUA. (BETTI, 1998, p.32).

Na década de 1950, os eventos esportivos se tornaram regulares nas redes de televisão e, principalmente a partir da década de 1960, com o aumento significativo das transmissões ao vivo de eventos esportivos, teve origem uma nova e importante figura na história do esporte, o telespectador (BETTI, 1998). Para Santaella (1996, p.42), a televisão pode ser considerada “a mídia das mídias” e tende a absorver os outros meios de comunicação de massa por ser mais híbrida. Além disso, a autora enfatiza que a TV coloca a cultura em movimento, fazendo com que a cultura geral também seja ditada

pela referência midiática a ela, como é o caso do futebol no Brasil. Silva e Marchi Júnior (2009) observam, ainda, que a televisão chega a 90% das residências, sendo a principal fonte de informação e diversão dos brasileiros. Atualmente, aproximadamente 10% da programação líquida da maior emissora de televisão brasileira são destinados ao esporte (PROCHNIK, 2010). Mesmo os espectadores presentes nos estádios e ginásios, muitas vezes carregam consigo rádios, ou acompanham os *replays* dos lances decisivos através da tela de um celular ou de um telão instalado no próprio local de disputa (PROCHNIK, 2010).

Neste cenário, a construção de modernos centros de imprensa e contratos com empresas de comunicação de massa é condição *si ne qua non* para que megaeventos como Copa do Mundo³ e Olimpíadas⁴ possam ser realizados. Locais com boa acústica, conexão de internet e outros diversos elementos facilitadores para transmissão midiática são fundamentais para que os feitos esportivos e, conseqüentemente, as marcas a eles vinculadas possam repercutir em todo o mundo.

Esta importância se deve ao fato de o valor do financiamento recebido por ligas, federações e comitês para a midiática de seus campeonatos ser cada vez maior, já que estes eventos e seus agentes são utilizados como veículo publicitário de marcas e produtos que vão desde redes de *fast-foods* até pneus e seguros de vida, os chamados “patrocinadores oficiais” do campeonato (BETTI, 1998; MACHADO, 2010). Para Marchi Júnior (2001), o processo de massificação do voleibol no Brasil na década de 90 teve na transmissão televisiva e no marketing ligado a marcas e empresas, condição básica para que atingisse status de “esporte popular”. O autor cita algumas das estratégias para este processo:

Ester Lima destacou que, dentre as inovações previstas no projeto da Liga Nacional, figuravam: a) a utilização de propaganda em todos os espaços do ginásio, inclusive rede, cadeira do árbitro e banco de reservas; b) a desvinculação do nome das empresas às cidades em que estão sediadas; c) a

³ Utilizou-se do termo popular “Copa do Mundo” para designar a fase final da Copa do Mundo de Futebol, que reúne as 32 seleções classificadas nas fases eliminatórias.

⁴ Utilizou-se do termo popular “Olimpíada” para designar os Jogos Olímpicos da era moderna, que envolve diversos esportes e é realizado a cada 4 anos e que no ano de 2016 terá como sede a cidade do Rio de Janeiro.

decoreção dos ginásios com as logomarcas das empresas patrocinadores; d) a transmissão televisiva de pelo menos um jogo por rodada; e e) a exibição de programas educativos semanais sobre a dinâmica do Voleibol, com espaços para a apresentação dos resultados dos jogos nos finais de semana. (MARCHI JÚNIOR, 2001, p.178)

Esta lógica de transmissão visa criar emoções, destacar a disputa esportiva através do “espetacular”. A lógica de transmissão dos eventos esportivos cria identidades e identificação com o público, salientando as características compartilhadas ou distintas numa constante relação (MACNEILL, 2006). Os astros esportivos são utilizados como veículos de propaganda de marcas e produtos vendidos para o esporte e através do esporte e, quanto mais forem capazes de satisfazer o “orgulho nacional”, através do discurso televisivo, mais prestígio gozarão junto a esses meios de comunicação (MACNEILL, 2006). Para Bourdieu (1983), esta oferta é destinada a criar uma demanda social:

[...] como se produz a demanda dos “produtos esportivos”, como as pessoas passam a ter o “gosto” pelo esporte e justamente por um determinado esporte mais do que por outro, enquanto prática ou enquanto espetáculo? Mais precisamente, segundo que princípios os agentes escolhem entre as diferentes práticas ou consumos esportivos que lhe são oferecidos como possibilidade em um dado momento? (BOURDIEU, 1983, p.181).

Betti (1998) avalia que um dos pontos que gera esta situação é o fato de a mídia divulgar algumas modalidades, em detrimento de outras, aumentando assim sua popularidade. Isto acontece porque a mídia tem ideias pré-estabelecidas sobre o que o público deseja saber, e, a partir delas, monta a sua programação. Como não se veiculam outros conteúdos, reafirma-se a audiência nesta fórmula tradicional. Este círculo vicioso faz com que raramente haja variação dos conteúdos e estratégias dos meios de comunicação de massa, uma vez que se julga que estes não serão bem aceitos pelo público.

O esporte que queira ser digno de atenção das câmeras de TV deve, portanto, realizar modificações que facilitem sua transmissão por esta mídia. Estas transformações estruturais ocorridas no fenômeno esportivo com objetivo de atender essas exigências faz com que a mídia exerça o que Marchi Júnior (2001), utilizando-se do conceito de Bourdieu, chama de estrutura estruturante,

que se caracteriza pela alteração de elementos significativos, para a adequação a uma lógica dominante, que regula e regulamenta o funcionamento de um sistema. Um exemplo clássico deste cenário é a alteração da regra do voleibol. A pontuação foi alterada de modo a retirar a “vantagem” que impedia a previsão do tempo de disputa de uma partida. Sem a “vantagem” a pontuação foi alterada de 15 para 25 pontos por set. A última mudança será executada já na Superliga de 2013, com objetivo de diminuir ainda mais o tempo de disputa, os sets passaram a terminar em 21 pontos, facilitando a veiculação televisiva e a audiência de um público ainda não acostumado a assistir aos jogos de vôlei (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL, 2013).

Este exemplo mostra que, apesar do alcance da mídia e sua relação com o esporte, é necessário se ter consciência de suas limitações e do seu poder de interpretação ao comunicar um evento. Isto leva Betti (2002) a afirmar que não existe esporte *na* mídia e sim o esporte *da* mídia. Em seu livro “*A Janela de Vidro*”, de 1998, o autor, realça que a mídia ignora a polissemia ligada à palavra esporte, enfatizando o alto rendimento e o binômio vitória-derrota em detrimento do esporte enquanto oportunidade de socialização, autoconhecimento, educação, entre outros.

[...] importa tanto a *forma* de mostrar o esporte como seu *conteúdo*. Uma consequência imediata é a fragmentação e a distorção do fenômeno esportivo, pois a televisão seleciona imagens esportivas e as interpreta para nós, propõe um certo “modelo” do que é “esporte” e “ser esportista”. Mas, sobretudo, fornece ao telespectador a ilusão de estar em contato perceptivo direto com a realidade, como se estivesse olhando através de uma janela de vidro, conforme a metáfora proposta por Willem Hesling (1986). (BETTI, 1998, p.34).

De acordo com o poder exercido pelo campo midiático, Gastaldo (2009) lembra um exemplo ilustrativo apresentado no livro “*A bola no ar*” de Edileuza Soares.

[...] No início dos anos 1960, quando a seleção brasileira disputou uma partida na Argélia, um radialista destacado para narrar o evento não dispunha de fio suficiente para chegar com seu microfone até o campo, não podendo ver o jogo que teria de narrar. Inventou então um estrategema: o ex-jogador Leônidas, então comentarista de sua emissora, ficava à beira do gramado, e corria até o local onde ficava o locutor para

avisar quando acontecia um gol, e quem fora o artilheiro. Enquanto isso, o locutor narrava para os brasileiros do outro lado do Atlântico uma partida imaginária, na qual inseria subitamente as jogadas que conduziam aos gols anunciados pelo colega. (GASTALDO, 2009, p.360-361).

É importante entender que o esporte *da* mídia é transmitido dentro de uma lógica específica, sobretudo econômica, em que é realizada uma verdadeira “corrida pela audiência” representada pela medição numérica de um determinado grupo de pessoas que acompanham a programação apresentada (GASTALDO 2009). Quanto mais a transmissão e as notícias forem capazes de satisfazer a vontade do telespectador, maior será o número de televisores ligados no evento, e maior será o valor recebido pelas emissoras televisivas (GASTALDO, 2009).

Para Gastaldo (2009), Betti (1998) e Drigo (2007), a mídia tem o poder de realizar a fragmentação e seleção dos eventos apresentados, de modo a ressaltar alguns detalhes e ocultar outros, incorporando significados à mensagem ampliada a toda sociedade. É importante destacar, também, o caráter privado das instituições que constituem a mídia nacional. Há interesses a partir dos quais a mídia busca transmitir conteúdos, de maneira que estes não entrem em conflito com as ideias e ideais político-econômicos dos responsáveis e patrocinadores do veículo de divulgação onde esta notícia é vinculada.

Buscando entender esta lógica, Betti (2002) aponta cinco importantes questões sobre o que ele denomina de esporte *da* mídia:

1) *Prevalência dos interesses econômicos.* Como já relatado, a mídia busca sempre o maior número possível de audiência, o que faz com que invista em fórmulas consideradas bem aceitas pelo público (caráter homogêneo). A mídia pressupõe que o público deseja tais conteúdos e, como não veicula outros, este círculo vicioso se mantém.

2) *Superficialidade.* A mídia tem como característica a efemeridade de seus conteúdos, que devem fazer com que o espectador acompanhe a todos de forma superficial, de maneira não linear, não histórica e não temporal.

3) *Sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo.* O esporte tem uma forte característica audiovisual, que é amplamente utilizada pela televisão. O alto número de câmeras espalhadas pelos eventos esportivos e os diversos

recursos utilizados (câmeras lentas, closes, efeitos especiais, entre outros) buscam captar e transmitir as imagens do espetáculo esportivo, que, somados ao áudio (músicas ou narração), tem a intenção de atingir a emoção do espectador.

4) *Monocultura esportiva*. No Brasil, trata-se quase que exclusivamente do futebol e seus agentes. No “país do futebol”, “jogar bola” remete quase que unicamente ao futebol, viés reforçado pela mídia em busca de audiência.

5) *Falação*. Essa característica da mídia esportiva é apresentada de modo detalhado por Betti (1998) apoiado em Umberto Eco (1984):

[...] o esporte é uma “falação” que se apresenta nos noticiários e programas esportivos, nas “mesas-redondas”, nos telejornais e em reportagens especiais que, em princípio, aparecem em qualquer programa de televisão. Pode ser ao vivo ou não. Como é óbvio, a fala é a forma mais importante, secundada por legenda e números.” (BETTI, 1998, p.68).

E continua,

A falação cria expectativas [...] faz previsões, [...] com base na tradição, retrospecto ou nas superstições e coincidências. Depois explica e justifica: porque tal equipe ou atleta ganhou ou perdeu, foi primeiro ou segundo... – invoca razões técnicas, táticas e psicológicas, ou então a sorte, o azar ou o imprevisto (a “zebra”). Mas, principalmente, enfatiza que esforço, dedicação e disciplina fazem os campeões, os grandes vencedores.

A falação promete: emoções, vitórias, gols, medalhas [...] a falação cria polêmicas e constrói rivalidades. A falação crítica: ‘fala mal’ dos árbitros, dos dirigentes, da violência, da escassez de gols, das rendas baixas, da falta de patrocinadores. A falação comenta o desempenho das equipes, dos jogadores, dos árbitros. A falação elege ídolos [...] (BETTI, 1998, p. 69).

As características apontadas pelo estudo de Betti (2002) permitem ter clareza sobre as particularidades da mídia ao transmitir um evento esportivo e nos permite uma análise mais criteriosa da comunicação midiática, sobretudo a feita pela televisão.

Como consequência deste cenário, Eco (1984) relata outras transformações decorrentes da midiaticização do esporte. O autor caracteriza o esporte em si como o “jogado em primeira pessoa” que, ao se tornar um espetáculo esportivo transmitido para um determinado público, é “elevado ao quadrado”, dando origem aos comentários sobre o esporte assistido,

“elevando-o ao cubo”. Eco finaliza ressaltando um esporte elevado a “enésima potência”, no caso dos infinitos comentários, sobreposições de transmissões realizadas por comentaristas de todos os meios de comunicação. Esta alteração do formato do esporte gera a substituição do praticante pelo espectador e a incorporação do esporte pela indústria cultural (BOURDIEU, 1983).

[...] não é apenas no domínio do esporte que os homens comuns são reduzidos ao papel de torcedores, limites caricaturais do militante, dedicados a uma participação imaginária que não é mais do que a compreensão ilusória da despossessão em benefício dos experts. (BOURDIEU, 1983, p.145).

De acordo com este cenário, nos importa compreender as peculiaridades da relação entre futebol e mídia. No tópico a seguir estreitamos esta compreensão.

2.2. Futebol e mídia

Acho que a CBF não tem uma interferência dentro do futebol tão grande. A CBF cuida apenas da Seleção Brasileira. Quem realmente cuida do futebol brasileiro é a Globo [...].

(Alex, jogador do Curitiba em entrevista ao site Lancenet!, 2013).

No centro da relação entre esporte e mídia encontra-se o futebol, que conta com o maior apelo midiático em grande parte das nações do mundo, e coloca os “jogos com bola no pé” entre as atividades mais praticadas do globo. Para se ter noção, a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) possui 208 países filiados, número superior aos integrantes da Organização das Nações Unidas (ONU), que conta com 193 países (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO, 2014).

No Brasil esta relação é ainda mais forte; o *país do futebol* tem no *esporte nacional* um dos traços marcantes de sua cultura (MARQUES, 2005). A mídia se utiliza, então, desta forte relação para reiterar constantemente o amor do brasileiro pelo futebol. É comum que se utilize da seleção brasileira de futebol para tratar do patriotismo e de toda a nação brasileira. Frases como “o *Brasil ganhou*” ou “*nós somos os melhores do mundo*” demonstram exatamente a incorporação da seleção nacional de futebol enquanto representação da sociedade brasileira. Além disso, é comum que a mídia evidencie a torcida de

um determinado clube como uma verdadeira nação (como exemplo: *a nação corinthiana, a nação flamenguista*, entre outras) que cantam, em seus hinos, uma relação eterna com seus clubes de coração (*Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer...*) (MARQUES, 2005; GASTALDO, 2001), fomentando inclusive a disputa entre as próprias torcidas.

Isso faz com que a mídia seja o principal elo entre os apaixonados por futebol e o jogo propriamente dito. Ela faz com que os feitos, dramas e êxitos nessa modalidade se transformem em um valioso bem de consumo (MACHADO, 2010). Aguiar e Prochnik (2010) salientam o relatório financeiro apresentado pela FIFA no ano de 2009, no qual a entidade apresenta os contratos firmados nas áreas de marketing e televisão como responsáveis pelo valor de 650 milhões de dólares, mais da metade do 1 bilhão de dólares arrecadados pela entidade no ano apresentado. No Brasil também é possível perceber a evolução dos valores envolvidos no espetáculo esportivo. Segundo Aguiar e Prochnik (2010), em 1987 foram pagos 3,4 milhões de dólares pelos direitos televisivos da Copa União. Em 2010 a TV Globo desembolsou 269 milhões para ter os direitos televisivos do campeonato nacional. Em 2013 o portal de notícias Lancenet! publicou que estes valores já ultrapassam a barreira do bilhão de reais. A mesma notícia, baseada nos dados de uma empresa de consultoria no futebol, relata que o dinheiro da televisão foi a maior fonte de receita dos clubes, com aproximadamente 40% do faturamento total contra menos de 10% de renda dos ingressos vendidos no estádio.

O investimento dos grandes grupos televisivos se justifica, uma vez que a relação entre brasileiro, televisão e futebol gera constantes recordes de audiência, principalmente em anos de Copa do Mundo. Em 1998, na França, as televisões alcançaram um recorde de concentração de espectadores. A porcentagem de aparelhos de tevê ligados obteve uma média acima de 94% em jogos do Brasil, obtendo um pico de 96% na vitória da seleção canarinho por 3 x 0 frente à equipe do Marrocos (GASTALDO, 2009). Quatro anos mais tarde, no mundial do Japão de 2002, estes índices se repetiram quando mais de 100 milhões de espectadores acompanharam o jogo entre Brasil x Inglaterra, mesmo com a transmissão realizada às três da madrugada em razão do fuso-horário (GASTALDO, 2005).

Devido a esta simbiose, é possível afirmar que, atualmente, o futebol é produzido e pensado para um grande público que não se encontra no local da disputa, mas que o assiste pela televisão ou se informa a respeito da partida através da internet. Para se ter noção destes números, a Copa do Mundo de Futebol na África, em 2010, foi transmitida para 204 países por 245 canais diferentes. Aproximadamente um bilhão de pessoas assistiram, através desses canais, Andrés Iniesta, jogador espanhol, marcar um gol na prorrogação que decretou a vitória da seleção espanhola no confronto final contra a Holanda. Em contrapartida, apenas 84.490 mil acompanharam o jogo das arquibancadas do estádio Soccercity na África do Sul (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO, 2011). Mesmo se fizermos a soma do público presente às 64 partidas deste mundial, o número ainda é irrisório se comparado ao da televisão: 3,18 milhões, um número aproximadamente 315 vezes menor do que o número de telespectadores apenas no jogo final do torneio. (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO, 2011). Os dados podem ser ainda mais impressionantes se considerarmos as pessoas que assistiram, por pelo menos 1 minuto, ao mundial da África do Sul em 2010. O número chega a 3,2 bilhões de telespectadores, o equivalente a 46% da população mundial. Por fim, a média de público que assistiu às partidas desta Copa do Mundo pela TV foi de 188 milhões de pessoas ao redor do planeta, o equivalente a população Brasileira (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO, 2011).

Estes dados apresentam bem a dimensão da comunicação televisiva em relação ao futebol e seus agentes. Isto permite considerarmos a importância do estudo sobre o campo jornalístico e sua relação com o campo esportivo.

Para Betti (1998), o excesso de informações divulgadas sobre todas as áreas do esporte (no caso do Brasil, o futebol) cria “autoridades” em potencial no assunto, pois possibilita ao grande público acompanhar eventos, resultados, estatísticas e comentários, possibilitando que estas se julguem suficientemente conhecedoras do assunto em questão. Contudo, o mesmo autor salienta que existe uma construção textual autônoma da televisão sobre o esporte. No futebol, por exemplo, o interesse da câmera é a bola, fazendo com que o telespectador receba esta imagem a custo de uma visão mais global do campo de jogo e do evento esportivo. Sendo assim, há uma construção de imagens e

linguagens que são próprias do futebol da televisão. Esta lógica tem como objetivo o entretenimento e o aumento dos índices de audiência. Para isso, dá ênfase à emoção nas vitórias e derrotas, elegendo os heróis e vilões do espetáculo esportivo. Este contexto leva Galvão Bueno, narrador esportivo de maior sucesso no país, a concluir: *“O esporte é emoção. Eu sou basicamente um vendedor de emoções”* (BETTI, 1997, p.127).

Estas emoções, portanto, estão no contexto televisivo, no qual, como salientamos, existe a preocupação com a forma, a superficialidade do conteúdo, disputa por audiência, falação e uma comunicação e linguagem própria que visa destacar a emoção da relação vitória-derrota.

Para Bourdieu (1997), o campo jornalístico, quando se refere à comunicação esportiva, tem como característica a análise pouco criteriosa com uma linguagem que visa o entretenimento, objetivando tornar-se mais acessível a todas as camadas sociais. Atualmente, é possível perceber esta conotação na forma como os apresentadores dos programas esportivos transmitem seus conteúdos. Enquanto nos jornais os ancoras estão sentados atrás de uma bancada e vestidos com terno e gravata, os apresentadores dos programas esportivos costumam apresentar-se em pé, com camisetas casuais e calças jeans, muitas vezes utilizando gírias e brincadeiras em sua comunicação. Exemplo disso é o ex-jogador Neto, tido como “polêmico” durante sua carreira de futebolista em virtude das brigas em campo e das declarações fora dele. O atual comentarista ganhou notoriedade em sua emissora pelas brincadeiras e pelos erros de português cometidos em suas falas. Para Bourdieu (1997), há uma lógica importante por trás do abuso das brincadeiras e análises fúteis realizadas frequentemente na televisão:

Ora, o tempo é algo extremamente raro na televisão. E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que estas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas. (BOURDIEU, 1997, p.23.)

Este tipo de comunicação atrai os torcedores interessados no futebol, pois se assemelha à “conversa de bar” entre o indivíduo e seu grupo. Isto faz com que a análise seja simplista, recorrendo-se, sobretudo, ao senso comum como modo de explicar o esporte.

Outro ponto a se ponderar na relação entre o campo jornalístico e o campo esportivo, sobretudo no futebol, é a relação entre os comentaristas e o próprio jogo. Há, na televisão, dois tipos de comentaristas que se destacam: 1) os ex-jogadores: que são os especialistas que “vivenciaram o vestiário” e tendem a mostrar principalmente o que “sente” um jogador nos jogos, conferindo credibilidade a suas análises pelo que apresentaram em campo; 2) os jornalistas e comentaristas esportivos: os que comentam com base em seu “olhar clínico” e destacam-se pela capacidade de comunicação e adequação ao formato exigido pela televisão. Contudo, através do entendimento do campo jornalístico e das suas regras de ação, esses agentes possuem propensões inerentes ao cargo que ocupam e a lógica de seu campo, o que leva Bourdieu (1997) a dizer:

Os jornalistas têm “óculos” especiais a partir dos quais vêem certas coisas e não outras; e veem de certas maneiras as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado (BOURDIEU, 1997, p. 25).

O entendimento deste contexto torna-se fundamental para que a análise não busque apenas uma simples acusação de responsáveis, mas sim uma compreensão da lógica que opera neste campo. A partir disso é possível que entendamos com mais clareza como se configura a relação entre mídia e treinadores de futebol. No tópico seguinte falaremos mais detalhadamente sobre as disputas que ocorrem no campo profissional relacionado ao campo profissional no futebol.

2.3. A formação e a atuação do treinador de futebol

O treinador exitoso da atualidade deve ser praticamente um esquizofrênico controlado. É dirigente, amigo, torcedor, animador, psicólogo, instrutor e exemplo em uma só pessoa. Seus jogadores necessitam que seja seu líder; a diretoria requer que seja implacável... e todos – jogadores, diretores, torcedores, imprensa – exigem que seja um vencedor.

(Keir Radnedge, colunista da revista World Soccer.)

Uma das figuras centrais no fenômeno esportivo – o treinador – tem a difícil missão de preparar, ministrar e avaliar todo o processo de treino em um ambiente cada vez mais competitivo e complexo com objetivo da melhora do

desempenho esportivo de seus comandados. Além disso, deve ser capaz de liderar um grupo de futebolistas e uma comissão técnica, comunicando-se de forma eficaz com seus comandados, diretoria, imprensa esportiva e a torcida de seu clube (TALAMONI, 2013; THIENGO, 2011; CUNHA et. al., 2010).

Esta junção de conhecimentos e competências necessários ao treinador de futebol faz com que Duarte (2009) aponte que conceituar e definir o papel do treinador pode parecer um processo simples aos olhos do senso comum. Contudo, torna-se extremamente complexo se considerada a elevada responsabilidade e grande abrangência das funções que envolvem cada ação requerida neste cargo.

Em muitos países já parece haver um consenso de que a formação acadêmico-científica para exercer este cargo é um importante passo a ser dado (CUNHA et. al., 2010; ROSADO; MESQUISA 2008). Todavia, devido à complexidade da função, ainda não existe a clareza necessária sobre um formato de currículo, estratégias, conhecimentos e competências necessárias que o interessado deve dominar para que sua prática seja compatível com as exigências de seu dia a dia. No Brasil, não há clareza nem ao menos se algum tipo de formação acadêmico-científica deve ser exigida para o exercício desta função. Com isso, a formação do treinador de futebol torna-se aleatória ou vinculada apenas ao domínio do saber jogar. Com relação à formação dos treinadores, pode-se afirmar que há uma incipiente pesquisa acadêmica sobre o tema, tanto no Brasil quanto em outros países do mundo, a qual vem sendo produzida de forma mais significativa nos últimos 10 anos (TALAMONI, 2013; THIENGO, 2011; CUNHA et. al., 2010; ROSADO; MESQUITA 2008; COSTA, 2005).

No continente europeu já existe um modelo de formação delineado e específico para a modalidade, desenvolvido pela Confederação Europeia de Futebol (UEFA), o qual vem servindo de referência como um dos modelos mais organizados para a formação de treinadores (COSTA, 2005; UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2012). As diretrizes de formação abrangem os 53 países filiados à entidade e permitem que os certificados obtidos em um país sejam válidos em qualquer outra federação da Europa, facilitando assim o intercâmbio de treinadores do futebol por todo o continente (COSTA, 2005; UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2012).

Essas formações, segundo Costa (2005), apresentam uma organização dividida em cinco níveis de especialização de acordo com o público-alvo que o interessado deseja atuar, sendo que os dois primeiros níveis são de inteira responsabilidade das federações nacionais e destinam-se à iniciação da modalidade conferindo o título de monitor de futebol. Os demais níveis são de responsabilidade da UEFA e, como formação mínima, apresentam: 300 horas e dois anos de estágios, em relação ao nível III; 600 horas e dois anos de estágio, em relação ao nível IV; e, finalmente no nível V, 2400 horas de formação, considerado pelo autor de nível universitário focado em ciências do desporto e disciplinas específicas da modalidade.

No Brasil o cenário é diferente. O curso de formação de treinadores de futebol oferecido pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) não possui obrigatoriedade e alcança uma parcela ínfima dos interessados (UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2012). No país destaca-se prioritariamente o curso de Educação Física como responsável por formar os treinadores esportivos. Contudo, o cargo de treinador ainda é ocupado majoritariamente por ex-futebolistas profissionais, que, em sua maioria, não possuem formação acadêmica e científica que sustente sua identificação enquanto profissional (MARTURELLI JÚNIOR, 2002). O estudo de Talamoni, Oliveira e Hunger (2013), por exemplo, avalia que, ao se entrevistar um treinador de futebol que atuou como futebolista e cursou a faculdade de Educação Física, fica claro que as experiências adquiridas enquanto jogador e treinador de futebol superam os conhecimentos obtidos em sua formação acadêmica.

Neste sentido, Benitez, Barbieri e Neto (2007) salientam que, no Brasil, a função de treinador de futebol segue uma linha tênue entre as características apresentadas pela escola de ofício, caracterizada unicamente pelo saber prático, e a profissão, embasada por conhecimentos científicos advindos de uma formação teórica. Drigo (2007, 2009), ao analisar outra modalidade esportiva, o judô, encontra relação parecida entre ex-praticantes que atuam como treinadores, destacando três pontos: I) Em essência, se aprende fazendo; II) Apresenta-se uma imagem valorizada do treinador que o treinou enquanto atleta; III) As atividades práticas são consideradas formativas tal qual estudos teóricos. Contudo, é importante frisar que, no futebol, há uma constante confusão entre a atividade prática exercida por um jogador e a

atividade prática que deve ser exercida por um treinador. Devido a isto, frequentemente um ex-futebolista é indicado para ser treinador devido ao virtuosismo técnico e tático que apresentou enquanto atleta e não a sua capacidade de preparar, ministrar e avaliar treinamentos tendo em conta diversos conhecimentos necessários para fazê-los de forma profissional.

Somado a isso, existe, no Brasil, um problema legislativo resultante de uma incoerência das leis que regulamentam a profissão de treinador de futebol e a profissão de educador físico no país. Em 1976, 22 anos antes da profissão de Educação Física ser oficialmente regulamentada, a Lei 6.354 de 02 de setembro garantiu em seu artigo 27 que:

Todo ex-atleta profissional de futebol que tenha exercido a profissão durante 3 (três) anos consecutivos ou 5 (cinco) anos alternados, será considerado, para efeito de trabalho, monitor de futebol” (BRASIL, 1976).

Em 1993, a profissão de treinador foi reconhecida através da lei 8650 de 22 de abril, que, em seu 3º parágrafo, define:

Artigo 3º - O exercício da profissão de Treinador Profissional de Futebol ficará assegurado preferencialmente:

I – ao portador de diploma expedido por Escolas de Educação Física ou entidades análogas, reconhecidas na forma de Lei;
II – aos profissionais que até a data de início da Vigência desta lei, hajam comprovadamente, exercido cargos ou funções de treinador de futebol por prazo não inferior a seis meses como empregado ou autônomo, em clubes ou associações filiadas às Ligas ou Federações, em todo o território nacional. (BRASIL, 1993).

Já se indicou, neste momento, a necessidade da realização de curso superior em Educação Física, contudo, a palavra *preferencialmente* e não *obrigatoriamente* gera uma interpretação dúbia, que permite que qualquer pessoa ocupe o cargo de treinador de futebol desde que haja a necessidade. Este problema não foi resolvido pela Lei 9696 de 1998, que regulamentou a atuação do profissional de Educação Física e delimita em seu artigo 3º:

Artigo 3º - Compete ao Profissional de Educação Física coordenar, planificar, programar, supervisionar, dinamizar, dirigir, organizar, avaliar e executar trabalhos, programas, planos e projetos, bem como prestar serviços de auditoria, consultoria e assessoria, realizar treinamentos especializados, participar de equipes multidisciplinares e interdisciplinares e

elaborar informes técnicos, científicos e pedagógicos todos nas áreas de atividades físicas e do desporto. (BRASIL, 1998).

Por não revogar oficialmente a lei 8650/93, esta lei gerou uma disputa entre os treinadores advindos da prática como futebolistas e os profissionais de educação física.

Segundo Talamoni (2013), esta disputa é reproduzida na regulamentação oficial das competições nacionais de futebol. Conforme apresentado pelo autor, exige-se registro no Conselho Profissional e apresentação de carteira profissional para o Médico (CRM) e para o preparador físico (CREF) da equipe. Para o treinador, é pedido apenas um documento oficial com foto, abrindo a possibilidade para que qualquer cidadão esteja à frente de uma equipe de futebol no país. O autor apresenta, ainda, o parecer nº 5, emitido pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) no dia 08 de março de 2012, em que a entidade se pronuncia, ressaltando que nenhum registro pode ser exigido dos treinadores profissionais de futebol, já que estes possuem legislação própria e não estão sob alçada do Conselho Regional de Educação Física (CREF). Os que defendem esta separação apoiam-se numa visão dicotomizada do treinamento esportivo, considerando que o profissional de Educação Física é responsável pela preparação física do futebolista, enquanto o treinador, não necessariamente formado, é responsável pela preparação tática e técnica da equipe.

O cenário apresentado evidencia uma disputa em torno da necessidade ou não de o treinador de futebol ser formado em Educação Física com registro profissional ou não. Haja vista que, segundo as normas da CBF, apenas ser portador de documento de identificação com foto capacita o interessado, que, no sentido prático, não distingue, nem cria subsídios ou critérios para a atuação neste cargo.

Considera-se que a função de treinador de futebol, que exige uma gama de conhecimentos cada vez mais complexa seja obtida em curso de Educação Física ou por cursos administrados pelas federações, modelo utilizado principalmente em países do continente europeu. Porém, ainda não há a aproximação necessária entre as Universidades e as Federações Esportivas para a construção de um currículo que sirva como base acadêmico-científica para a atuação desses profissionais.

Desta forma, a despeito da grande responsabilidade que os treinadores assumem frente aos seus clubes, jogadores, torcida e imprensa, ainda não há um reconhecimento social e uma organização clara da atividade de treinador de futebol. Se isso acontecesse, seria permitido que se colocasse uma linha de demarcação entre os profissionais e as pessoas não qualificadas, que aumentaria o prestígio da profissão advinda da implantação de uma formação específica fundamentada em um corpo teórico, culminando na aquisição de uma cultura profissional (DUBAR, 2005).

Há, então, um confronto institucionalizado no campo esportivo, que se refere diretamente à atividade de treinador de futebol e à qualificação e formação para exercer esta função. Existe, portanto, a necessidade de se entender como se configura a relação entre os grupos que buscam a legitimidade neste campo, e como a mídia esportiva contribui para auxiliar, ou não, o reconhecimento social desta atividade. Entende-se que a mídia tem a capacidade de conferir legitimidade às disputas sociais e interferir no campo esportivo, tornando-se necessário analisar o conteúdo destes meios que se relacionam ao treinador de futebol.

Para compreendermos melhor esta relação, o tópico seguinte trata especificamente da relação entre mídia e treinadores de futebol.

2.4. A mídia e a profissão de treinador de futebol

Mas... vai ser diferente? Vai ser diferente? Se não der certo é o normal que vai acontecer, eu tenho que estar preparado para isso, sou sabedor disso, se eu convocar A, B ou C e não deu certo, mesmo que eu leve aquele que... o jornal deseja... que a televisão deseja... vai ser... o pau vai comer! Eu sei disso! Então, o que adianta tá agradando A, B ou C e eu ter dor de barriga? Não tenho dor de barriga, convoco quem eu quiser e se está errado vocês façam aquilo que vocês acharem que tem que fazer, pronto.

(Luis Felipe Scolari, Treinador da Seleção Brasileira de Futebol, respondendo a um jornalista sobre se temia sofrer críticas devido a não convocação de um jogador para a Copa das Confederações de 2013).

Vimos neste capítulo algumas características do esporte, e, sobretudo, o futebol da mídia, além da disputa que existe hoje em relação à profissão de treinador de futebol. Neste momento, cabe uma reflexão sobre o contexto no

qual estão inseridos jornalistas e treinadores, e como estes agentes interagem em seus campos.

É importante observar que a mídia detém função importante nesta relação, pois é através dela que a maior parte do público toma contato com o espetáculo esportivo (SILVA; MARCHI JR, 2009). Outro ponto essencial a se considerar é que há uma tendência cada vez maior de os programas televisivos substituírem a figura do repórter investigador em favor do animador-comunicador, e a informação e análise aprofundada em favor do entretenimento (SANTAELLA, 1996; BETTI, 1998).

Neste contexto, apesar da complexidade que envolve o processo de treino no futebol de alto rendimento e a gama de fatores que influenciam as decisões de um treinador, a mídia reafirma, constantemente, o senso comum de que “no Brasil existem 190 milhões de treinadores”, corroborando para a ideia de que a profissão de treinador de futebol pode ser exercida por qualquer pessoa, independente de sua formação, dedicação e capacidade para as exigências do cargo. Contudo, a mesma mídia que não cobra formação adequada para exercer a função, costuma responsabilizar quase que exclusivamente os treinadores pelas derrotas da equipe e julgá-los a cada ato. Para se ter uma ideia desta conturbada relação, ao entrevistar treinadores da primeira divisão do campeonato brasileiro de futebol, Marturelli Júnior e Oliveira (2002) encontraram que a interferência da imprensa é a quarta maior dificuldade relatada pelos treinadores em seu trabalho diário.

Isto acontece porque os treinadores se confrontam a todo o momento com o poder da mídia, de onde chega e parte o reconhecimento social da competência e da atribuição de prestígio (MACHADO, 2010). Para o autor, os questionamentos da mídia geram constante tensão nos treinadores, uma vez que a instabilidade profissional, maior dificuldade relatada pelos treinadores, advém a partir do reconhecimento de suas competências, em grande parte, pela mídia esportiva.

Machado (2010) explicita a difícil tarefa dos treinadores na relação com os agentes dos meios de comunicação de massa:

[...] aos treinadores de futebol cabe a difícil e aparentemente paradoxal missão de retirar forças do “quarto poder” para ganhar poder perante ele e, simultaneamente, fazê-lo aceitar

essa perda de força concedendo a deferência de reproduzir o prestígio desses mesmos treinadores. (MACHADO, 2010, p. 6).

Este embate entre treinadores e jornalistas adquire um papel fundamental no conjunto de funções deste treinador. Esta função tomou uma proporção tão grande que, nos últimos anos, foram introduzidas duas funções específicas dentro do futebol para intermediar esta relação: o assessor de imprensa e o *midia training*. Estes agentes têm como responsabilidade organizar e instruir os treinadores e atletas sobre como se comunicarem com a mídia. Isto ocorre porque a reprodução midiática do desempenho positivo ou negativo destes agentes pode conduzir, ou não, ao reconhecimento social amplificado e de repercussões inimagináveis sobre a competência profissional de um treinador ou de uma equipe de futebol (MACHADO, 2010).

Esta *falação*, de idolatria ou contestação sobre os treinadores de futebol, muitas vezes realizada a partir de uma análise pouco criteriosa possui a capacidade de criar heróis ou vilões, gerar elogios ou críticas por parte dos torcedores de uma determinada equipe (HELAL, 2003).

Isso é um dos fatores que contribuem para o que a mídia costuma chamar de “ciranda de técnicos”, caracterizada pelas frequentes demissões e contratações realizadas pelos clubes para exercer esta função. Vale lembrar que só nos dois primeiros meses de 2013 foram demitidos mais de 100 treinadores nos campeonatos estaduais pelo Brasil (UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2013). Em contrapartida, o mesmo treinador que, após uma derrota é taxado de incompetente pela mídia e demitido, é contratado na sequência por outra equipe e considerado pelos mesmos comentaristas como o “salvador da pátria”. Um dos casos mais recentes desse paradoxo é o caso do treinador Luis Felipe Scolari, o “Felipão”, demitido do Palmeiras no dia 13/09/12. O portal de notícias UOL publicou uma notícia com a manchete “*Felipão é demitido e deixa o Palmeiras em crise após 26 meses no comando e um título*”; no corpo da matéria, a seguinte justificativa: “*O treinador não resistiu à péssima campanha no Campeonato Brasileiro e a derrota por 3x1 para o Vasco, em São Januário, foi a gota d’água para a demissão...*”. Dois meses e meio depois, no dia 28/11/12, o treinador foi contratado para comandar seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Na ocasião, o mesmo portal UOL apresentou a manchete: “*CBF escolhe Felipão como novo técnico da seleção e*

faz supercomissão com Parreira". O adjetivo "péssima" na primeira notícia o superlativo "supercomissão" na segunda apresentam mudança significativa da análise em virtude não sendo utilizados argumentos relacionados ao treinamento esportivo e a complexidade da função. Os adjetivos são utilizados tendo como base, impressões dos agentes do campo midiático. Percebe-se nas notícias que o campo midiático não se furta a atribuir valor ao referido treinador, não limitando-se apenas a comunicar sobre o mesmo.

Há então uma interdependência do campo esportivo e midiático, uma vez que o campo midiático tem como bem específico o discurso sobre os demais campos sociais, fazendo com que eles tornem-se coatores de sua própria história, muitas vezes regida pela lógica midiática, confundindo-se inclusive com a vida social. Isto gera uma tensão permanente entre os campos, acusando o campo midiático de interferir na especificidade de seu saber, por outro lado, estes campos precisam dos media para assegurarem a visibilidade de sua própria legitimidade.

De acordo com o contexto apresentado, cabe a este estudo investigar a relação entre o campo midiático e o campo esportivo no que se refere ao conteúdo do discurso televisivo a respeito do treinador de futebol e sua profissão.

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Características da pesquisa

A presente pesquisa configura-se como de natureza qualitativa, sendo realizada a partir da análise de programas televisivos sobre esporte. Nestes programas foram analisadas todas as notícias e comentários relacionados direta ou indiretamente ao tema treinador de futebol.

A organização da pesquisa qualitativa envolve prioritariamente as ciências humanas e sociais e abarca diversas possibilidades de análise na busca tanto de encontrar o sentido, quanto de interpretar os significados que as pessoas dão aos fenômenos sociais (CHIAZZOTTI, 2003).

Para Chiazotti (2003), o termo qualitativo implica em uma partilha densa com o objeto de estudo, para que seja possível fazer análises e extrair significados perceptíveis apenas se fruto de uma atenção criteriosa. Neste sentido, o pesquisador deve estar atento ao maior número de elementos possíveis na situação estudada, pois qualquer aspecto supostamente trivial pode levar a uma melhor compreensão do problema (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Esta perspectiva torna o pesquisador parte central do processo de pesquisa e análise, pois ele é responsável por determinar os rumos a serem seguidos por sua investigação, partindo da coleta, passando pelo quadro teórico escolhido e finalizando com a análise e interpretação dos resultados. Isto implica na necessidade de conhecimentos, sensibilidade e percepção aguçada sobre o assunto investigado. Na visão de Chiazotti (2003):

[...] os pesquisadores que optaram pela pesquisa qualitativa ao se decidirem pela descoberta de novas vias investigativas, não pretenderam, nem pretendem furtar-se ao rigor e à objetividade, mas reconhecem que a experiência humana não pode ser confinada aos métodos nomotéticos de analisá-la e descrevê-la (CHIAZZOTTI, 2003, p. 232).

A presente pesquisa também pode ser enquadrada como um estudo de caso, pois envolve a análise do discurso da mídia sobre treinadores de futebol durante o Mundial de Clubes da FIFA de 2011.

O estudo de caso se caracteriza pelo enfoque em um determinado recorte, possibilitando maior entendimento do contexto e uma apreciação mais

profunda do assunto avaliado. A responsabilidade de generalização dos resultados obtidos em um estudo de caso não se trata do principal objetivo da pesquisa, mas existe a possibilidade de realizar a transferência dos resultados da investigação para outras realidades (MARCON, 2011).

3.1.2. Critérios de seleção da amostra

Para Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998, p.162), “Ao contrário do que ocorre em pesquisas tradicionais, a escolha do campo onde serão colhidos os dados, bem como dos participantes é proposital”. No estudo de caso, por se tratar de um contexto específico, é necessário que o pesquisador tenha critérios científicos claros, definidos e justificados para a escolha deste recorte.

No presente trabalho, optou-se por estudar os programas veiculados durante o campeonato Mundial de Clubes da FIFA por se tratar de uma competição realizada em um curto espaço de tempo (dez dias) em dezembro, mês no qual os demais campeonatos de futebol no Brasil já estão encerrados. Este fator permite uma ampla e significativa cobertura midiática do evento, sendo possível coletar um grande volume de dados em um curto período.

Para além da cobertura midiática, o Mundial de clubes da FIFA reúne os campeões continentais de todo o mundo, possibilitando principalmente o enfrentamento entre clubes da América do Sul e Europa. Os dois continentes dividem a supremacia do futebol, pois nunca um Mundial, seja de clubes ou seleções, foi vencido por uma equipe de fora destes continentes. Na Copa do Mundo de seleções, os europeus venceram onze vezes contra nove dos sul-americanos, já no Mundial de clubes, em seu formato atual de disputa, foram conquistadas quatro vitórias para a América do Sul e seis para o continente europeu (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO, 2014). O torneio reuniu também o Barcelona e Santos, eleita pela *International Federation of Football History & Statistics* (IFFHS) melhor equipe do mundo e melhor equipe brasileira respectivamente, no ano de 2011, época da coleta.

O Barcelona foi dirigido por Josep Guardiola i Sala, conhecido como Pep Guardiola, eleito pela FIFA melhor treinador do mundo em 2011. Já a equipe santista foi comandada por Muricy Ramalho, treinador campeão Brasileiro em 2006/07/08 e 2010 com diferentes clubes, campeão paulista e da taça

Libertadores da América em 2011 com a equipe do Santos F. C., eleito o melhor treinador do campeonato Brasileiro em cinco das últimas nove edições.

3.2. Fontes de Pesquisa

3.2.1. Pesquisa Documental e Bibliográfica

A Pesquisa foi realizada através de fontes documentais e bibliográficas. Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998) consideram como documento qualquer registro que possa ser utilizado como fonte de informação como: vídeos, imagens, filmes, reportagens, entre outros.

No presente estudo foi realizada a pesquisa em documentos da mídia, coletados a partir da gravação de programas esportivos como jogos, noticiários, mesas redondas, entre outros. Estes materiais foram gravados de canais de televisão aberta e fechada (TV a cabo paga), no período que compreendeu o início da disputa (09 de dezembro) e um dia após a final do torneio (19 de dezembro).

Foram gravados dezoito programas esportivos, no momento de sua transmissão, totalizando 29 horas 33 minutos e 50 segundos de gravação. Destes, a amostra foi constituída por cinco programas, que, juntos, tiveram duração total de 8 horas 21 minutos e 16 segundos, aproximadamente um terço do tempo total do material coletado.

Tabela 1. Tempo e data do material coletado e selecionado para análise.

Programas	Tempo	Canal	Data	Programas analisados
Redação Sportv	01:29:47	Sportv	09/12/11	
Arena Sportv	01:30:45	Sportv	09/12/11	
Redação Sportv	01:42:00	Sportv	12/12/11	
Arena Sportv	01:36:22	Sportv	12/12/11	
Bem Amigos	01:30:03	Sportv	12/12/11	
Redação Sportv	01:40:00	Sportv	13/12/11	
Arena Sportv	02:04:53	Sportv	13/12/11	
Troca de Passes	01:56:07	Sportv	14/12/11	
Arena Sportv	01:55:19	Sportv	14/12/11	
Arena Sportv	01:59:54	Sportv	15/12/11	
Redação Sportv	01:44:54	Sportv	16/12/11	Analisado
Arena Sportv	02:00:54	Sportv	16/12/11	
Pré-jogo Barcelona x Santos	00:49:53	Sportv	18/12/11	Analisado
Jogo Barcelona x Santos	01:52:12	Globo	18/12/11	Analisado
Troca de Passes	02:00:00	Sportv	18/12/11	Analisado
Redação Sportv	00:51:31	Sportv	19/12/11	
Arena Sportv	00:54:59	Sportv	19/12/11	
Bem Amigos	01:54:17	Sportv	19/12/11	Analisado
Tempo total gravado	29:33:50	Tempo total analisado	08:21:16	

Foram selecionados estes programas para análise tendo em vista três motivos principais:

I) Por envolverem o jogo final do campeonato, no qual a comunicação foi quase que exclusivamente direcionada ao jogo e seus agentes;

II) Por se tratar da cobertura de um jogo de final de campeonato, em que as comunicações tendem a ter uma maior repercussão social;

III) Por ser possível verificar o comportamento do discurso televisivo em relação aos treinadores nos momentos que envolvem o jogo.

Os demais programas, principalmente dos dias iniciais do campeonato ainda possuíam uma pauta mais abrangente, principalmente relacionada a retrospectivas do ano, sendo pouco efetivos no cumprimento dos objetivos do estudo. A dinâmica pensada para análise, de acordo com a característica temporal do programa seguiu a dinâmica apresentada abaixo.

Tabela 2. Momento do campeonato e características dos programas analisados

Programa	Momento no campeonato	Características do programa
Redação Sportv	Programa dois dias antes da final	Análise prévia e expectativas para o confronto
Pré-jogo	Programa imediatamente antes	Preparação para a partida
Jogo Barcelona x Santos	Jogo	Narração e comentários do jogo
Troca de Passes	Programa imediatamente após	Análise com a emoção da partida aflorada
Bem Amigos	Programa no dia seguinte a final	Análise da partida com pauta previamente definida.

Na análise dos referidos programas, atingiu-se o objetivo de extrair um conteúdo significativo sobre a comunicação midiática a respeito dos treinadores de futebol, não havendo necessidade de analisar mais programas.

3.2.2 Comitê de Ética

Por se tratar de pesquisa que utilizou fontes documentais, composta por documentos públicos midiáticos não foi necessária a aprovação do Comitê de Ética para este projeto, em cumprimento à Resolução 196/96 para pesquisa com seres humanos.

3.3. Análise dos dados

3.3.1. Análise de conteúdo e o estudo da mídia

Para este processo, a análise de conteúdo, de Bardin (2009) serviu como referencial metodológico para a verificação dos dados. Além desta ferramenta, por se tratar de programas televisivos, foi somado o referencial para análise crítica de noticiários de Joan Ferrés (1996). Buscou-se, com estes dois referenciais, abranger as questões ligadas ao conteúdo e a forma das mensagens, o que para Betti (1998) é de fundamental importância. Estrutura do noticiário e estrutura audiovisual, interesse, espetacularidade e efeitos, fatos e opiniões dos participantes dos programas e recursos visuais e sonoros são alguns dos principais focos da análise pautada na metodologia de Ferrés (1996).

Segundo Bardin (2009), a análise de conteúdo iniciou-se com o estudo da imprensa e da propaganda por Harold Lasswell em seu livro editado em 1927: *Propaganda Technique in the World War*, e “nasce”, portanto, com a pesquisa da imprensa jornalística no início do século XX.

A metodologia é definida pela autora da seguinte forma:

O que é a análise de conteúdo atualmente? Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a “discursos” (conteúdos e conteúdos) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois polos, do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade. (BARDIN, 2009, p.11).

O presente estudo utilizou-se da análise de conteúdo tanto em seu viés quantitativo e qualitativo com objetivo de possibilitar maior clareza no diagnóstico dos resultados em um objeto ainda pouco estudado, a relação entre treinadores de futebol e mídia. Na abordagem quantitativa, são computados o tempo e respectivo percentual em que são tratadas notícias sobre futebol e treinadores. Já na abordagem qualitativa considera-se a presença ou ausência de itens de sentido e características significativas referentes aos conteúdos da mensagem (CAREGNATO; MUTTI, 2006).

Bardin (2009) define dois objetivos principais desta metodologia:

- a *superação da incerteza*: o que julgo ver na mensagem estará lá efetivamente contido, podendo esta “visão” muito pessoal ser partilhada por outros?

Por outras palavras, será a minha leitura válida e generalizável?

- e o *enriquecimento* da leitura: se um olhar imediato, espontâneo, é já fecundo, não poderá uma leitura atenta aumentar a produtividade e a pertinência? Pela descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações susceptíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos que *a priori* não possuíamos a compreensão. (BARDIN, 2009, p.31).

Como parte dos domínios susceptíveis à análise de conteúdo, Bardin (2009) enfatiza a comunicação de massa. É possível pela análise de conteúdo analisar desde jornais impressos, rádio, anúncios publicitários, passando pela televisão (principal fonte de análise do presente estudo), até códigos semióticos como a sinalização urbana, mitos, estereótipos, entre outros.

Como orientação para análise, a autora ressalta que é necessário saber a quantidade de pessoas implicadas na comunicação e a natureza do código e do suporte da mensagem, como é apresentado no quadro 01.

Quadro 01. Domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo com destaque para objeto do presente estudo. Adaptado de Bardin (2009)

<i>Quantidade de pessoas implicadas na comunicação</i>			
Código e suporte	Uma pessoa "monólogo"	Comunicação dual "diálogo"	Grupo restrito
LINGÜÍSTICO			
Escrito	Agendas, maus pensamentos, congeminações, diários íntimos.	Cartas, respostas a questionários, a testes projetivos, trabalhos escolares.	Ordens de serviço numa empresa, todas as comunicações escritas trocas dentro de um grupo.
Oral	Delírio do doente mental, sonhos.	Entrevistas e conversas de qualquer espécie.	Discussões, entrevistas, conversas de grupo de qualquer natureza.
<p>ICÔNICO (sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes, etc.).</p>			
	Garatujas mais ou menos automáticas, grafitos, sonhos	Respostas aos testes projetivos, comunicação entre duas pessoas através da imagem.	Toda a comunicação icônica num pequeno grupo (p. ex.: símbolos icônicos numa sociedade secreta, numa casta...).
<p>OUTROS CÓDIGOS SEMIÓTICOS (i.e, tudo o que não sendo linguístico pode ser portador de significações; ex.: música, código olfativo, objetos diversos, comportamentos, espaço, tempo, sinais patológicos, etc.).</p>			
	Manifestações históricas da doença mental, posturas, gestos, tiques, dança, coleções de objetos.	Comunicação não verbal com destino a outrem (posturas, gestos, distância espacial, sinais olfativos, manifestações emocionais, objetos cotidianos, vestuário, alojamento...), comportamentos diversos, tais como rituais e regras de cortesia.	Meio físico e simbólico: sinalização urbana, monumentos, arte...; mitos, estereótipos, instituições, elementos de cultura.

Pretende-se utilizar os critérios da análise de conteúdo para realizar uma leitura diferenciada do documento, que vai além da ideia de transparência dos fatos sociais, buscando ideologias, tendências e características dos fenômenos, possíveis de serem observados apenas em uma análise atenta das comunicações que se apresentam.

3.3.2. *Etapas da análise*

O estudo foi dividido em duas etapas. Na primeira parte, foi realizado um projeto piloto, com a análise dos jornais impressos publicados nos dias anterior e posterior à final do campeonato (SILVA; DRIGO, 2013). Nesta primeira etapa também foi realizado a análise de um programa televisivo utilizando-se da metodologia selecionada. Com isto, o autor teve a intenção de obter a validação dos processos de pesquisa, na qualificação da dissertação de mestrado, além de ter maior clareza dos caminhos a serem seguidos. Após a qualificação. Foram considerados os encaminhamentos sugeridos pela banca com o intuito de melhorar os processos de análise.

A análise organizou-se em três fases fundamentais:

- 1) a pré-análise;
- 2) a exploração do material;
- 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Na pré-análise, como foi explicado no tópico *critérios para seleção da amostra*, foi escolhido um universo particular com intuito de responder a objetivos e hipóteses específicas do estudo.

Foi, em seguida, realizada uma “leitura flutuante”, uma apreciação geral dos documentos como forma de conhecê-los e favorecer o aparecimento de orientações e impressões. A partir dessa leitura e da realização da primeira etapa da análise com as considerações realizadas na qualificação de mestrado foi possível tanger as possibilidades para um estudo mais profundo dos documentos oriundos da coleta de dados.

A análise do material foi realizada da seguinte forma:

I) Análise dos agentes responsáveis pela comunicação televisiva (Jornalistas, apresentadores, comentaristas, convidados, outros), com o objetivo de uma análise contextual sobre os agentes do campo;

II) Análise da porcentagem do tempo total destinada a comunicar sobre os treinadores de futebol nos momentos que envolveram o jogo;

III) Análise quantitativa das palavras e verbos recorrentes nos programas analisados, permitindo a noção geral da temática das comunicações realizadas;

IV) Análise categorial das diferentes comunicações que envolveram o treinador de futebol.

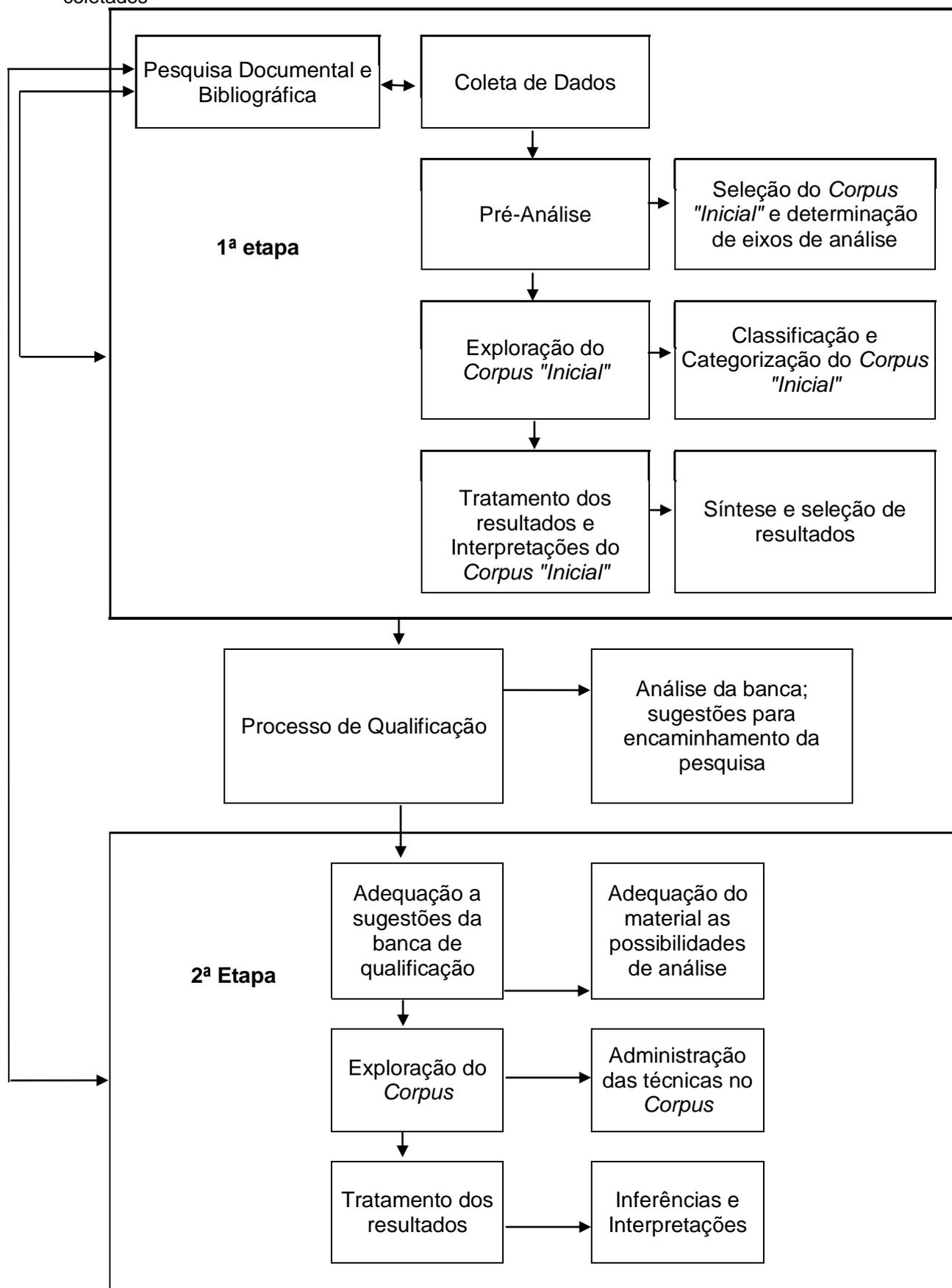
Segundo Bardin (2009), a análise categorial é a técnica mais antiga e mais utilizada e busca considerar a totalidade das comunicações, classificando a mensagem a partir da frequência ou ausência de itens de sentido. As categorias criadas neste tipo de verificação atuam como gavetas ou caixas na quais os objetos vão sendo guardados de acordo com um determinado critério de seleção. Bardin (2009) lista algumas regras que direcionam a análise, mas afirma que estas são, de fato, raramente aplicáveis em sua totalidade:

- homogêneas: não se mistura às categorias e critérios de análise;
- exaustivas: esgota a totalidade do “texto”;
- exclusivas: um elemento não pode ser classificado aleatoriamente em duas categorias distintas;
- objetivas: codificadores diferentes devem chegar a resultados semelhantes;
- adequadas ou pertinentes: adaptadas ao conteúdo e aos objetivos da pesquisa.

As categorias foram criadas a partir da necessidade e de acordo com o material analisado, não de forma prévia. O principal critério para a criação das categorias foi o sentido da comunicação, principalmente no que se refere à relação entre o conteúdo das mensagens e a profissão de treinador de futebol.

O material foi analisado de forma quantitativa (tempo de comunicação sobre treinadores; palavras e verbos recorrentes na comunicação) e qualitativa (agentes da comunicação, categorias e análise de conteúdo), com o objetivo principal de entender todo o contexto que envolve a comunicação da mídia em relação ao treinador de futebol, permitindo fazer inferências sobre as possíveis consequências destas no reconhecimento social da profissão de treinador de futebol.

Figura 1 Fluxograma dos procedimentos metodológicos para coleta e análise dos dados coletados



CAPÍTULO 4 – RESULTADOS

O presente estudo recorreu a análises quantitativas e qualitativas sobre o conteúdo do discurso midiático referente aos treinadores de futebol. Para um melhor entendimento acerca do campo midiático e suas relações com o campo esportivo, sobretudo na análise dos treinadores de futebol, optou-se por apresentar os dados da seguinte forma:

- Agentes da mídia presentes nos programas analisados;
- Tempo e porcentagem do programa destinada a comunicar sobre treinadores de futebol;
- Palavras e verbos recorrentes nos diferentes momentos analisados;
- Análise categorial do conteúdo referente à comunicação sobre treinadores de futebol.

A organização dos resultados tem o intuito de apresentar quem são os responsáveis pela comunicação a respeito do campo esportivo e, conseqüentemente, dos treinadores de futebol; quanto tempo dos programas é destinado a comunicar sobre treinadores de futebol; quais palavras e verbos foram utilizados de maneira recorrente para comunicar sobre estes e, por fim, qual o conteúdo presente nesta comunicação.

Com exceção dos agentes da comunicação, as demais análises foram divididas nos momentos que envolveram o jogo final permitindo avaliar a influência do resultado e da dinâmica dos programas no conteúdo apresentado. Como descrito na metodologia, os momentos foram divididos em: Dia Anterior ao Jogo (DAJ); Pré-jogo (Pré-J); Jogo (J); Pós-jogo (Pós-J) e Dia Seguinte ao Jogo (DSJ).

Com isto, entende-se ter uma análise densa, que esgota os objetivos pretendidos pelo estudo, fornecendo uma visão mais aprofundada sobre a relação entre o campo midiático e o campo esportivo, mais precisamente sobre o subcampo do futebol, e como estas comunicações podem, de alguma maneira, interferir no reconhecimento social da profissão e dos grupos que buscam legitimidade na atuação como treinadores de futebol.

4.1. Os agentes da comunicação

A análise dos agentes da comunicação tem como objetivo perceber a origem dos apresentadores, comentaristas e convidados dos programas analisados, entendendo a constituição do contexto analisado.

Durante os cinco programas analisados, 16 diferentes agentes ocuparam 17 funções, já que um atuou como apresentador no programa do dia anterior ao jogo final e comentarista no programa imediatamente após o jogo. Estes agentes foram divididos nas seguintes funções:

- um narrador;
- quatro apresentadores;
- dez comentaristas;
- dois convidados;

Em relação à carreira profissional destes agentes, foi encontrada a seguinte distribuição:

- Doze jornalistas;
- Quatro ex-jogadores de futebol.

Dos quatro ex-jogadores de futebol profissional, dois atuaram como comentaristas na partida entre Barcelona e Santos, sendo que um deles compôs também a mesa redonda do programa do DSJ. Os outros dois ex-jogadores foram convidados para fazer parte desta mesma mesa redonda. Um dos convidados possuía uma forte ligação com a equipe do Santos, tendo atuado na equipe de Pelé na década de 60 e, na data do programa, atuava como treinador das categorias de base da equipe Santista. O outro convidado havia atuado na equipe do Barcelona como jogador e, à época, estava atuando como auxiliar técnico na equipe do Cruzeiro Esporte Clube.

Percebe-se a ausência de profissionais formados em curso de Educação Física ou em cursos de treinadores. Os grupos responsáveis pela comunicação midiática se dividiram entre os jornalistas que tinham capital cultural e simbólico no campo midiático e ex-jogadores que possuíam o capital simbólico e futebolístico por terem atuado como jogadores de futebol profissionais.

4.2. O tempo de comunicação sobre treinadores

Foi realizada a análise do tempo destinado a comunicar os diferentes temas apresentados no programa, entre eles, os treinadores de futebol. Como

os programas analisados possuíam diferentes durações, a análise foi constituída pela porcentagem do tempo total do programa destinada a comunicar sobre cada categoria. Com o intuito de melhorar a visualização dos dados optou-se por criar apenas três categorias: *Barcelona x Santos*, que incluiu todos os assuntos referentes ao jogo com exceção da comunicação sobre os treinadores; *Treinadores de Futebol*, que contemplou todo tempo destinado a comunicar sobre os treinadores e, *Outros Assuntos*, categoria que aglutinou outros esportes, atrações musicais, retrospectivas dos programas, entre outros.

A análise foi dividida entre os momentos que envolveram o jogo, permitindo inferir a consequência do resultado na comunicação. Esta análise pode servir, inclusive, de referência para outros estudos sobre mídia e treinadores de futebol.

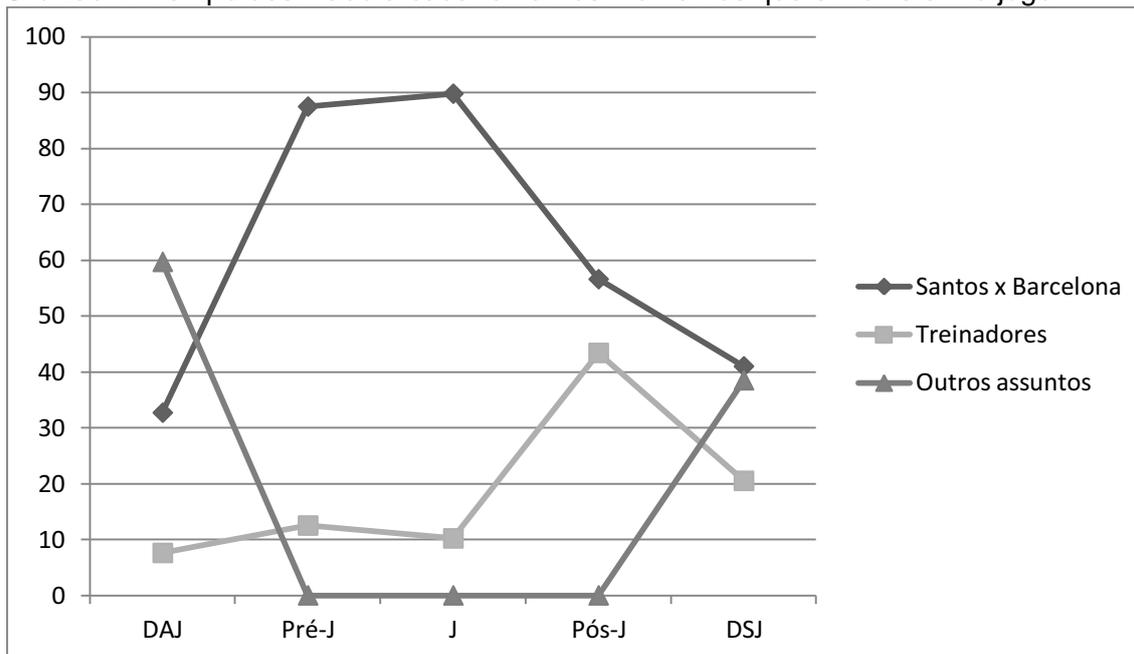
A tabela 3 apresenta as diferentes porcentagens do tempo total dos programas destinadas a comunicar sobre a partida *Barcelona x Santos*, *Treinadores* e *Outros assuntos*.

Tabela 3. Porcentagem de tempo referente aos temas nos diferentes dias de análise.

Tema	DAJ	Pré-J	J	Pós-J	DSJ	Média – DP
Barcelona x Santos	32,7	87,5	89,8	56,6	41,0	61,5 ± 23,5
Treinadores	7,6	12,5	10,2	43,4	20,5	18,8 ± 13,0
Outros assuntos	59,7	-	-	-	38,5	19,6 ± 10,6
Total	100					

Os resultados apresentam que a comunicação sobre treinadores de futebol possui relevância dentro dos programas televisivos analisados. Se levarmos em consideração a maior abrangência de temas presentes nas categorias *Barcelona x Santos* e *Outros assuntos* é possível perceber que uma parte significativa do tempo dos programas são destinados a comunicar sobre este agente do campo esportivo.

Para melhor visualização, o comportamento do tempo destinado a comunicar sobre os treinadores de futebol nos momentos que envolveram o jogo é apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 1. Tempo destinado a cada tema nos momentos que envolveram o jogo

No gráfico apresentado, os momentos *Pré-J* e o *J* apresentaram valores abaixo da média total dos cinco programas analisados. Contudo, no *Pós-J* e *DSJ*, os treinadores foram temas mais presentes nos programas analisados, sendo que no momento *Pós-J* quase metade do programa foi destinado a comunicar sobre estes. Este comportamento permite observar que, após o jogo, debater sobre os treinadores foi parte importante da agenda da mídia esportiva.

4.3. Análise de conteúdo das comunicações - Palavras e verbos recorrentes nos diferentes momentos que envolvem o jogo

A análise quantitativa das palavras e verbos recorrentes foi utilizada como recurso da análise de conteúdo permitindo extrair o pano de fundo e o direcionamento das comunicações sobre os treinadores nos diferentes momentos que envolveram o confronto *Barcelona x Santos*.

Foram consideradas apenas as transcrições referentes aos treinadores. O número de vezes que uma palavra se repete no discurso indica a tendência da comunicação, apresentando também alguns temas centrais abordados pelos agentes da mídia em relação aos treinadores.

4.3.1. O Dia Anterior ao jogo

O dia anterior ao jogo caracterizou-se como criador de expectativa uma vez que abordou questões que envolviam o jogo de maneira a despertar o interesse do espectador para a partida que seria transmitida. Foram discutidos sobre os possíveis resultados, qual equipe e treinador eram mais qualificados, quais as possíveis escalações, entre outros.

As palavras e verbos recorrentes no programa do DAJ são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 4. Palavras e verbos frequentes na comunicação sobre treinadores no programa do dia anterior ao confronto Barcelona x Santos

Palavras e verbos	Número de ocorrências
Acho/acredito	13
Trocar/mexer/mudar/tirar/botar/colocar	7
Aposta/projeta	5
Concordo/discordo	5
Nota (comparação)	4
Total	34

O DAJ teve como tema principal a análise dos agentes da mídia sobre a possível escalação do treinador do Santos, Muricy Ramalho, para a final frente ao Barcelona. Expectativas, sugestões, aposta e projeções foram os temas centrais da comunicação.

As palavras *acho/acredito*, voltadas à análise dos jornalistas e comentaristas sobre as previsões e suposições em relação às escalações dos treinadores dominaram praticamente todo o primeiro bloco do programa. Evidencia-se isto nos verbos que descrevem as ações de Muricy em relação ao jogo, como por exemplo: *trocar, mexer, mudar, tirar* etc. As análises indicam e supõe o comportamento do treinador e os comentaristas discutem se concordam ou não com as possíveis atitudes do mesmo.

No segundo bloco do programa, a comparação entre Muricy Ramalho e Pep Guardiola adquiriu relevância. O programa comparou os jogadores e os treinadores das duas equipes, concedendo nota aos mesmos. A atribuição de notas para os dois treinadores indica um juízo de valor e a conferência de competência a treinadores por parte da mídia esportiva. Neste momento, as opiniões dos jornalistas estiveram, sobretudo, nas qualidades similares de Pep Guardiola e Muricy Ramalho.

4.3.2. O pré-jogo

A comunicação sobre treinadores no momento *Pré-J* centrou-se em uma entrevista exclusiva de Muricy Ramalho ao canal televisivo que transmitiu o campeonato. A entrevista, gravada anteriormente, foi editada e apresentada em diferentes blocos do programa que antecedeu a final.

As palavras e verbos recorrentes nesta entrevista são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 5. Palavras e verbos frequentes na comunicação sobre treinadores no programa imediatamente anterior ao confronto Barcelona x Santos.

Palavras e verbos	Número de ocorrências
Carreira	5
Investi	4
Campeão	3
Ganhar/ganhou	3
Decisão	2
Trabalho	2
Preparação	2
Total	21

O tema central da entrevista foi a trajetória profissional do treinador Muricy Ramalho até o momento da disputa do campeonato mundial de clubes.

Foi destacado o *investimento* de Muricy Ramalho em sua *carreira* como treinador, focando exclusivamente em sua trajetória, já como treinador, em clubes. O investimento apontado não reflete uma preparação através de cursos, gastos e disponibilização de tempo para formação inicial ou continuada, mas, sim, na atuação profissional remunerada no cargo de treinador de futebol. Pode-se considerar que o referido treinador planejou sua carreira profissional de forma inteligente e que isso o ajudou a se tornar um treinador melhor, contudo, é importante destacar a diferença entre isto e o investimento na sua formação.

As palavras relacionadas à vitória, como: *ganhar*, *ganhou*, *decisão*, *campeão* apareceram frequentemente sendo utilizadas como elementos para atribuição de prestígio e confirmação do sucesso da carreira do treinador entrevistado.

4.3.3. O jogo

Durante o jogo propriamente dito, a comunicação centrou-se na narração dos acontecimentos da partida e nas opiniões do narrador e dos

comentaristas sobre os lances transmitidos. Foram analisados: os jogadores, as possibilidades de mudança, o histórico das equipes e dos confrontos, o desempenho dos árbitros e assistentes, o desempenho dos treinadores, entre outros. Por se tratar de um confronto entre uma equipe brasileira e uma equipe europeia, durante a transmissão ficou evidente a “torcida” e os comentários referentes às possibilidades e estratégias das quais a equipe do Santos deveria lançar mão para vencer a partida. A mistura entre transmissão, comentários e torcida passa a impressão de patriotismo e identifica-se com a própria torcida do time.

As palavras e verbos recorrentes durante o jogo Santos e Barcelona são apresentados na tabela 6.

Tabela 6. Palavras e verbos frequentes durante o confronto Barcelona x Santos

Palavras e verbos	Número de ocorrências
Tem que + verbo (infinitivo)	34
Fazer	32
Muricy	14
Não pode	6
Técnico / Treinador	5
Guardiola	4
Total	65

Pelas características do jogo (derrota parcial do time santista por 3x0 ainda no primeiro tempo), predominaram-se as sentenças que sugeriam mudanças ou atitudes que deveriam ser tomadas pelo treinador Muricy Ramalho e os jogadores de sua equipe. Estas foram caracterizadas pela expressão *tem que* seguida por um verbo no infinitivo como, por exemplo: “*tem que marcar*”, “*tem que roubar a bola*”, “*tem que ir para cima!*”, dentre outras. O verbo *fazer* também foi empregado em grande parte em sentenças, como em “*tem que fazer*”, “*precisa fazer*”, “*O que o Muricy pode fazer?*”. Estas sentenças demonstram a forte tendência dos comentaristas, de tentarem, em suas análises, ser propositivos na resolução dos problemas do jogo.

Nesta análise o nome do treinador Muricy Ramalho esteve mais presente do que o do treinador do Barcelona, Pep Guardiola, uma vez que as comunicações centraram-se principalmente nas atitudes que deveriam ser tomadas para que o Santos vencesse a partida.

4.3.4. Pós-jogo

No momento *Pós-J*, a comunicação teve como foco as entrevistas coletivas dos dois treinadores.

Após a derrota e o sentimento de frustração por ela gerado, os motivos atribuídos para explicá-la foram os mais diversos possíveis, considerando, sobretudo, o discurso do treinador da equipe do Barcelona, Pep Guardiola, que, em sua entrevista coletiva, disse que o Barcelona jogava de acordo com o que, segundo ele, seus pais e avós haviam dito sobre como o Brasil jogava. Esta frase serviu como pano de fundo para praticamente todas as análises utilizadas pelos comentaristas nos momentos pós-jogo.

A tabela 7 apresenta as principais palavras e verbos recorrentes no momento pós-jogo.

Tabela 7. Palavras e verbos recorrentes na comunicação sobre os treinadores no programa realizado imediatamente após o jogo Barcelona x Santos.

Palavras e verbos	Número de ocorrências
Venceu / Perdeu	5
Por quê?	5
Muricy	5
Campeão / Título	4
Abandonamos/Deixamos	3
Guardiola	3
“Puxão de orelha” / lição	3
Ensinando/formando	2
Total	30

Neste momento, diante a superioridade apresentada pela equipe espanhola no jogo final, começou-se a contestar a qualidade do futebol brasileiro, dos treinadores, dos professores e outros. As palavras: *venceu*, *perdeu*, *por quê?*, *deixamos* e *abandonamos* foram empregadas sempre em tom de crítica ao futebol brasileiro e exaltação ao futebol apresentado pelo Barcelona.

4.3.5. Dia seguinte ao jogo

No dia seguinte à derrota da equipe do Santos por 4x0, os agentes do campo midiático enfatizaram uma crise no futebol brasileiro. A comunicação não foi relacionada apenas à partida Barcelona x Santos, mas também ao futebol brasileiro diante do futebol europeu.

A tabela abaixo apresenta as palavras e verbos recorrentes no programa apresentado no dia seguinte ao jogo Barcelona x Santos.

Tabela 8. Palavras e verbos frequentes na comunicação sobre treinadores no programa do dia seguinte ao confronto Barcelona x Santos

Palavras e verbos recorrentes	Número de ocorrências
Barcelona	49
Guardiola	25
Santos	18
Técnicos/treinadores	13
Mudar/mudança	12
Tem que + verbo (imperativo)	9
Choque/chocado	8
Muricy	2
Total	136

No programa analisado, a crítica geral ao futebol brasileiro teve como alvo também os treinadores de futebol e suas concepções. O verbo *mudar* e a palavra *mudança* apareceram de forma constante, juntamente com a sentença *tem que + verbo no infinitivo*, decorrente das análises dos comentaristas que destacaram que o futebol brasileiro tem uma série de graves problemas que precisam ser mudados. A repetição das palavras *choque* e *chocado* mostram a intensidade das críticas.

Por fim, no momento pós-jogo, a figura do treinador Muricy Ramalho praticamente não foi considerada, sendo atribuída aos treinadores brasileiros, de forma geral, a responsabilidade pelos problemas do futebol no país. Em contrapartida, ocorreu a exaltação da equipe do Barcelona e de Pep Guardiola como sinônimo de bom treinador.

4.3. Análise de conteúdo das comunicações

Neste tópico, foi realizada a avaliação de conteúdo a partir dos discursos televisivos analisados nos diferentes momentos que envolveram a partida final do campeonato mundial de clubes da FIFA.

As categorias foram criadas de acordo com os discursos e os objetivos do estudo, averiguando-se se os conteúdos se adequavam e como eles se comportavam nos momentos que envolveram o jogo. Foram avaliadas apenas as falas relacionadas a treinadores de futebol de acordo com os objetivos do estudo. Foram criadas as seguintes categorias:

- Muricy Ramalho x Guardiola;

- Relevância do treinador de futebol;
- Concepção artesanal na formação do treinador de futebol;

Optamos por apresentar cada categoria como um subtópico de modo a permitir uma melhor visualização e discussão dos resultados.

4.3.1. Muricy Ramalho e Guardiola

Esta categoria envolveu as comunicações que, de alguma forma, atribuíram juízo de valor ao trabalho de Muricy Ramalho e Pep Guardiola. Como apresentado na análise das palavras e verbos recorrentes, Muricy Ramalho obteve maior atenção nos momentos que precederam o jogo, ao passo que, Pep Guardiola foi um dos temas centrais no DSJ. Isto destaca a importância da vitória para a atribuição de prestígio e visibilidade junto à mídia esportiva.

Os resultados abaixo se dividem em cinco tabelas e apresentam as opiniões dos agentes midiáticos em relação aos treinadores nos diferentes momentos que envolveram o jogo.

Tabela 9. Comentários sobre Muricy Ramalho e Guardiola no DAJ.

Agente	Comentário
Apresentador	Eu já adianto que eu vou dar a mesma nota, que eu “fanzaço” do Muricy, acho que o Muricy é tão bom quanto o Pep Guardiola.
Comentarista 1	Dou (nota) 8,5 para os dois (treinadores).
Comentarista 2	Então é... 10 pro Guardiola e 7,5 para o Muricy, eu acho que o Muricy faz um trabalho normal e o trabalho do Guardiola é um trabalho fora do normal.
Comentarista 1	Ai, eu, sinceramente, embora eu reconheça que o produto final do Guardiola é incomparável, mas eu não acho ele mais técnico que o Muricy não, sinceramente.
Apresentador	Tá me dando até uma coceira que eu estou concordando com o comentarista 1 aqui integralmente sobre Muricy e Guardiola.

Os comentários pré-jogo avaliam a competência profissional dos dois treinadores que, neste momento, com exceção a opinião do *Comentarista 2*, são equiparadas. Esta atribuição de valor destaca o papel da mídia enquanto agente julgador, indicando, mesmo sem fazer parte do interior do campo esportivo, emite opiniões e faz juízo de valor sobre quem tem mais ou menos competência para atuar neste campo. Contudo, é importante destacar que a profissão de jornalista esportivo difere-se da atuação como treinador de futebol e que a formação nestas áreas não capacita para a atuação fora de seus

campos, pois há lógicas de ações específicas, oriundas de espaços sociais distintos.

No momento pré-jogo, comentou-se apenas sobre o treinador brasileiro. As comunicações são apresentadas abaixo.

Tabela 10. Comentários sobre Muricy Ramalho e Guardiola no Pré-J.

Agente	Comentário
Apresentador	Você (Muricy) construiu uma carreira de uma maneira muito interessante.
Apresentador	Mas você (Muricy) ali conquistando títulos, Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo e tal... nos últimos seis anos você é o maior vencedor do futebol brasileiro. Em seis temporadas você foi quatro vezes campeão brasileiro, ganhou a Libertadores com o Santos, está às vésperas de uma decisão aí contra um time que já é histórico que é esse time do Barcelona.
Apresentador	(Como se sente) olhando para seu (Muricy) passado de tanto trabalho para chegar até aqui, estando às vésperas de enfrentar o Barcelona?

A comunicação sobre treinadores no pré-jogo foi restrita a uma entrevista com Muricy Ramalho sobre sua trajetória profissional. O discurso apresenta a competência do treinador através dos títulos por ele conquistados. É possível perceber, também, que, ao considerar a trajetória profissional de Muricy Ramalho, não são levantados os aspectos relativos à sua formação, mas sim a sua atuação, dando a impressão de que os conhecimentos e competências necessários à atuação lhe são inatos.

A tabela seguinte apresenta as comunicações que atribuíram algum tipo de valor ao falar dos treinadores durante o jogo.

Tabela 11. Comentários sobre Muricy Ramalho e Guardiola durante o J.

Agente	Comentário
Narrador	Muricy Ramalho, técnico quatro vezes campeão brasileiro, três títulos seguidos com o São Paulo, campeão com o Fluminense, vários títulos estaduais... E conseguiu a Libertadores...
Narrador	Muricy Ramalho foi bem também...
Narrador	Pep Guardiola, Guardiola levou o Barcelona a muitos títulos, o Campeonato do Mundo inclusive, que o Barcelona conquistou em 2009, três títulos espanhóis, uma copa do Rei, três Supercopas, duas Ligas Europeias e um Mundial.
Narrador	Já na entrevista antes do jogo, aí ele foi bem... Também foi estudar o adversário o Pep Guardiola.
Narrador	Um técnico que vem lá da base do Barcelona, como jogador, perdeu uma final aí em 92 para o São Paulo, chorou quando ganhou em 2009, hoje, mais acostumado aos títulos comemora.

Percebe-se que as vitórias e títulos são a maior fonte de argumentos para a atribuição de valor ao treinador. A qualidade do treinador, com exceção ao depoimento que cita o trabalho de Guardiola ao estudar a equipe do Santos, é atrelada quase que exclusivamente à capacidade de ganhar títulos, não sendo consideradas as condições e os procedimentos utilizados pelo treinador para tal.

Devido a este fator, no momento após a derrota da equipe santista para o Barcelona, a dinâmica da análise apresenta uma importante mudança. Os comentários são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 12. Comentários sobre Muricy Ramalho e Guardiola Pós-J.

Agente	Comentário
Apresentador	O Guardiola é uma figura tão inteligente, né? Tão bem esclarecida, respondeu em quatro línguas diferentes ali ao longo da coletiva.
Comentarista 1	O Muricy tá falando com uma... uma... com todo respeito ao Muricy, adoro ele, mas com uma marra ali, ele perdeu o jogo, não foi a imprensa que perdeu o jogo... Fez apostas equivocadas, pode até apostar na retranca, é feio jogar, mas o Santos armou muito mal a retranca hoje. Acho que isso tem que ser um impacto, ele disse que a derrota de hoje não tem nenhum impacto, acho que ele tem que pensar um pouco sobre na maneira como ele armou o time e como a retranca dele se portou no jogo de hoje.

No momento pós-jogo, inicia uma análise que confere mais prestígio a Pep Guardiola do que a Muricy Ramalho, contestado por suas escolhas. Neste momento, as qualidades do treinador brasileiro, enfatizadas no momento anterior ao confronto, dão lugar aos erros cometidos pelo mesmo.

A tabela 13, referente às comunicações do *DSJ*, confirma o apresentado, no qual, após a vitória Guardiola é alvo de mais prestígio.

Tabela 13. Comentários sobre Muricy Ramalho e Guardiola no *DSJ*.

Agente	Comentário
Apresentador	Talvez o Muricy possa ter errado lá, não quero nem discutir isso, botar três zagueiros, até porque também não vinha jogando assim...
Comentarista 1	O Muricy cometeu um erro na entrevista...
Convidado 2	E assumiu o Guardiola, não esperavam que pudesse assumir o Guardiola e assumiu e eu tive a felicidade de trabalhar com ele um ano e foi o melhor ano.
Convidado 2	O Guardiola, eu costumo dizer o seguinte, ele é muito corajoso, ele é talentoso e corajoso, tem muitos treinadores talentosos, mas ele é corajoso de fazer o que ele faz.
Comentarista 3	E, um conceito que o Barcelona apresenta ao mundo e é comandado pelo Guardiola, é que possível o talentoso marcar.

Apresentador	Ninguém aqui quer que todo técnico brasileiro seja Guardiola
Convidado 2	(Qual a principal diferença desse Barcelona?). É o Guardiola. Guardiola.
Convidado 2	Então, quando você consegue isso, foi o que o Comentarista 3 falou, os atletas, não veneram, mas amam e gostam muito dele (Guardiola), a grande maioria.
Convidado 2	Porque acreditam no trabalho dele (Guardiola). Ele é corajoso, ele passa isso, e ele vai até o fim com isso.
Convidado 2	O Busquets é um dos jogadores que o Guardiola, não é que inventou, ele trouxe do B, estava jogando a terceira divisão espanhola para ser campeão mundial, campeão da Champions League com o Barcelona.
Convidado 2	O atleta que o Guardiola mais fez dele a cara do Guardiola, ele não pode dar mais que dois toques nos treinamentos.

Percebe-se que, após a vitória da equipe do Barcelona, Guardiola assume o protagonismo dos comentários, que destacam suas qualidades, ao passo que Muricy Ramalho, nas poucas vezes em que é citado durante o programa, tem seu nome ligado à palavra erro. As avaliações são feitas de forma pontual, utilizando-se de argumentos que justifiquem os resultados da partida, no qual quem ganhou tem suas competências e qualidades reconhecidas, e quem perdeu tem seus erros e limitações destacadas.

4.3.2. Relevância do treinador de futebol

Esta categoria aglutina as análises que, de alguma forma, destacaram a relevância do treinador de futebol. Seja de modo favorável ou desfavorável ao mesmo. Esta categoria permite analisar a importância dada ao treinador pelos agentes da mídia, tendo uma importante ligação com o reconhecimento da profissão de treinador.

Não houve comentários referentes a esta categoria nos momentos *Pré-J* e *J*.

Tabela 14. Comentários sobre a relevância do treinador de futebol no DAJ.

Agente	Comentários
Apresentador	A comparação Guardiola e Muricy não vai entrar na lista final porque eles não entram em campo, a gente entende que quem decide mesmo são os jogadores.
Comentarista 1	Tem uma diferença aí, eu concordo que o trabalho do Guardiola é um trabalho espetacular, mas eu queria ver o Guardiola dirigindo o São Caetano.
Comentarista 1	Ele (Guardiola) ajudou manter e talvez tenha até aprimorado, acho que aprimorou, é verdade, mas, é muito mais fácil você ser técnico de um Barcelona que tem, não somente dinheiro “a dar com pau”, como tem uma cantera, uma divisão de base

	poderosíssima, e te abastece.
Comentarista 1	E você trabalhar com um futebol brasileiro que você não tem lateral esquerdo, não tem um cabeça de área... não sei lá o que... o teu presidente do teu clube, se você perder três te manda embora.

A fala do apresentador destaca que, para os jornalistas do programa, o treinador faz pouca diferença para o resultado final da partida, desconsiderando o papel do mesmo em organizar, ministrar e avaliar todo o treinamento da equipe, bem como, liderar o grupo de atletas e comissão técnica com vista em um objetivo comum. Percebe-se, também, que o sucesso do Barcelona é creditado a motivos contextuais em detrimento da capacidade de Guardiola, sendo as condições de trabalho a única responsável pelo sucesso da equipe, contradizendo o que foi encontrado até o momento. Neste sentido, as críticas a Muricy Ramalho pela derrota não levaram em conta estes fatores, lembrados apenas para diminuir o trabalho de Guardiola frente à equipe do Barcelona no momento *DAJ*.

Nota-se que, no momento seguinte ao final da partida, os discursos possuem uma lógica similar, como apresentado abaixo.

Tabela 15. Comentários sobre a relevância do treinador de futebol no Pós-J.

Agente	Comentários
Comentarista 2	Não se trata de “o técnico fez isso e o time perdeu por aquilo”, se trata de uma concepção de jogo.
Comentarista 2	É uma questão de filosofia, é uma questão até de conceituação nossa, tenho certeza que amanhã nós vamos falar que o Muricy errou em fazer isso e aquilo, e continuaremos a dar um superpoder aos técnicos que tem um poder relativo.
Comentarista 2	O Guardiola, campeoníssimo pelo Barcelona, é o primeiro a diminuir o seu próprio poder na montagem e armação da sua equipe, e conferir aos jogadores e a filosofia.
Comentarista 1	Quem está ensinando nossas crianças a jogar futebol? Por que que elas não jogam mais como sempre jogaram, né? Quem tá formando os nossos jogadores? Quem são nossos professores? Quem são os educadores de futebol que nós temos?

No momento *Pós-jogo*, o *Comentarista 2* segue o raciocínio apresentado no *DAJ* e credita o sucesso da equipe do Barcelona muito mais a uma questão contextual, de filosofia de jogo e organização, do que ao mérito do treinador. Contudo, neste momento já começa a aparecer questionamentos referentes aos treinadores brasileiros, de forma geral, inclusive os de categoria de base como apresentado no comentário do *Comentarista 1*: “quem está ensinando

nossas crianças a jogar futebol?”. Desta maneira, o é ser deslocado dos treinadores envolvidos no jogo para os treinadores brasileiros em geral.

No dia posterior ao jogo, há uma mudança importante na postura dos comentaristas e convidados do programa. Enfatizam dois aspectos: a vitória do Barcelona como sinônimo de evolução e a derrota santista como crítica ao futebol brasileiro. Guardiola assume relevância nas análises, sendo creditada ao treinador grande parte do sucesso do Barcelona. Já em relação aos treinadores brasileiros, a crítica é generalizada, sendo os treinadores, no Brasil, responsáveis por grande parte dos problemas do futebol nacional.

Tabela 16. Comentários negativos sobre a relevância do treinador de futebol no DSJ.

Agentes	Comentários
Comentarista 1	Tanto no time de cima quanto nas divisões de base, se o garoto jogar um pouquinho melhor (...) (...) vira meia, e bota um “brucutu” no lugar dele, ah, não dá! Foi um choque! Nós precisamos acordar com esse choque!
Comentarista 1	Então acho que isso daí pode ser um choque para gente refletir, e os nossos técnicos refletirem, e os técnicos de divisão de base refletirem, e os dirigentes refletirem.
Apresentador	Eu via que a coisa não anda, a coisa não vem... só se fala em grupo, pegada e velocidade! Grupo! Pegada e Velocidade! O futebol brasileiro começou a pegar! Pegar! E correr!
Comentarista 2	Agora uma coisa para os treinadores refletirem...
Comentarista 2	Hoje, todo treinador, ou 95% deles, pensa em marcar atrás da linha do meio de campo sem a bola e sair com velocidade para o contra-ataque, o Barcelona mostrou que dá para você ditar o ritmo com qualidade e com passe.
Apresentador	É o que eu tava dizendo aqui, Pega! Pega! Pega! Corre! Corre! Corre! Você pega, pega, pega aqui atrás pega a bola e sai correndo, nunca foi assim.
Convidado 1	Apresentador, quando eu assumi também no juvenil, eu fiz tudo aquilo que alguns treinadores dizem que, isso fazia no tempo que amarrava cachorro com linguiça. Tem treinador que diz isso, eu comecei a fazer isso e graças a Deus, meu time chegou na final do Paulista. Entendeu? Porque eu acho que vocês estão falando aí que tem que ter essa mudança e tem mesmo, porque as pessoas só querem trabalhar força e velocidade, e esquecem de fazer o jogador, o que cada um tem que fazer dentro do campo.
Apresentador	Mostra um pouco da realidade do momento do futebol brasileiro que é essa coisa de Pega! Pega! Pega! Corre! Corre! Corre! Grupo! Grupo! Grupo! Grupo! Pega! Pega! Pega!
Comentarista 4	E se pega, por exemplo, o Caio Júnior é um cara da nova geração, com ideias arejadas, não, não quero ele no meu time... Aí um belo jogo, se não me engano, Botafogo e Figueirense, o Figueirense fazendo uma boa campanha no campeonato Brasileiro, ele foi mexer no meio de campo para botar mais um volante, dos que jogam deitado, e adiantar o Renato...
Comentarista 2	Onde é o erro dos treinadores, e aí eu queria ouvir até do Convidado 2...

Comentarista 2	Exatamente, na minha concepção, é muito mais em função de dar uma satisfação para torcida e para imprensa do que para treinar o time dessa forma.
----------------	---

De acordo com a tabela acima apresentada, é possível perceber a constante crítica aos treinadores do futebol brasileiro. Itens de sentido como “erro”, “reflexão”, além dos comentários relacionados às atitudes, substituições e modos de falar dos treinadores elucidam esta crítica. Porém, estes questionamentos que, segundo os jornalistas, são perceptíveis há tempos, não foram levantados no momento que precedeu a partida, pelo contrário, como apresentado anteriormente, os treinadores brasileiros, representados por Muricy Ramalho, apresentavam tanta competência quanto os europeus, representados por Guardiola.

Outro ponto importante na comunicação realizada após o jogo é que a crítica adquiriu um caráter geral, não focada apenas em Muricy, mas nos treinadores brasileiros como um todo. Contraditório o fato de que, segundo o conteúdo de algumas análises avaliadas, a derrota representou os problemas advindos de maus treinadores das categorias de base do futebol brasileiro. No entanto, o convidado 1 era um treinador das categorias de base, que trabalhava exatamente na equipe derrotada, ou seja, credita-se a derrota do Santos a problemas nas categorias de base, e, como indicativa de solução deste problema, é convidado um treinador pertencente exatamente à equipe derrotada.

Esta categoria aponta que o conteúdo televisivo sobre o papel do treinador mudou nos momentos que precederam e sucederam a partida. Este profissional, que antes foi considerado pouco decisivo para o resultado final do jogo, passou a ser responsabilizado pela vitória e derrota de seu time quase que de maneira exclusiva. Além disso, a derrota teve peso tão significativo, que a crítica foi estendida a outros treinadores, inclusive os de categorias de base.

No entanto, o mesmo programa que utilizou grande parte do seu tempo disponível para criticar os conhecimentos e competências dos treinadores brasileiros, em um momento específico, defendeu a manutenção desses profissionais no cargo, condicionando os resultados de campo ao tempo que um treinador possui frente a sua equipe. Mais do que isto, este foi um dos argumentos utilizados para justificar a falta de qualidade do futebol brasileiro,

comparado ao europeu também na tradição em permitir que os treinadores tenham maior sequência de jogos a frente equipe.

Tabela 17. Comentários positivos sobre a relevância do treinador de futebol no DSJ.

Agente	Comentários
Comentarista 3	...o Rijkaard, e depois o Guardiola. São três, por consequência, é muito mais seguro para o treinador defender a ideia que o que importa é a filosofia do jogo e que o resultado, ele aparecerá. O que acontece no Brasil que antigamente eram modelos porque preservavam a figura do técnico, começa, uma derrota, duas derrotas, três derrotas, e aí manda o técnico embora. Aí o técnico joga e trabalha para garantir o emprego.
Apresentador	Mostrávamos aqui que os seis primeiros colocados o técnico estava desde o começo do campeonato, e tiveram tropeços pelo caminho, tiveram series longas sem vitória, e os técnicos estavam lá, a filosofia lá é outra né Convidado 2?
Apresentador	Mas já perdeu, já perdeu, já perdeu e tá lá, e... e... o jogador sente essa diferença? E ganha confiança com isso Convidado 2?
Convidado 2	Ele ganha confiança, e o trabalho do treinador acaba sendo melhor desenvolvido ao longo dos tempos, né? O Mourinho, segundo dizem na Europa, a segunda temporada dele no time é a melhor, a primeira não dá tempo de ele colocar tudo o que ele quer. Isso são boatos, eu nunca trabalhei com ele.
Convidado 2	(O Arsene Wenger é) muito bom treinador, muito bom treinador, um gentleman como eles dizem lá, sabe se colocar na sua linha, trabalha muito bem, um trabalho moderno, de velocidade, força.
Comentarista 3	Na minha opinião, o time de futebol para dar certo, o técnico tem que se fazer acreditar.

Percebe-se que o discurso midiático tem o poder de trazer diversos temas para a sua pauta, podendo contribuir para que estes assuntos ganhem relevância social. Contudo, o discurso é superficial, uma vez que não é possível esgotar os assuntos tratados com a atenção e reflexão necessária. Nota-se também a incongruência do discurso uma vez que, os mesmos agentes que criticam os treinadores brasileiros pedem que eles sejam mantidos por mais tempos em seus cargos.

4.3.3. A concepção artesanal na formação do treinador de futebol.

A formação do treinador de futebol, de modo explícito ou implícito, foi muito pouco comentada durante os programas analisados. Nada foi falado no que refere aos conhecimentos e competências necessários para ser treinador de futebol de alto nível. Mesmo quando foram feitas críticas aos treinadores brasileiros, pouco se falou em relação à melhora dos processos para aquisição de conhecimentos ou sobre a necessidade de passarem por algum tipo de

formação específica para exercerem o cargo de treinador de futebol, inclusive em categorias de base.

Em alguns programas específicos, sobretudo no *Pré-jogo* e no *DSJ*, foram abordados temas relacionados à carreira dos treinadores, que permitiu a criação da presente categoria. Percebeu-se que, quando comentada pela mídia esportiva, seja nas análises ou nas entrevistas, referiu-se à formação do treinador de futebol de modo essencialmente prático, relacionando à construção de uma carreira a partir das experiências como auxiliar técnico, ou treinador, e, por vezes, como jogador de futebol.

A tabela 18 apresenta os discursos da entrevista com Muricy Ramalho apresentada no momento pré-jogo.

Tabela 18. Comentários com a concepção artesanal da formação do treinador Pré-J.

Agentes	Comentários
Apresentador	Você construiu uma carreira de uma maneira muito interessante
Apresentador	Olhando para seu passado de tanto trabalho para chegar até aqui, estando às vésperas de enfrentar o Barcelona?
Muricy Ramalho	É... realmente acho que você falou bem, acho que eu investi bem na minha carreira.
Muricy Ramalho	As pessoas abrem mão de investir na sua carreira para olhar para o lado econômico e eu fiz o contrário, eu sempre quis ser um treinador consistente.
Muricy Ramalho	Eu sempre apostei na minha carreira e eu chego bem
Muricy Ramalho	O que sempre mais me interessei era aprender e era investir na minha carreira e agora chego aqui num momento especial que eu procurei desde o começo.
Comentarista 1	Houve um momento inclusive nessa fase de investimento que ele esteve aqui pertinho, aqui do lado, na China, né?
Muricy Ramalho	Então, a gente lembra, porque isso faz parte da nossa preparação para ser um técnico, como eu to sendo agora, de um time grande.

Como já visto em outros momentos, ao falar da carreira de Muricy Ramalho, não se discute a formação profissional e continuada, do ponto de vista da aquisição de conhecimentos e competências de modo sistematizado e formal, advindo de uma graduação ou cursos específicos para atuar no futebol. Neste sentido, o investimento na carreira está relacionado à atuação como treinador em clubes de diferentes níveis, dentro e fora do Brasil, dando ênfase ao fato de que esta é construída unicamente através de escolhas corretas na trajetória como treinador.

No dia seguinte ao jogo, ao buscar explicar o sucesso de Pep Guardiola, novamente as referências utilizadas são de cunho essencialmente artesanal,

oriundo da aprendizagem prática, neste caso, remetendo principalmente ao fato de Guardiola ter sido jogador profissional da equipe do Barcelona. Contudo, é sabido que a sua formação profissional se deu para além dos campos, nos cursos de treinadores, obrigatórios no continente europeu. Além disso, os dois convidados para participar do programa do *DSJ*, apesar de estarem atuando nas funções de treinador e auxiliar técnico, são frequentemente referenciados pelas suas qualidades enquanto jogadores de futebol, sendo considerados especialistas por terem atuado como futebolistas nos times que disputaram a final, como mostra a tabela 19.

Tabela 19. Comentários com a concepção artesanal da formação do treinador DSJ.

Agentes	Comentários
Apresentador	O que eu sei, é que ele (Guardiola) foi formado, no que se chama lá, nas <i>canteras</i> do Barcelona, ele se formou lá. Ele jogou no infantil, no júnior, no pré-isso, no pré-aquilo, não sei o que, foi jogador do Barcelona, foi capitão do Barcelona, hoje é o técnico do Barcelona.
Apresentador	Como você sempre foi um jogador extremamente habilidoso, ia para cima e driblava todo mundo mesmo, não deixa os meninos perderem a habilidade, não bota eles para, pega! Pega! Pega! Corre! Corre! Corre!
Diálogo Apresentador e Convidado 2	- Jogou com ele ou não (Guardiola)? - Eu joguei contra. - E ele jogava bola também, né? - Muito! E muito! - É isso que eu digo, a formação.
Apresentador	Aqui um jogador formado no Brasil, campeão pelo Corinthians, foi para o Arsenal da Inglaterra, teve no Celta de Vigo, foi a maior campanha da história chegando em terceiro lugar, e depois foi viver sua melhor fase como jogador exatamente no Barcelona.
Apresentador	Eu queria lembrar se o Convidado 2 foi treinado pelo Guardiola, chegou a jogar com o Guardiola ainda, talvez as duas coisas, não sei direito ele vai explicar, mas sabe exatamente de onde vem esse Barcelona, desse treinos...
Apresentador	Que era sua especialidade, né? Já tocavam em você para você partir para cima deles.
Diálogo entre apresentador e convidado 1	- Botou o Pelé muitas vezes na cara do gol? - Botei, Pelé, Coutinho, Toninho Guerreiro... - Como é bom ouvir isso...

Diferente do apresentado em relação ao treinador Muricy Ramalho, que enfoca sua preparação prática enquanto treinador de diversos clubes, o enfoque dado a Guardiola relaciona-se a sua formação enquanto jogador. Os discursos apresentados na tabela 19 ilustram a relação direta feita entre formação como jogador, que reflete na capacidade como treinador de futebol.

Esta concepção está presente, por exemplo, no primeiro comentário do *Apresentador* e no diálogo entre ele e o *Convidado 2*, no qual é perguntado sobre Guardiola como jogador e, ao ouvir o elogio, relaciona a qualidade deste como jogador para argumentar sua competência como treinador. O *Convidado 1*, treinador das categorias de base do Santos, também é frequentemente destacado pelas suas qualidades enquanto ex-jogador e não como treinador. Pouco se discute sua competência profissional, contudo, suas habilidades em campo são frequentemente referenciadas. Interessante notar que as críticas em relação aos treinadores de base no Brasil, feitas nas análises anteriores, não recaem sobre este treinador, que é exaltado enquanto jogador.

Apenas em um momento a formação foi citada nos 5 programas analisados. Ao falar de Vicente Feola, treinador da equipe do Santos nos anos 60, o Comentarista 4 fez uma brincadeira perguntando se eram verdadeiros os relatos de que o referido treinador dormia no banco de reservas. A brincadeira gerou a resposta apresentada na tabela 20.

Tabela 20. Resposta à brincadeira crítica realizada com treinador Vicente Feola

Agente	Comentário
Comentarista 5	O primeiro treinador com diploma de treinador no Brasil. O Feola entendia muito mais de bola do que todos esses treinadores atuais.

Este foi o único comentário em que o capital cultura e simbólico advindo da aquisição do diploma de treinador de futebol foi utilizado como argumento para atestar a competência profissional do treinador de futebol.

CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO

A partir dos resultados apresentados, a discussão centrar-se-á em dois eixos principais; no primeiro, temos a intenção de discutir o conteúdo do discurso televisivo enquanto elemento que atribui valor à função de treinador de futebol, contribuindo, ou não, para o reconhecimento social da mesma. Já no segundo eixo, discutiremos o contexto e o discurso televisivo enquanto legitimador dos grupos que disputam o reconhecimento neste campo de atuação.

5.1. O discurso televisivo e o reconhecimento social da profissão de treinador de futebol.

Os resultados encontrados nos programas analisados destacam a importância do treinador de futebol na agenda da mídia esportiva, corroborando com os autores que destacam o aumento do prestígio desses agentes junto aos meios de comunicação de massa (COSTA, 2006; BECKER JÚNIOR, 2002; MACHADO, 2010). Percebe-se que os treinadores são personagens recorrentes na comunicação televisiva, sendo em média 18,8% do tempo total dos programas analisados destinados a comunicar sobre estes. Os resultados se assemelham ao estudo de Silva et. al. (2014), que encontrou valores similares ao analisar um site esportivo de grande visitação. Segundo o estudo, das 4580 notícias sobre futebol analisadas no período de um mês, 986 se relacionaram aos treinadores, 21,5% do total.

No momento pós-jogo, a comunicação sobre treinadores chegou a ocupar mais de 40% do tempo total do programa analisado. Estes números apresentam a importância dada ao treinador de futebol pela comunicação televisiva, colocando este agente como um dos principais elementos a serem noticiados dentro do subcampo do futebol. O tempo dedicado no momento pós-jogo deve-se também ao fato de que as instituições promotoras dos campeonatos de futebol obrigam os treinadores a concederem entrevistas coletivas ao final dos jogos por força de contrato com os meios de comunicação responsáveis por transmitir estes eventos. Estas entrevistas são adquiridas como subproduto dos jogos em si, uma vez que as respostas dadas pelos treinadores aos jornalistas são utilizadas como pautas para outros

programas ou ainda transmitidas ao vivo, caso do programa analisado, aumentando ainda mais sua importância na grade destas emissoras. Este momento tornou-se tão importante para o espetáculo esportivo que vem sendo utilizado como mais um momento de anúncios publicitários, que vendem de equipamentos esportivos a televisores e carros. Segundo Betti (1998) e Proni (1999), na lógica do esporte-espetáculo é importante transformar qualquer momento em uma oportunidade para vender. Desta maneira, quanto mais momentos para além do jogo tiverem esta capacidade, melhor para o negócio futebol. Por interessarem ao grande público e permitirem que se cumpra a lógica do esporte espetáculo, a comunicação *do* e *sobre* o treinador de futebol tende a se manter como importante parte da agenda da imprensa esportiva. Segundo Sanfelice (2010), o esporte já não pode ser considerado apenas como uma manifestação expressa pelo “se-movimentar”, sendo uma mercadoria que deve estar aliada aos interesses de seus consumidores de maneira individual e coletiva. Devido a isto, Betti (1997) apresenta que o contexto (relações sociais “para fora” do jogo) pode influenciar de maneira importante o texto (lógica interna do próprio jogo). É possível perceber esta relação ao passo que a relação com os meios de comunicação de massa exige uma nova competência do treinador de futebol, a capacidade de se comunicar de maneira eficiente e eficaz com a imprensa, uma vez que é a partir destes meios que parte e chega o reconhecimento social sobre estes treinadores (MACHADO, 2010; WAGG, 2006).

Exercer papel de destaque junto ao campo midiático justifica a importância do estudo da relação entre o treinador e os meios de comunicação de massa, porém, ser parte presente nos noticiários por si só, não garante o reconhecimento social da profissão de treinador de futebol, sendo necessário discutir o conteúdo destas comunicações.

Percebe-se, pela análise das palavras recorrentes, que o resultado da partida exerce papel determinante para a valorização do treinador de futebol, positiva ou negativamente. Nos momentos anteriores ao jogo, as reportagens e apostas dos jornalistas sobre as escalações, trocas de jogadores, carreira de Muricy Ramalho, entre outras, centram-se em criar expectativas e informar sobre os treinadores, objetivos centrais da falação televisiva (BETTI, 1998). Nos momentos posteriores ao jogo, principalmente com a derrota da equipe

brasileira, o teor da comunicação se altera, as expressões imperativas, que indicam a necessidade, obrigatoriedade, tomam conta da análise juntamente as críticas ao futebol brasileiro e a exaltação do futebol do Barcelona e a seu treinador. De acordo com Betti (1998), criticar e eleger ídolos também faz parte do escopo da falação televisiva, sendo possível de perceber como estas características são utilizadas, sobretudo em função do resultado da partida. O ídolo pode ser criado pela comunicação televisiva de acordo com diversos sucessos na carreira, que permite a ele que adquira capital simbólico junto ao público, mas também por um feito ou curto prazo como um gol numa partida, uma substituição bem sucedida, entre outros (CAVALCANTI, CAPRARO, 2013). No estudo de Silva et. al. (2014), este contexto se repete, principalmente no que diz respeito à atribuição de competência aos treinadores, as categorias *incompetente* e *competente* são duas das três com maior número de notícias atribuídas. Estas categorias também são as que geram maior número de comentários de internautas no site esportivo analisado. A atribuição de valor também é observável no presente estudo no momento anterior ao jogo, quando os treinadores são considerados igualmente competentes segundo os comentários dos jornalistas. Já no momento pós-jogo fica claro uma exaltação de Pep Guardiola em detrimento de Muricy Ramalho, evidenciada pelo número de vezes em que o nome de cada um é citado no DSJ. Nota-se que ao nome de Muricy Ramalho passa a ser vinculada a palavra “erro”, enquanto Guardiola recebe diversos elogios pelo seu trabalho, não tão frequentes nos momentos anteriores ao jogo.

Ao estudar as notícias sobre dois treinadores estrangeiros que atuavam na Inglaterra, Wagg (2006) destaca uma dinâmica similar. Para o autor, os meios de comunicação conferem importância especial aos treinadores, dotando-os de capacidades acima da média, no entanto, estes mesmos meios podem, a qualquer momento, simbolicamente retirar este poder. Segundo o autor, os treinadores de futebol fazem parte de uma cultura de celebridade, a qual possui uma natureza emocionalmente volátil, diferentemente de uma análise de qualquer outro profissional, ou seja, a crença do campo midiático na capacidade de um treinador pode dissipar-se muito mais rapidamente do que a crença em um cirurgião que perde um paciente ou num advogado que perde uma causa. Para Bourdieu (1997), o campo dos mídia, ao atribuir valor aos

agentes de outro campo, quebra a autonomia deste campo, conferindo a si a responsabilidade de ser o porta voz da “opinião pública” como julgador dos elementos deste campo, nas palavras do autor:

Em cada um dos campos, o campo universitário, o campo dos historiadores, etc., há dominantes e dominados, segundo os valores internos do campo. Um “bom historiador” é alguém de quem os bons historiadores dizem que é um bom historiador. É necessariamente circular. Mas a heteronomia começa quando alguém que não é matemático pode intervir para dar sua opinião sobre os matemáticos, quando alguém que não é reconhecido como historiador (um historiador de televisão, por exemplo) pode dar sua opinião sobre os historiadores, e ser ouvido. Com a “autoridade” que lhe confere a televisão.

Ora, a mídia não cessa de intervir para enunciar vereditos. (BOURDIEU, 1997, p.82).

No esporte, sobretudo no futebol, por fazer parte da cultura popular brasileira, este cenário é ainda mais evidente. Os jornalistas consideram-se suficientemente capazes de comentar sobre a competência ou incompetência dos treinadores, pois se julgam conhecedores do esporte, uma vez que o jornalista esportivo ocupa um cargo ligado ao esporte, conferindo-lhe a impressão de dominar esta área com a mesma competência de um agente presente no interior do campo esportivo. É importante destacar que não se trata aqui de desqualificar as capacidades dos agentes midiáticos, mas sim apresentar as diferenças entre as lógicas internas dos campos.

Há, no entanto, uma diferença fundamental na dinâmica imposta aos agentes do campo midiático e do campo esportivo, subcampo do futebol, principalmente no que diz respeito ao treinador. É preciso entender que a atuação do treinador é condicionada, sobretudo pelo futuro, ou seja, ele planeja, ministra, avalia, lidera e escala sua equipe objetivando que seus comandados expressem determinados comportamentos de acordo com os problemas que ele supõe que serão encontrados no jogo. Na análise do campo midiático, a lógica se altera, os comentários são condicionados pelo passado, isto quer dizer que os jornalistas comentam algo que já ocorreu. Isto permite criar suposições sobre o que deveria ter sido feito, sendo que, na verdade, não há como confirmar as hipóteses levantadas a posteriori. O futebol, como algo imprevisível e aleatório, galgado na disputa entre duas equipes da qual apenas uma poderá sair vencedora, oferece sempre um terreno fértil para se especular

sobre o que poderia ter sido feito e não foi; este argumento ganha força quando o resultado não é o desejado. Nas palavras de Waag (2006):

Contudo, em diversos pontos do mundo, alguns maus resultados de uma equipe de futebol são, muitas vezes, razão suficiente para persuadir os leigos de que o treinador é incompetente e deve ser demitido (WAGG, 2006, p.365).

Nas análises realizadas pelos agentes do campo midiático, não são considerados aspectos relacionados à ciência que envolve o treinamento esportivo, os quais direcionam a atuação dos treinadores de futebol. Isto faz com que, para os agentes da mídia, alguns problemas pareçam de simples resolução, quando, na verdade, não o são.

Somado a isto, é importante considerar que a análise da mídia é realizada dentro dos princípios específicos (prevalência dos interesses econômicos, superficialidade, sobrevalorização da forma em relação ao conteúdo, monocultura esportiva e falação) elencados por Betti (1998), que nem sempre se adequam às necessidades do campo esportivo. Para Bourdieu (1997), a linguagem também deve ser de fácil acesso ao grande público, fazendo com que muitas vezes a análise superficial pautada no entretenimento seja utilizada em detrimento de uma análise criteriosa. Desta maneira, por não considerar uma importante gama de fatores presentes na decisão dos treinadores, as críticas aos mesmos são direcionadas à lógica do *fast thinking*, descrito da seguinte maneira por Bourdieu (1997; p. 40-42):

Com efeito, é preciso perguntar porque eles são capazes de responder a essas condições inteiramente particulares, porque conseguem pensar em condições nas quais ninguém mais pensa. A resposta é, ao que me parece, que eles pensam por “ideias feitas”. As “ideias feitas” de que fala Flaubert são ideias aceitas por todo mundo, banais, convencionais, comuns;

Quando emitimos uma “ideia feita” é como se isso estivesse dado; o problema está resolvido. A comunicação é instantânea porque, em certo sentido, ela não existe. Ou é apenas aparente.

Os “lugares comuns” que desempenham um papel enorme na conversação cotidiana têm a virtude de que todo mundo pode admiti-los e admiti-los instantaneamente: por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor.

Se analisarmos as críticas relacionadas aos treinadores brasileiros no momento posterior ao jogo, podemos observar a presença da lógica apresentada, como mostra o comentário abaixo:

Hoje, todo treinador, ou 95% deles, pensa em marcar atrás da linha do meio de campo sem a bola e sair com velocidade para o contra-ataque. O Barcelona mostrou que dá para você ditar o ritmo com qualidade e com passe. (Comentarista 2).

É o que eu tava dizendo aqui, Pega! Pega! Pega! Corre! Corre! Corre! Você pega, pega, pega aqui atrás, pega a bola e sai correndo, nunca foi assim. (Apresentador).

O comentário acima destaca bem a lógica do *fast thinking* apresentada por Bourdieu (1997). O comentário utiliza-se de um número, não comprovado, como se o comentarista tivesse analisado o modo de jogar de todos os times de futebol brasileiro, para dar confiabilidade ao comentário; após isto, destaca-se, de forma simplista, o problema já com sua possível solução ou indicação para solução que parece ser de simples implementação. São desconsiderados todos os aspectos que o Barcelona implantou e o tempo necessário para que isto pudesse gerar bons resultados de campo. Em uma análise cuidadosa, algumas perguntas que tangem ao gerenciamento e treinamento de uma equipe de alto rendimento deveriam ser respondidas, por exemplo: Qual é o time? Qual o processo de gestão e organização do treinamento ele se utilizou para conseguir atingir estes objetivos? Qual o investimento deste clube em questões estruturais (recursos, infraestrutura, outros) e humanas (profissionais, comissão técnica, funcionários, jogadores etc.). Na verdade, uma análise criteriosa deveria contemplar diversas outras perguntas e reflexões, mas que não são possíveis de ser realizadas de acordo com a lógica do *fast thinking*.

Ao contrário, o pensamento é por definição subversivo: deve começar por desmontar as “ideias feitas” e deve em seguida demonstrar. Quando Descartes fala em demonstração, ele fala de longas cadeias de razões. Isso leva tempo; é preciso desenvolver uma série de proposições encadeadas por “portanto”, “em consequência”, “dito isto”, “estando entendido que”... Ora, esse desdobramento do pensamento *pensante* está intrinsecamente ligado ao tempo. (Bourdieu, 1997, p.41).

A lógica interna do campo midiático e sua atuação direta no campo esportivo têm influência não apenas no interior deste campo, mas no modo

como a sociedade entende a profissão de treinador de futebol. Se os quesitos utilizados para se analisar um treinador são quase que unicamente a vitória e derrota de sua equipe, e estas análises são realizadas de modo simplista, logo, parece inevitável que este seja o entendimento por parte do grande público uma vez que, segundo Betti (1998), a recepção da comunicação televisiva muitas vezes ocorre sem rejeição por parte dos espectadores que estão “relaxados”, tendendo a atribuir à mensagem o significado transmitido. Isto pode ser um dos aspectos que contribuem para os frequentes questionamentos realizados por parte da torcida aos treinadores de futebol, dentre os quais xingamentos como “burro” são frequentes. Ora, se o treinador não é capaz de resolver problemas aparentemente simples para os agentes da mídia e para os que estão “de fora”, chamá-lo de “burro” parece, no mínimo, razoável.

Os treinadores de futebol tão depressa são peritos como idiotas: nós, as pessoas comuns, faríamos melhor trabalho. Esta vulnerabilidade aos caprichos da opinião dos leigos coloca os treinadores de futebol numa posição mais próxima da política de celebridade do que da política do profissionalismo: idealmente, as carreiras dos profissionais são governadas por seus pares (WAGG, 2006, p.365 - 366).

Exemplificando este entendimento, Borelli (2003), ao analisar as estratégias discursivas de agendamento na demissão do treinador Wanderley Luxemburgo nas Olimpíadas de Sydney (2000), destaca que os jornais analisados abandonam um lugar de inferências para expor seus interesses, deixando indícios de suas pretensões, seja a partir de suposições ou sentenciamentos. A autora ressalta como os mídia podem intervir na realidade dizendo quando, como e quem deveria demitir Luxemburgo. A autora chega a questionar os valores éticos referentes ao campo midiático como, por exemplo, que autoridade os jornais têm para julgar e condenar? Baseados em que leis o fazem?

Silva e Marchi Júnior (2007) expõe que os agentes do campo midiático evidenciam um *habitus* na seleção, interpretação e transmissão de diversas notícias veiculadas à montagem de um programa de grande circulação analisados por eles. Os comportamentos aqui encontrados também remetem a um *habitus*, no qual, por fazerem parte de uma cultura fortemente ligada ao futebol, não se limitam a comunicar os acontecimentos, mas a todo o momento

opinam, fazendo juízo de valor sobre os mesmos. Por fazer parte da cultura brasileira e ser acessível ao grande público, este julgamento se torna ainda mais fácil e pouco criterioso. Frequentemente observa-se em programas esportivos e mesas-redondas, convidados que não possuem nenhuma ligação com o esporte, como atores, escritores, cantores, entre outros, opinando sobre seus times de coração e o que deve ou não ser feito pelos treinadores, dirigentes, jogadores etc. Esta dinâmica é menos frequente em outros setores como política e economia, por exemplo, por não aparentarem ser assuntos de fácil domínio; e como o conhecimento veiculado nestas análises é pouco aprofundado, e a complexidade que envolve o trabalho do treinador de futebol parece estar acessível a qualquer cidadão, todos se dispõem a falar sobre ele.

Bourdieu (1997) destaca que, se um órgão de imprensa deseja atingir um público mais extenso, ele deve perder suas “asperezas”, devendo ser de fácil compreensão ao espectador. O treinador, então, ao contrário de outras profissões, precisa estar preparado para ter seu trabalho constantemente questionado pelos agentes da mídia e, conseqüentemente, por uma parcela dos torcedores de seu time, sendo que através destes agentes é que seu desempenho será conduzido, ou não, a um reconhecimento social de proporções ampliadas (MACHADO, 2010; WAGG, 2006). Devido a este contexto, a relação entre treinadores de futebol e a imprensa esportiva está entre as maiores dificuldades enfrentadas pelos treinadores de futebol entrevistados no estudo de Marturelli Júnior e Oliveira (2002).

Sendo assim, é possível perceber que o campo midiático tem influencia no reconhecimento social da profissão de treinador de futebol, uma vez que os critérios que diferenciam estes treinadores do grande público não são levados em consideração na análise televisiva. O campo midiático não legitima a competência do treinador de futebol em relação ao treinamento esportivo como faria com um médico em relação capacidade de tratar pessoas. Mas, se grande parte das pessoas possuem competências para emitir sua opinião sobre o futebol, o que diferencia os treinadores, jornalistas e comentaristas que possuem capital social nestes campos? Estas e outras reflexões serão apresentadas no segundo eixo desta discussão.

5.2. Os agentes e o discurso televisivo enquanto legitimadores da formação artesanal no futebol.

A pergunta realizada no final do tópico anterior revela um importante ponto de reflexão. Se a análise do futebol é, até certa medida, superficial, o que diferencia os agentes com mais capital simbólico no interior do campo midiático e esportivo? Para responder a esta questão, Bourdieu (1997) apresenta que os jornalistas, na verdade, trabalham para ascender no interior de seu próprio campo. Desta forma, estes agentes têm dois objetivos principais: garantir que seu programa atinja os níveis de audiência desejados por sua emissora para obter os dividendos desta relação e fazer com que ele e sua emissora adquiram prestígio e ascendam em seu campo.

O mundo do jornalismo é um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que sofre por parte de outros microcosmos. Dizer que ele é autônomo, que tem sua própria lei, significa dizer que o que nele se passa não pode ser compreendido de maneira direta a partir de fatores externos. (BOURDIEU, 1997, p. 55).

Desta maneira é possível afirmar que há uma lógica distinta entre o campo esportivo, subcampo futebol e o campo midiático, uma vez que os agentes de cada campo, com o intuito ascender em seu respectivo campo, defendem interesses próprios, específicos a este campo. Por exemplo, segundo Marturelli Júnior e Oliveira (2002), para um treinador de futebol, a instabilidade profissional é a principal dificuldade enfrentada em seu trabalho diário e, de acordo com o estudo de Caballero, Gómez e Sala (2009), no futebol espanhol, as trocas de treinadores realizadas em uma temporada não geram melhoras significativas no rendimento da equipe. Contudo, para os agentes do campo midiático, este é um contexto favorável para o desenvolvimento do seu trabalho, pois na chamada “dança de cadeiras” ocorre a busca pela notícia que pode garantir a estabilidade profissional e a ascensão em seu campo. Em um programa esportivo analisado no estudo piloto para esta dissertação, os discursos encontrados confirmam este contexto.

Não sei o que a comentarista 2 pensa sobre isto, mas eu acho um marasmo, 25 anos de Alex Ferguson no Manchester United, quando ganha você já sabe o que ele vai falar, quando

perde também, eu... eu acho chato, confesso... tedioso! (Apresentador).

É, principalmente como um técnico de campo, né? Se ele fosse um manager e tivesse um técnico de campo que mudasse, tal... mas, enfim... é o estilo deles, e o cara tem sucesso... (Comentarista 1).

É... eu acho que deve ser um pouco mais chato para a imprensa, né? Que como você falou, já sabe, é mais previsível. Mas a história de sucesso não dá para negar. (Comentarista 2).

Não, estou brincando, mas é que o nosso trabalho fica mais divertido com essa mudança, essa dança de cadeiras, quem vem, quem sai... (Apresentador).

Esta característica relacionada aos modos de ascender no campo midiático pode gerar um comportamento que estabeleça um paradoxo na atuação dos agentes da mídia. Ao mesmo tempo que estes agentes exigem a melhoria do futebol, pedindo, como apresentado nos resultados, a manutenção dos treinadores no cargo por mais tempo, no mesmo programa há críticas aos treinadores, e até um agendamento da demissão destes treinadores (BORELLI, 2003).

Outro importante aspecto a ser discutido é: se o conhecimento é superficial e de domínio de todos, o que diferencia o conhecimento veiculado na mídia? Em primeiro lugar, como já relatado anteriormente, a televisão por si só confere autoridade ao discurso dos agentes do campo midiático, principalmente por utilizar de informações e lógicas de comunicação favoráveis a uma aceitação pouco reflexiva e crítica de grande parte do público. Para, além disso, no caso específico do futebol, há um apelo por outros recursos, uma vez que o capital cultural não parece ser o principal aspecto para o campo midiático. Desta maneira, a televisão lança mão em suas transmissões de ex-jogadores profissionais de futebol, agentes que possuem capital específico no subcampo do futebol, chamado por Damo (2005) de capital futebolístico. Estes agentes também possuem capital simbólico perante o grande público, por terem feito parte de um seleto grupo de pessoas que conseguiu atingir o sonho de muitos brasileiros de ser jogador profissional de futebol (DAMO, 2005).

Já que todos parecem entender de futebol, o ex-jogador traz algo diferente à transmissão: ter experimentado as sensações que os jogadores vivenciam no momento do jogo. Estes ex-jogadores também possuem o capital

simbólico, advindo do dom de jogar futebol que se atribui a estes, algo fortemente presente em nossa cultura (DAMO, 2005; SANTOS, 2009; THIENGO; HUNGER; OLIVEIRA, 2010). Ser considerado possuidor deste dom dá ao indivíduo legitimidade para avaliar o futebol e indicar quem também é possuidor deste dom ou talento, o chamado “olhar clínico” (SANTOS, 2009). Neste estudo, este cenário é percebido ao notar-se que o ex-jogador que atuava como treinador das equipes de base do Santos foi isentado das críticas em relação aos treinadores brasileiros. O apelo das emissoras televisivas por estes agentes é perceptível pelo número de comentaristas e convidados que atuaram como jogadores profissionais que participam das transmissões e programas destinados a falar sobre futebol.

Os meios de comunicação de massa, ao buscarem os especialistas no entendimento do futebol, o fazem de acordo com o capital futebolístico adquirido pelos ex-jogadores, agindo como legitimadores da capacidade advinda do dom e do saber fazer em campo, em detrimento do capital cultural adquirido em uma formação sistematizada para se atuar no esporte. Contudo, além da escolha dos comentaristas, percebe-se a presença da concepção artesanal no entendimento sobre a formação dos treinadores em diversos momentos nos programas analisados, como os exemplos abaixo:

O que eu sei é que ele (Guardiola) foi formado, no que se chama lá, nas *canteras* do Barcelona, ele se formou lá. Ele jogou no infantil, no júnior, no pré-isso, no pré-aquilo, não sei o que, foi jogador do Barcelona, foi capitão do Barcelona, hoje é o técnico do Barcelona. (Apresentador).

Como você sempre foi um jogador extremamente habilidoso, ia para cima e driblava todo mundo mesmo, não deixa os meninos perderem a habilidade, não bota eles pra pega! Pega! Pega! Corre! Corre! Corre! (Apresentador)

- Jogou com ele não (Guardiola)?
 - Joguei contra.
 - E ele jogava bola também, né?
 - Muito! E muito!
 - É isso que eu digo! A formação!.
- (Diálogo entre Convidado 2 e Apresentador.)

A concepção apresentada está pautada na formação artesanal e no paradigma pré-moderno (DRIGO, 2007; 2009). Esta tem como pano de fundo a ideia do saber fazer e de possuir o dom/dádiva ou o talento para uma

determinada função. No futebol, esta concepção entende que saber fazer é sinônimo saber ensinar. Isto é percebido na fala do apresentador, na qual ele pede para que o *Convidado 2*, que possuía a habilidade do drible quando era jogador, que ensine seus alunos/atletas a driblar. É desconsiderado que o saber fazer do jogador difere-se de maneira substancial do saber fazer do treinador, que deve ter em conta outros aspectos para exercer essa função. Esta ideia reflete uma forma de identificar o processo de formação para o trabalho como treinador sob a ótica exclusivamente artesanal, que não concebe outras formas de preparação para o trabalho como treinador esportivo. Pensando sobre este olhar, é impossibilitada uma formação moderna advinda do conhecimento prático, científico, do desenvolvimento tecnológico e pedagógico atrelados a uma formação profissional sistematizada (DRIGO, et al. 2011; VENUTO, 1998).

Para Drigo (2007), a formação profissional, pautada no paradigma moderno e pós-moderno, deve considerar de maneira obrigatória os conhecimentos científicos presentes em uma determinada profissão. Dubar (2005) destaca que é a aquisição do corpo de conhecimento teórico de uma profissão que traça uma linha de diferenciação entre os profissionais, especializados em uma determinada área de atuação e as demais pessoas. Lawson (1984) também aponta a diferença entre a profissão, pautada em pesquisas sobre a área de atuação e a ocupação, na qual a atividade é realizada com base principalmente na tradição e na tentativa e erro.

A mídia, a partir da seleção e da atribuição de prestígio aos ex-jogadores enquanto conhecedores do jogo legitima este grupo, oriundos da formação artesanal pautada no saber fazer, em detrimento do grupo de profissionais de Educação Física ou de cursos de formação profissional de treinadores de futebol (modelo europeu), como competentes para analisar e explicar sobre o jogo. A formação para atuar como treinador de futebol é confundida com a formação para ser jogador de futebol, mostrando a incorporação deste conceito por parte de alguns agentes da mídia. Como os comentaristas e convidados são ex-jogadores de futebol que também não passaram por cursos de formação, esta visão tende a ser reforçada. Esta concepção está presente, inclusive, na entidade reguladora do futebol brasileiro, a CBF, que, em 2012, emitiu um parecer alegando que os Conselhos de Educação Física não

possuíam autonomia para questionar a atuação de treinadores de futebol sem formação no curso superior de Educação Física (TALAMONI, 2013). Isto reflete em um cenário no qual os conhecimentos acadêmico-científicos para exercer a profissão são desconsiderados ou relativizados quando comparados à atuação como jogador profissional de futebol (BENITEZ, BARBIERI, NETO, 2007; MARTURELLI JÚNIOR; OLIVEIRA, 2002; TALAMONI, 2013).

É importante destacar que os conhecimentos e competências adquiridos de forma artesanal e as experiências advindas de diversos anos como jogador profissional de futebol não devem, de forma nenhuma, ser consideradas irrelevantes ou desqualificadas, porém, é fundamental que junto a elas, seja somado um conhecimento atualizado que considere o desenvolvimento social, tecnológico e científico da sociedade e dos esportes. Caso contrário, este conhecimento torna-se anacrônico em relação a uma modalidade que busca o alto rendimento e resultados expressivos a cada momento.

Esta maneira de entender e legitimar os grupos capazes de exercer a função de treinador de futebol, atribuindo competência ao saber fazer enquanto jogador, sem que seja destacada a necessidade da aquisição de conhecimento específico produzido nesta área é, segundo a perspectiva da literatura adotada neste estudo, reduzir a função de treinador de futebol a uma ocupação, na qual não há regras de entrada nem de atuação. Ainda mais, cria-se, com isto, uma disputa entre dois polos, os ex-jogadores e os formados em cursos de preparação. O modelo europeu, que exige formação para ex-jogadores de futebol, visa superar esta dicotomia (COSTA, 2005; UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2012). Este é o caso de Guardiola, personagem deste estudo, que, apesar de ter sido jogador de futebol, deve obrigatoriamente ter formação através dos cursos da Real Federação Espanhola de Futebol para poder dirigir um clube (UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, 2012). Contudo, nos discursos analisados, esta informação é desconsiderada, reduzindo-o a um jogador talentoso, impossibilitado de estar presente nos dois universos.

Vale salientar que, neste estudo, não há a intenção de apresentar o curso de Educação Física como único caminho para a formação de treinadores de futebol. Diversos estudos vêm buscando entender quais os conhecimentos e competências necessárias ao treinador de futebol e como estes podem ser organizados em um currículo que supra as necessidades do interessado em

exercer este cargo (BENITES, BARBIERI, NETO, 2007; COSTA, 2005; CUNHA et. al., 2010; DUARTE, 2009; GILBERT, COTÉ, MALLETT, 2006; JONES, ARMOUR, POTRAC, 2003; ROSADO; MESQUITA, 2008; THIENGO 2011; TALAMONI, 2013). No entanto, independente do currículo e formato escolhido, é certo que a atuação profissional do treinador de futebol deve ser embasada por uma formação de boa qualidade que permita a oportunidade de adquirir conhecimentos e competências de maneira sistematizada e não apenas baseada em experiências pessoais com o esporte. Considera-se importante neste caso, uma formação inicial, específica, e continuada para atingir a excelência na prestação de serviços exigida por uma formação de caráter profissional, com o objetivo de suprir a alta demanda apresentada pelo futebol em nosso país. Não obstante, esta formação não exclui os conhecedores das habilidades adquiridas como jogadores profissionais de futebol, apenas as aperfeiçoam conforme as exigências da modernidade.

No contexto apresentado, o discurso televisivo, apesar da crítica aos treinadores de futebol, sobretudo os brasileiros, não tem como parte de sua pauta discutir meios e métodos para formar e desenvolver melhores treinadores de futebol. A crítica se esgota em conceitos táticos, principalmente relacionados à escalação de jogadores. Ela é pouco profunda no que diz respeito à necessidade de uma mudança paradigmática na formação de treinadores de futebol. Observa-se que foi atribuída competência à Muricy Ramalho apenas em virtude de sua escalação ou troca de jogadores, porém não foi comparada a qualidade dos jogadores de cada equipe, nem as condições de trabalho que cada um teve, muito menos a formação dos dois treinadores. Quando há críticas ao futebol brasileiro, estas são relacionadas à falta de talentos, da qual os treinadores de categoria de base são os principais responsáveis. Porém, um ex-jogador, treinador da categoria de base da equipe derrotada, é apresentado como especialista para identificar e resolver estes problemas, gerando uma lógica que se retroalimenta.

Este cenário, em que o papel da formação é desconsiderado, apesar da relevância do treinador para os meios de comunicação de massa, pode ter implicações significativas no modo como esta profissão é reconhecida no Brasil e, conseqüentemente, como os treinadores brasileiros são preparados para exercer esta função. Isto pode influenciar de maneira direta no

desenvolvimento desta modalidade em todas suas potencialidades em nosso país.

CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar o conteúdo e a atribuição de valor feita pelo campo midiático, através do discurso televisivo, ao treinador de futebol, inferindo como este pode interferir no reconhecimento social da profissão. Além disso, teve-se a intenção de averiguar como estes discursos podem legitimar os grupos que disputam a autonomia desta função. Os dados foram discutidos à luz da teoria de Pierre Bourdieu e dos referenciais de profissão e mídia.

Como abordado na revisão deste trabalho, a relação entre esporte e mídia é indissociável, sendo esta fundamental para a legitimidade do campo esportivo e seus agentes. Contudo estes meios possuem critérios específicos para a transmissão do esporte espetáculo, criando uma realidade autônoma e específica sobre este. Paralelo a isto, há, no Brasil, leis incoerentes sobre a atuação do treinador de futebol, que fomentam uma disputa entre ex-jogadores de futebol e profissionais de Educação Física na busca pela legitimidade social nesta profissão.

Constatou-se que o treinador de futebol é figura importante na comunicação televisiva, estando presentes de maneira constante na agenda dos programas analisados. Contudo, a atribuição de prestígio ocorre quase que exclusivamente em função do resultado do jogo, conferindo grande volatilidade a este reconhecimento. Foi possível observar que há grande pré-disposição do campo midiático em avaliar, sugerir, criticar e atribuir valor ao treinador de futebol. Porém, isto ocorre de acordo com uma análise pouco aprofundada, que não considera a ciência aplicada ao treinamento esportivo e a alta gama de fatores que interferem na tomada de decisão destes treinadores. O estudo também discutiu a diferente relação entre o trabalho do treinador, realizado *a priori* (antes dos acontecimentos) e a análise dos agentes da mídia, realizado *a posteriori* (após os acontecimentos) favorecendo análises negativas quando o resultado não atente o esperado.

De acordo com este contexto, no qual o treinador de futebol é constantemente avaliado com base em critérios pouco claros, somado às diferenças entre os modos de ascender no campo midiático e esportivo, é possível inferir que o discurso televisivo contribui para um cenário no qual o

conhecimento em futebol parece estar ao alcance de todos não havendo necessidade de formação específica para tal. Neste caso, os resultados são o “fiel da balança” para a atribuição de prestígio ao treinador frente ao grande público.

Em relação à formação dos treinadores de futebol e aos grupos que disputam a autonomia no exercício desta função, constatou-se que a necessidade de uma formação teórica e a discussão sobre este tema não fazem parte da pauta jornalística, apesar da crítica aos treinadores brasileiros. Ao contrário disso, a formação profissional para atuar como treinador de futebol foi confundida, em mais de uma oportunidade, com a formação como jogador profissional. Desta forma a análise do campo midiático é pautada numa visão artesanal, baseada em um paradigma pré-moderno de formação, na qual o saber fazer como jogador e o dom de jogar futebol são considerados os atributos necessários para entender a modalidade. Isto é reafirmado pela constante presença de ex-jogadores de futebol, com a autoridade que seu capital futebolístico lhes confere, para analisar o jogo e seus agentes, independente de seu capital cultural.

A discussão apresentada revela que o campo midiático, de forma mais ou menos explícita, consciente ou não, contribui para a validação do ex-jogador de futebol. Não há referência a necessidade de formação baseada no paradigma moderno e pós-moderno, no qual a aquisição de conhecimentos científicos deveria ser fundamental para o exercício da função de treinador de futebol.

Como reflexão e indicação de intervenção, este estudo apresenta a necessidade de mais formação e informação do campo midiático a respeito do campo esportivo. Não se tem como objetivo culpar um agente ou campo pelos problemas enfrentados pelo futebol em nosso país, pelo contrário, o estudo visa chamar a atenção para a importante relação entre o campo esportivo e o campo midiático, colocando os agentes da mídia como corresponsáveis pela evolução do esporte. Este estudo iniciou-se no ano de 2011 e está sendo finalizado após a Copa do Mundo do Brasil de 2014. Nestes três anos, percebeu-se que pouco foi alterado em relação ao discurso da mídia sobre o futebol brasileiro. A derrota da equipe do Santos deu lugar ao fracasso da seleção brasileira diante da seleção alemã na semifinal no Mundial/2014,

derrotada por 7x1. Neste momento, pós-derrota, novamente está sendo levantada uma série de críticas ao nosso futebol, muitas similares aos discursos presentes neste estudo, sendo o exemplo do Barcelona substituído pelo da Alemanha. Pela sua capacidade de legitimar temas junto à sociedade, colocando-os como pontos de discussão, a imprensa esportiva tem como importante papel trazer à tona assuntos relevantes como a necessidade de formação dos profissionais do esporte. A crítica deve superar a análise do treinador nos jogos, direcionando-se para as condições modelos adotados no país para que estes treinadores possam ter uma melhor atuação. É fundamental que todos os agentes envolvidos com o futebol brasileiro busquem melhorar o cenário atual dessa modalidade, através da melhoria da aquisição do conhecimento no futebol.

Para finalizar, defende-se a necessidade de mais formação e informação do campo midiático e esportivo a respeito da importância da criação de um corpo de conhecimento teórico para o exercício da profissão de treinador, que deve ser adquirido em cursos de formação acadêmico-científicos (sejam de Educação Física ou Federativos). Objetiva-se, assim, permitir que os interessados em exercer este cargo adquiram conhecimentos e competências importantes para seu desenvolvimento profissional e da modalidade como um todo. Isto permitirá que a atuação do treinador de futebol seja pautada em um aprendizado sistematizado e não apenas em experiências pessoais, impossível de existir de acordo com as atuais demandas da modalidade. Por fim, espera-se que este estudo auxilie na formação da mídia, para a mídia e pela mídia, fazendo com que todos recursos de socialização do conhecimento e transformação sejam utilizados na evolução do futebol brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. A.; PROCHNIK, L.; Quanto vale uma partida de futebol? A relação entre televisão e futebol no cenário midiático contemporâneo. **Comunicação e Esporte**. v. 17, n.02, p.51-64. 2010.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 1998.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 2009.

BARROS, J. M. C. Educação Física na Sociedade Brasileira Atual e Regulamentação da Profissão. **Revista Motriz**, v.6, n.2, p. 107-109. Jul./Dez. 2009

BECKER JUNIOR, B. (Org) **Psicologia aplicada ao treinador esportivo**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2002. 231 p.

BENITEZ, L. C.; BARBIERI, F. A.; NETO, S. S. O futebol: Questões e reflexões a respeito dessa “profissão”. **Pensar a Prática**, v.10, n. 1, p.51-67. Jan./Jul. 2007.

BETTI, M. **Violência em campo, dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo**. Ijuí: Unijuí, 1997.

_____. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. 1997. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.

_____. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. Esporte, televisão e espetáculo: o caso da TV a cabo. **Conexões**, n. 3, p.74-91. 1999.

_____. Esporte *na* mídia ou esporte *da* mídia? **Motrivivência**, Ano XII, n. 17, p. 107-111, setembro 2002.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero. p.136-153. 1983.

BRASIL. Lei nº 6.354, de 02 de setembro de 1976. Dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília.

BRASIL. Lei nº 8.650, de 22 de abril de 1993. Dispõe sobre as relações de trabalho do Treinador Profissional de Futebol e dá outras providências. **Diário**

Oficial [da República Federativa do Brasil], Brasília, DF, nº 75 de 23 de abril de 1993.

BRASIL. Congresso Federal. Lei nº 9.696, de 1º de set. de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselhos Federal e regional de Educação Física. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, nº 168 de 02 de setembro de 1998.

BORELLI V, “A queda de um treinador: estratégias discursivas de agendamento e a demissão de Luxemburgo da Seleção Brasileira de Futebol”. In: **XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, BH/MG - INTERCOM. 2003.

CABALLERO, R.; GOMÉZ, T.; SALA, R. El cambio de entrenador de fútbol durante la temporada mejora el rendimiento del equipo? **Rect@**, v.10. p.159-177. 2009

CAREGNATO, R. C. A.; MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso *versus* análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**. v.15, n.4, p. 679-684. out.-dez. 2006.

CAVALCANTI, E. A.; CAPRARO, A. M. A Mídia e o ídolo Ronaldo: Analisando as matérias da folha online (2002-2009). **Revista Brasileira de Ciência e Esporte**, v.35, n.3, p.741-755. 2013.

CHIZZOTTI, A. A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evoluções e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. v.16, n.2, p. 221-236, 2003.

COSTA, I. T. **Análise do perfil de liderança de treinadores de futebol do campeonato brasileiro série A/2005**. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

COSTA, J. P. A.; **Análise de Competências, Modelos e Necessidades de Formação**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 2005.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VOLEIBOL; **SUPERLIGA 13/14: Competição terá sets de 21 pontos**. Disponível em: <<http://www.cbv.com.br/v1/noticias.asp?IdNot=18673>> Acesso em: 30/08/2013.

CUNHA, G. B. **Análise da auto-percepção dos treinadores de futebol no domínio dos conhecimentos e competências profissionais e no reconhecimento da necessidade de formação**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto.

CUNHA, G. B.; MESQUITA, I. M. R.; ROSADO, A. F. B.; SOUSA, T.; PEREIRA, P. Necessidades de formação para o exercício profissional na

perspectiva do treinado de Futebol em função da sua experiência e nível de formação. **Motriz**. v. 16, n. 4, p. 931-941, 2010.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DRIGO, A. J. **O Judô: do modelo artesanal ao modelo científico**: Um estudo sobre as lutas, formação profissional e construção do Habitus. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

DRIGO, A. J. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. **Motriz**, v. 15, n. 2, p.396-406. 2009.

DRIGO, A. J.; SOUZA NETO, S.; CESANA, J.; TOJAL, J. B. A.; Artes marciais, formação profissional e escolas de ofício: Análise documental do judô brasileiro. **Motricidade**, v. 7, n. 4, p. 49-62. 2011.

DUARTE, D. F. T. S.; **O treinador de Sucesso no Futebol**. Uma perspectiva de treinadores e jogadores de elite do futebol português. 2009. Dissertação de mestrado. Faculdade de desporto da universidade do Porto.

ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984

FEDERAÇÃO DE INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO. **Quase do planeta sintonizado em casa na África do Sul 2010**. Disponível em: <<http://pt.m.fifa.com/newscentre/news/newsid=1473439/index.html>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2011.

FEDERAÇÃO DE INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO. **Copa do Mundo de Clubes da FIFA**. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/tournaments/archive/clubworldcup/index.html>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2014.

FEDERAÇÃO DE INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO. **FIFA Associations**. Disponível em: <<http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/associations.html>>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2014.

FERRÉS, J. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

GASTALDO, E. L.; Narrando o Fracasso: a locução esportiva na decisão da Copa do Mundo de 1998. INCERCOM – **XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação**, Campo Grande. 2001.

GASTALDO, E. L.; Uma Arquibancada Eletrônica: Reflexões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil. *Campos - Revista Antropologia Social*, v. 6, p.113-123, 2005.

GASTALDO, E. L.; “O país do futebol” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. *Sociologias*, ano 11, n. 22, p.352-369. Jul./Dez. 2009.

GILBERT, W.; CÔTÉ, J.; MALLETT, C. Developmental Paths and Activities of Successful Sport Coaches; *Internacional Journal of Sports Science & Coaching*, v.1, n.1. p. 69-76. 2006.

HELAL, R. **Mídia e Esporte – A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro.** In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM (São Paulo), Rio de Janeiro, 2003, v.4, n.7, p. 19-36.

INTERNATIONAL FEDERATION OF FOOTBALL HISTORY & STATISTICS. **Clasificación Mundial de los Clubes.** Disponível em: < <http://www.iffhs.de/> >. Acesso em: 10 abril 2012.

JONES, R. L.; ARMOUR, K. M.; POTRAC, P. Constructing Expert Knowledge: A case study of top-level Professional soccer coach. *Sport, Education and Society*, v.8, n.2, p. 213-229. 2003

LAVIERI, D. Felipão é demitido e deixa o Palmeiras em crise após 26 meses e um título. **Caderno de esportes da UOL**, São Paulo, disponível em <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2012/09/13/felipao-e-demitido-e-deixa-o-palmeiras-em-crise-apos-26-meses-no-comando.htm>. Acesso em: 22/01/13

LAWSON, H. Invitation to physical education. **Champaign, Human Kinetics Book**, p. 5-17, 1984.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986

MARCON, D. **Construção do conhecimento pedagógico do conteúdo dos futuros professores de Educação Física.** Tese (Doutorado) – Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, 2011.

MARQUES, J. C. Parece que todo Brasil deu a mão. As copas do mundo e a mobilização de nossa imprensa esportiva. In. **Comunicação e Esporte: Tendências.** MARQUES, J. C.; CARVALHO, S.; CAMARGO, V. R. T., (orgs). Intercom, p. 149-171. 2005.

MARTURELLI JUNIOR, M. **Organização do Trabalho de Treinadores de Futebol: Estratégias de Ação e Produtividade de Equipes Profissionais.** Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MARTURELLI JUNIOR, M.; OLIVEIRA, A. L.; Treinadores de futebol de alto nível: as evidentes dificuldades que cercam a produtividade destes profissionais. In: **IX Simpósio Internacional Processo Civilizador**, Ponta Grossa, Paraná, 2010.

MACHADO, A. A.; A imagem dos treinadores de futebol na perspectiva dos jornalistas. *Pulsar*, v. 2, n. 2, 2010.

MACHADO, A. A.; Técnicos de futebol e mídia: duelo de titãs. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, v. 9, p. 237-244, 2010.

PASSOS, P.; MATTOS, R.; CBF escolhe Felipão como novo técnico da seleção e faz supercomissão com Parreira. **Caderno de esportes da UOL**, São Paulo, disponível em:

<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2012/11/28/cbf-escolhe-felipao-como-novo-tecnico-da-selecao-e-quer-dobradinha-com-parreira.htm>

Acesso: 22/01/13

PROCHNIK, L.; O futebol na telinha: a relação entre o esporte mais popular do Brasil e a Mídia. In: XV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 2010, Vitória. **Anais do XV Congresso de ciências da Comunicação na região Sudeste**. São Paulo: Intercom, 2010.

PRONI, M. W. **Esporte espetáculo e futebol empresa**. Tese de doutorado apresentada a Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual da Campinas. 1998.

ROSADO, A.; MESQUITA, I. A formação para ser treinador. In: Tavares, F. et al. (ed.) **Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos**. Porto: Multitema, 2008. cap. 4, p.48-57.

SANFELICE, G. R.; Campo midiático e campo esportivo: suas relações e construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, v. 31, n. 2, p. 137-153. Janeiro 2010.

SANTAELLA, L. **A cultura das mídias**. São Paulo: Experimento, 1996.

SANTOS, C. J. Repensando o estilo à brasileira: escolinhas de futebol e aprendizagem esportiva. In: TOLEDO, L. H.; COSTA, C. E. **Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009, p. 217-254.

SILVA, C. L.; MARCHI JÚNIOR, W. Comunicação televisiva: reflexões e considerações sobre o jornalismo esportivo. **Razón y Palabra**, v. 69, p. 1-18, 2009.

SILVA, R. N. B. ; DRIGO, A. J. . Os meios de comunicação de massa e a profissão de treinador de futebol: uma análise do mundial interclubes de 2011. In: IV Congresso Internacional de Jogos Desportivos Coletivos, 2013,

Florianópolis - SC. **Revista Mineira de Educação Física, Edição Especial**, 2013. 2013. v. XXI. p. 932-938.

SILVA, R. N. B. ; TALAMONI, G. A. ; TAVARES JUNIOR, A. C. ; CRESSONI, F. E. G. ; TEBALDI, M. ; PAJANIAN, F. ; OLIVEIRA, A. L. ; DRIGO, A. J. . Futebol e a construção da imagem de treinadores pela mídia: um estudo à partir das notícias de um site de grande visitação na web. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2014. No prelo.

TALAMONI, G. A. **A Trajetória de treinadores de futebol campeões brasileiros**: Análise das implicações da formação na atuação profissional. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2013.

TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, Flávio I. S.; HUNGER, Dagmar. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 73-93, 2013.

THIENGO, C. R. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

THIENGO, C. R.; HUNGER, D.; OLIVEIRA, P. I. O talento e dom sob a perspectiva da abordagem configuracional no futebol. In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL, 2010, Museu do futebol, São Paulo, **Anais**, 2010.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, **Especial: a importância da formação do treinador de futebol**. Disponível em: <<http://www.universidadedofutebol.com.br/Artigo/15455/Especial-a-importancia-da-formacao-do-treinador-de-futebol>> acesso em: 10/12/2012.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, **Especial: a importância da formação do treinador de futebol – PARTE II**. Disponível em: <<http://universidadedofutebol.com.br/Artigo/15456/ESPECIAL-A-IMPORTANCIA-DA-FORMACAO-DO-TREINADOR-DE-FUTEBOL-%E2%80%93-PARTE-II>>. acesso em: 10/12/2012.

UNIVERSIDADE DO FUTEBOL, **Especial: a importância da formação do treinador de futebol – PARTE III**. Disponível em: <<http://universidadedofutebol.com.br/Artigo/15457/Especial-a-importancia-da-formacao-do-treinador-de-futebol-%E2%80%93-parte-III>> Acesso em: 10/12/2012.

VENUTO, A. A astrologia como campo profissional em formação. **Dados**. N.42, n. 4, p.761-801, 1999.

WAGG, S. “Anjos de todos nós?” Os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de celebridade. **Análise Social**, v.XLI (179), p. 347-369. 2006.

APÊNDICE A – Transcrição do programa do dia anterior ao jogo final

BLOCO 1

Apresentador: Começamos a falar do jogo pela notícia do Estadão, ou pela opinião que o Estadão dá pela sua capa do caderno de esportes, sobre... o Estadão aposta que o Muricy vai mexer no time. O Estadão aposta que o Durval, que causou grande repercussão negativa, o Durval como lateral esquerdo, enfrentando o Kashiwa, o Sakay, lateral direito do Kashiwa fez a festa em cima do Santos, então ele já projeta o Daniel Alves, que é o lateral direito do Barça, e melhor que o Sakay, inegavelmente, e aí o Estadão aposta no seguinte, na capa do caderno de esportes, que ele vai tirar ou o Henrique, que está jogando muito mal, ou o Elano, que também tá mal e vai colocar o Léo como ala e formar uma linha de três zagueiros, Durval, Bruno Rodrigo, Edu Dracena. Essa é a aposta do Estadão.

Comentarista 1: Mas faz sentido, porque se a gente for lembrar do São Paulo tri-campeão do Muricy, é... ele sempre diz que não, que ele prefere jogar em 4-4-2, mas quase todos os times do São Paulo que o Muricy dirigiu acabaram, de uma forma ou de outra caindo no 3-5-2, e diante da formação atual do que ele tem na mão, não acho ruim, não, eu só não tiraria o Elano que, embora não esteja bem, é um jogador de bola parada excepcional, e um jogador que sabe jogar. Mas eu acredito sim que ele possa botar o Durval de terceiro zagueiro, tirar um meio campo, e botar os dois laterais como alas.

Apresentador: Eu vejo um grande risco nisso, mas quero ouvir o Comentarista 2.

Comentarista 2: Esse programa não vai acabar bem, eu já vou discordar de novo do Comentarista 1. A gente não vai se entender, você vai ter que nos separar daqui a pouco. (risos dos três participantes do programa).

Comentarista 1: Você veio de azul, eu vim de vermelho, precisa dizer mais alguma coisa? (risos).

Comentarista 2: Eu vim certo, você que veio errado, né? Mas enfim... (risos)

Comentarista 1: Eu vim em homenagem ao Mazembe (Equipe africana que derrotou a equipe brasileira do Internacional no mundial anterior) que fez um ano. (risos)

Comentarista 2: Eu acho que ele segue, até por... pelos últimos jogos do Santos, eu acho que ele não vai mudar a essa altura do campeonato, evidente que o Santos já jogou com três zagueiros, mas a rotina, a última é de quatro zagueiros. O que eu acho que ele pode fazer... (interrompido).

Comentarista 1: Você acha que ele vai seguir com o Durval na lateral esquerda?

Comentarista 2: Não, talvez ele troque o Léo para ter mais mobilidade, por o Durval, é bola alta, é força, o que o Santos precisa é mais agilidade, e eu acho que ele botar os três zagueiros é, de repente, despovoar um pouco o meio campo e aí... nossa senhora... (interrompido)

Apresentador: É isso que eu acho, exatamente.

Comentarista 2: Fábregas, Xavi, Iniesta, com todo mundo marcando já é um inferno, imagina...

Comentarista 1: Mas olha aqui, despovoar mais ou menos, se você jogar de ala, eles vão jogar ali no meio campo.

Apresentador: Mas, assim, o Barcelona é um time que não tem bola alta, ele não fica cruzando, não tem centroavante poste.

Comentarista 2: Na bola parada tem, só na bola parada, os zagueiros sobem.

Apresentador: Sim... aí vai o Puyol e o Piquet exatamente.

Comentarista 1: O Serginho, lateral esquerdo... ex-lateral esquerdo do Barcelona, e do Milan, jogou no Barcelona também muito tempo, ele contou uma história espetacular... (interrompido)

Apresentador: Silvinho você diz.

Comentarista 1: Silvinho, perdão, desculpa, Silvinho. Ele contou uma história espetacular ontem no arena, né? Ele disse que na época que ele jogava lá (no Barcelona), ele às vezes chegava no fundo, olhava, via dois caras do Barcelona na área e ele cruzava, se não saía o gol, e a maioria das vezes não saía o gol, ele levava bronca: - Olha aqui, tinha dois nossos lá, mas tinham quatro zagueiros, para que você foi meter essa bola lá? Aqui a gente só conclui quando tem absoluta certeza de que vai fazer o gol, volta a bola, vamos tocar de novo até abrir o espaço, não tem essa de botar bola alta na área e seja o que Deus quiser. – E é muito a filosofia do Barcelona, o Barcelona não é de fazer esse tipo de cruzamento, vai tocar, tocar.

Apresentador: O Fábregas fez um gol de bola aérea contra o Real Madri e o Fábregas tem menos de um metro e oitenta, cruzamento do Daniel Alves... (interrompido).

Comentarista 1: É, mas aí é quase um passe, né? Na cabeça do cara.

Apresentador: Exatamente. Por não ser um time que alça muitas boas na área, três zagueiros ali podem até ficar sem função, sendo que o jogo do Barça tá mais no meio campo, por isso discordo um pouco do Estadão. Eu não acharia boa ideia, mas o técnico é o Muricy evidentemente, você despovoar o meio para fortalecer a zaga... (interrompido).

Comentarista 1: Mas que o Muricy adora três zagueiros adora...

Apresentador: Adora, adora. O fato é que temos um problema na lateral esquerda do Santos, todos os jornais hoje falam disso, e a apresentação do Durval como lateral não caiu nada bem. E aí, o Estadão lembra que como é um jogador que se mostrou firme e útil ao longo de toda a temporada o Muricy também não queria sacrificar, não quer sacrificar o Durval, acho que o Muricy tá levando essa dúvida pra domingo, tem essa dúvida, como ele vai armar o time. No Barcelona a dúvida é, quem joga no ataque? O Alexis Sanchis já vinha jogando como titular.

BLOCO 2

Apresentador: Guardiola e Muricy não vai entrar na lista final porque eles não entram em campo, a gente entende que quem decide mesmo são os jogadores... Eu já adianto que eu vou dar a mesma nota, que eu “fanzaço” do Muricy, acho que o Muricy é tão bom quanto o Pep Guardiola. Botemos imagens dos dois.

Comentarista 1: Dou 8,5 para os dois.

Apresentador: Olha o Guardiola foi três vezes campeão espanhol dirigindo o Barça, tem uma Copa do Rei, três Supercopas da Espanha, duas Ligas dos Campeões, duas Supercopas da Europa, um Mundial de Clubes. Muricy, quatro vezes campeão brasileiro, uma Libertadores, seis vezes campeão estadual. Comentarista 2...

Comentarista 2: 10 para o Guardiola! Para mim o melhor técnico do mundo, é quem faz o grupo produzir a coisa mais bonita que existe no futebol mundial, acho que é o Barcelona jogando, o conjunto do Barcelona. Porque a gente fez

toda a comparação, nota, jogador contra jogador, mas no fundo, no fundo, o que conta mesmo é o que os onze juntos fazem contra os onze juntos do outro lado. E aí o trabalho do Guardiola é espetacular, porque é um trabalho de muitos anos. É... os jogadores vão entrando, saindo, o Thiago Alcantra, o “não sei mais quem”, e o time continua parecido, então é... 10 pro Guardiola e 7,5 para o Muricy, eu acho que o Muricy faz um trabalho normal e o trabalho do Guardiola é um trabalho fora do normal.

Comentarista 1: Tem uma diferença aí, eu concordo que o trabalho do Guardiola é um trabalho espetacular, mas eu queria ver o Guardiola dirigindo o São Caetano.

Comentarista 2: É o que o Muricy fez a provocação, né?

Comentarista 1: Pois é, o que acontece é o seguinte: o Guardiola pegou um Barcelona espetacular do Frank Rijkaard, ele não formou esse Barça, o Barcelona já era espetacular na era do Rijkaard, já com essa mesma escola. Ele ajudou manter e talvez tenha até aprimorado, acho que aprimorou, é verdade, mas, é muito mais fácil você ser técnico de um Barcelona que tem, não somente dinheiro “a dar com pau”, como tem uma *cantera*, uma divisão de base poderosíssima, e te abastece, e você trabalhar com um futebol brasileiro que você não tem lateral esquerdo, não tem um cabeça de área... não sei lá o que... o teu presidente do teu clube, se você perder três te manda embora... (interrompido)

Comentarista 2: Chuveiro água fria...

Comentarista 1: Aí eu, sinceramente, embora eu reconheça que o produto final do Guardiola é incomparável, mas eu não acho ele mais técnico que o Muricy não, sinceramente.

Comentarista 2: É, eu to analisando o que eu to vendo, né? O que o comentarista 1 tá sugerindo é o que poderia acontecer se invertesse... Eu não vou entrar nessa...

Apresentador: Tá me dando até uma coceira que eu estou concordando com o comentarista 1 aqui integralmente sobre Muricy e Guardiola, é algo estranho que está acontecendo.

Comentarista 1: É evolução, um dia você aprende (risos).

APÊNDICE B – Transcrição do programa pré-jogo

Entrevista Muricy Ramalho exibida no momento pré-jogo

Jornalista 1: Em primeiro lugar gostaria de agradecer muito ao Muricy porque a gente sabe que nesses momentos que antecedem uma decisão como essa a concentração é total e tal, mas o Muricy não se furtou a nos receber aqui e agradecer também a acessória do Santos que facilitou esse nosso contato.

Antes de falar de Santos, falar de Barcelona, porque é um assunto que o Jornalista 2 certamente domina muito mais do que eu Muricy, eu queria falar um pouco da sua questão pessoal, né? Você construiu uma carreira de uma maneira muito interessante, assistente do São Paulo, saindo para clubes sem tanto poder aquisitivo, mas você ali conquistando títulos, Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo e tal, nos últimos seis anos você é o maior vencedor do futebol brasileiro, em seis temporadas você foi quatro vezes campeão brasileiro, ganhou a Libertadores com o Santos, está as vésperas de uma decisão aí contra um time que já é histórico que é esse time do Barcelona, como é que você pessoalmente se sente? Olhando para seu passado de tanto trabalho para chegar até aqui, estando às vésperas de enfrentar o Barcelona?

Muricy Ramalho: É... realmente acho que você falou bem, acho que eu investi bem na minha carreira, ou seja, eu procurei em alguns momentos deixar de lado, principalmente o fator econômico que tem hora que o futebol engana um pouco as pessoas, ou seja, as pessoas abrem mão de investir na sua carreira para olhar para o lado econômico e eu fiz o contrário, eu sempre quis ser um treinador consistente, em todo lugares que eu ia sempre ficava até o final, sempre tive trabalhos importantes, acho que o treinador para ser um bom treinador tem que ter constância, ganhar sempre e não ganhar de vez em quando. Eu sempre apostei na minha carreira e eu chego bem, como você falou, esses dias eu estava conversando com um membro da comissão técnica em relação a esta preparação, a este passado nosso, porque agora a gente está aqui, num bom time, num bom hotel, um bom salário, só que nem sempre foi assim, né? Sempre o começo nosso é um começo complicado, mas é isso, o que sempre mais me interessei era aprender e era investir na minha carreira e agora chego aqui num momento especial que eu procurei desde o começo.

Jornalista 2: Houve um momento inclusive nessa fase de investimento que ele esteve aqui pertinho, aqui do lado, na China, né? Pouca gente lembra disso né Muricy? Quando você voltou aqui lembrou do que você passou na China e falou: agora a situação é bem diferente...

Muricy Ramalho: Muito diferente, é claro que eu lembrei, porque é aqui do lado, momento também complicado, difícil, né? Porque a contratação que eu tive era para mudar completamente a maneira de o Chinês pensar em termos de futebol e foi duro para fazer isso, mas como eu sou um cara que não desisto, fiquei até o final, fui campeão que era o mais difícil, agora... no momento que eu fui campeão realmente deixei a posição para outro porque realmente é muito difícil, então a gente lembra, porque isso faz parte da nossa preparação para ser um técnico, como eu to sendo agora, de um time grande.

Entrevista interrompida – retomada do programa ao vivo

Jornalista 1: Muito bem, tá aí uma pequena parte do que nós conversamos com o Muricy Ramalho ontem.

Entrevista reiniciada

Jornalista 1: Tudo certo Muricy? Tudo tranquilo?

Muricy Ramalho: Tudo certo, estamos se adaptado bem ao Japão, é diferente, né? Mas eu acho que o planejamento foi perfeito, a equipe tá chegando num bom momento para a decisão, agora é aguardar o momento do jogo.

Jornalista 1: Como é que se faz para ganhar de um time desse... enfim... como é que é?

Muricy Ramalho: As pessoas né... é claro que faz parte da nossa profissão estar toda hora olhando o Barcelona, a gente tá olhando jogo do Barcelona desde a Libertadores e cada vez que a gente vai ver o Barcelona jogar está cada vez melhor (risos).

Jornalista 1: Quando você acha que achou alguma coisinha ruim...

Muricy Ramalho: Nunca acha coisa ruim, ao contrário, sempre acha coisa boa, né? Tivemos a oportunidade de ver aqui também, né? Claro que não é o time titular, mas você já sente como é o plantel do Barcelona, é um time fantástico como você falou mesmo, marcou época... tá marcando, né? É muito difícil você enfrentar um time desses, né? Claro que o que a gente observa isso

daqui não é nada prepotente nada, é que também não dá só para ficar olhando o Barcelona jogar também. É isso que eu vou tentar passar para o nossos jogadores porque se você ficar atrás também como, por exemplo, o Al Saad ficou, não tem jeito eles vão escapar uma hora e vão fazer o gol porque é um time que tem muita paciência, eles com um time que fica atrás com eles, eles têm muita paciência, eles ficam com a bola e uma hora eles vão penetrar, né? Então é isso que a gente... que eu quero passar para nossos jogadores.

Entrevista interrompida – retomada do programa ao vivo

Jornalista 1: Aí está mais uma vez um pedaço da entrevista que o Muricy concedeu ontem, eu estive lá com o Jornalista 2.

APÊNDICE B – Transcrição da narração e comentários do jogo Barcelona x Santos

Intervenção 1

Narrador: Muricy Ramalho, técnico quatro vezes campeão brasileiro, três títulos seguidos com o São Paulo, campeão com o Fluminense, vários títulos estaduais... e conseguiu a libertadores que ele depois confessou “Oh, tava faltando, tava pensando a ausência da Libertadores”. Do outro lado Pep Guardiola, Guardiola levou o Barcelona a muitos títulos, o Campeonato do Mundo inclusive, que o Barcelona conquistou em 2009, três títulos espanhóis, uma Copa do Rei, três Supercopas, duas Ligas Europeias e um Mundial.

Intervenção 2

Repórter 1: Conversei com os jogadores do Santos nesses dias, e a preocupação deles era exatamente com essa marcação pressão que o Barcelona faz na saída de bola, o Edu Dracena, o Léo, o Elano, todos eles disseram a mesma coisa: se o Santos conseguisse passar dessa primeira linha de marcação, aí, sim, tinha chances. Disseram que o Santos tem que jogar, que não pode ficar só se defendendo.

Narrador: E é absoluta verdade, né?

Como fazer é outra história, o Muricy foi bem também “Eu não estou a fim de bancar o gênio e dizer que eu tenho a fórmula para tirar a bola do Barcelona”.

Intervenção 3

Comentarista 1: O Santos nesse início de jogo faz uma coisa que eu acho que é fundamental e talvez seja esse seja o antídoto para dificultar um pouquinho a vida do Barcelona. A questão da posse de bola não tem como, eles têm muita qualidade e se projetam sem a bola, todas as vezes que o jogador passa e vai sem a bola, um jogador do Santos está acompanhando de perto, isso é fundamental para você não ser surpreendido e não aparecer um cara, cara a cara com o Rafael.

Intervenção 4

Narrador: O Santos não podia, invés de fazer esse tipo de reposição de bola (chute longo) tentar tocar? Ficar com ela? Ou é melhor não?

Comentarista 2: Não, é melhor ficar com a bola, lógico, rifar... Eu sou contra rifar, rifar é só quando está apertado mesmo, não tem uma saída de bola

rápida, não tá dando para sair você dá um chutão para aliviar. O Santos tem que tentar fazer isso ó, que é o jogo do Santos também, que é o toque de bola. É o ponto mais forte do Barcelona, é muito difícil, eu sei que é muito difícil, mas é o jeito de você jogar contra eles, é fazer a mesma coisa.

Intervenção

Narrador: O grande xadrez agora, o grande movimento do Santos agora é como o time do Muricy vai sair par ao jogo Comentarista 1. Tá um a zero contra

Comentarista 1: Tem que se expor um pouquinho mais, é claro que, não é só o melhor time do mundo, é um dos maiores da história, que tem o Messi que para mim, é disparado o melhor jogador do mundo. Agora, o Santos como a gente falou anteriormente, tem que por a bola no chão tem que botar um pouquinho a bola no chão e começar a incomodar mais o adversário.

Narrador: Você viu ali, Comentarista 2, o número que mostra, Barcelona 76% da posse de bola.

Comentarista 2: É isso que eu ia falar, no futebol você fala assim, o Santos está jogando numa ladeira, o Barcelona desce a ladeira e o Santos tenta subir. Se você para a bola no meio, a bola rola para o lado do Santos, né? Parece que está descendo.

Intervenção 6

Narrador: A missão era difícil antes de a bola rolar, agora já é delicada, com dois a zero, com 24 minutos, precisa mudar muito o jeito do jogo o Santos para brigar, para competir, para fazer bonito.

Comentarista 2: Para começar o jogo, não está tendo um jogo, não está tendo adversário, o Barcelona pega na bola toca, toca, toca para o lado direito, para o lado esquerdo, o Messi devolve, de repente chega um na cara do gol, numa simplicidade... Você fica vendo o time do Barcelona jogar e vê os gols que o Barcelona faz, parece que é fácil jogar bola... (interrompido)

Narrador: Parece que é fácil jogar bola, qualquer um joga.

Comentarista 2: Pergunta para os outros 11 de branco do outro lado...

Intervenção 7

Comentarista 2: Narrador, o Santos pegou tão pouco na bola que ainda não dá para dizer se está jogando bem ou jogando mal, não dá para dizer se o Santos está bem ou mal no jogo, porque não joga, não tá conseguindo jogar.

Narrador: E tem que jogar, tem que tocar, tem que correr riscos, porque se não jogar também corre o risco, tanto é que está 2x0 para o Barcelona. Agora, bota um pouco de medo no adversário, né? Diz para o adversário que você também tem bola para criar jogar jogadas como essa agora ó, Henrique, Ganso e Borges que bateu para o gol e o Victor Valdez fez a defesa. Deu para levantar a torcida do Santos no estádio. Foi a sétima finalização do jogo, o Barcelona finalizou cinco e fez dois gols.

Intervenção 8

Narrador: Pouco depois do jogo contra o All Shaad o Guardiola disse que não conhecia exatamente o time do Santos, mas que veria vídeos para falar sobre o time... e já na entrevista antes do jogo, aí ele foi bem, “Ó, o Danilo aparece bem pelo lado, fazendo movimento diagonal para ir para a área, o Neymar é um jogador muito bom, falou que o Ganso era brilhante, que o Borges era perigoso...” também foi estudar o adversário o Pep Guardiola.

Intervenção 9

Comentarista 1: Até aqui é uma aula de futebol, tudo que envolve um grande time o Barcelona tá demonstrando em campo. Agora falta dar uma beliscada, falta fazer uma faltinha ali no meio campo, de repente dificultar a armação de jogadas, e o Durval tem que entrar no jogo. O Durval me dá a sensação claríssima que está sentindo o peso da decisão.

Intervenção 10

Narrador: Elano vem para o jogo Repórter 1!

Repórter: Exatamente, Muricy chamou ali, conversou um pouquinho com o Elano que já vai entrar, daqui a pouco vamos ver quem que sai.

Narrador: E é uma opção interessante do Muricy, você vai poder discutir se ele devia ter tirado o Elano do time, ter formado uma equipe com o Bruno, o Durval e o Edu, mas daqui a pouco tem o Elano. Ele vai esperar só a bola alta, se vai esperar a bola alta pode ser que saia um zagueiro... Ele pode tirar o Durval, pode tirar o Bruno... Ele tirou o Danilo?

Repórter: Danilo!

Narrador: Essa eu não entendi.

Repórter: É o Danilo parece que está sentindo alguma coisa viu Narrador 1. É a impressão que passa, agora pouco ele reclamou, foi ali, foi atendido pelo

médico do Santos na beira do gramado, e saiu mesmo o Danilo número 4 para a entrada do Elano.

Narrador: Não, aí tudo bem, aí é compreensível, imaginávamos, não tinha visto o Danilo sentindo, não sei se vocês tinham visto...

Comentarista de arbitragem: ele teve um choque com o Piquet, ele já tava sentindo e na queda agravou mais essa contusão, e tava mancando...

Narrador: Imaginávamos que o Muricy pudesse tentar uma mudança na postura do time, né? Com a entrada do Elano, mas por uma questão de lesão ele faz a substituição. Então não mexe em nada o time, no jeito de jogar e entra o Elano ali no meio campo.

Intervenção 11

Narrador: Vai mudar muito o jeito de jogar do Santos pelas características de Elano e Danilo o time do Santos?

Comentarista 1: Acho que não muda taticamente, mas muda sim o jeito de jogar no que diz respeito a ter um pouco mais de posse de bola e qualidade no passe.

Comentarista 2: O Elano é um jogador mais de toque de bola, né? De tocar e aparecer para jogar e também de chuta bem de longa distância. O Danilo é um jogador que corre muito com a bola, né? Pelo estilo de jogar na lateral e também jogar no meio, é um jogador que dá passada larga, eu acho que o Santos vai conseguir ficar um pouco mais com a Bola, a intenção foi essa do Muricy.

Intervenção 12

Narrador: O Muricy tá tentando, vai pensar, vai fazer alguma coisa no intervalo, imaginem vocês Comentarista 1 e Comentarista 2, se tivessem dentro do campo, poderiam obviamente conversar com seus companheiros, vocês fariam o que para o pessoal?

Comentarista 2: Para que time que eu tava jogando?

Narrador: No Santos, no Barcelona não, no Santos

Comentarista 2: (risos)

Narrador: Você queria jogar no Barcelona?

Comentarista 2: É, eu gostaria, gostaria muito...

Narrador: Eu também...

Comentarista 2: Eu acho que o Santos tem que diminuir o espaço, primeiro tem que conseguir com que a bola saia, no tiro de meta, lá do lado do Barcelona e evoluir a marcação, começar a marcar mais de perto...

Narrador: Adiantar o time...

Comentarista 2: É... mas começar com a bola parada, olha aí, nessa hora, assim, porque com a bola rolando, eles já têm um ritmo, já têm um entrosamento, todo mundo se movimenta certinho, é difícil você tomar a bola.

Narrador: É você vê aquela hora, quando o Barcelona foi conduzir a saída é que o Santos devia...

Comentarista 2: Exatamente, a bola saiu na linha de fundo do Barcelona, vai sair no tiro de meta, vai lá e diminui para dificultar o toque de bola deles.

Narrador: É... porque aí é complicado.

Comentarista 2: É, quando a bola sai do pé do Piquet ou do Puyol já fica difícil, você tem que atacar esses dois, você tem que fazer com que eles joguem, marca os outros na saída de bola e faz com que esses dois jogadores tenham que armar a jogada, esses não tem qualidade.

Comentarista 2: E foi exatamente o que o técnico do Barcelona falou sobre o Neymar, o importante é não deixar o Neymar jogar, não deixar a bola chegar no Neymar.

Comentarista 1: Até porque, né, Comentarista 1? É a base da seleção espanhola que é campeã Mundial, então qual foi os jogos que a Espanha teve mais dificuldade no último Mundial? Foi contra o Paraguai, que o Paraguai fez exatamente isso que a gente tava falando, marcou lá em cima... Se deixar eles colocarem a bola no chão e virem com ela dominada vai ficar difícil, então, cria dificuldade já na saída.

Intervenção 13

Comentarista 2: Já tinha que ter alguém chegando... O Santos tá deixando, o time do Barcelona é muito bom, toca muito bem a bola... (interrompido)

Narrador: Ninguém garante que conseguiria...

Comentarista 2: Exatamente, pelo menos faz a coisa ficar mais complicada, do jeito que está tá tranquilo.

Intervenção 14

Repórter 1: O Muricy, mais agitado agora, ele estava sentado quase o tempo inteiro, quando Borges saiu ali para ser atendido ele veio também, tentou

chamar o Elano, o Elano conversou com o Neymar... tentando fazer alguma coisa para mudar esse jogo.

Narrador: Agora fez ó, não para mudar o jogo, mas o que a gente tava falando. O Neymar apertou o Piquet, tomou dele e sofreu a falta.

Comentarista 2: Então, mas são três jogadores que o Santos pode apertar e ir para cima... (interrompido)

Narrador: Piquet, Puyol e Abidal.

Comentarista 2: Exatamente, são os três, os outros você marca bem de perto, faz com que esses três fiquem tocando a bola, de um para o outro e na trajetória da bola você vai e chega junto.

Narrador: Aquela história, né, o cara muito bom de bola sem marcação, dá show. O cara mais ou menos, livre, consegue jogar, consegue dar o passe, se ele tá apertado consegue pelo menos dificultar.

Intervenção 15

Comentarista 2: Olha o Barcelona, dá uma olhada, olha o que o Barcelona tá fazendo, aquilo que o Santos tem que fazer, a bola vai chegando já tem... olha lá, vai encostando, agora já vai chega um ali encostando...

Narrador: Não tem facilidade para dominar girar e tocar...

Comentarista 2: Não tem, olha aí, já vem dois correndo, quando a bola chega, que o jogador domina, já não tem o que fazer, isso que o Santos tem que fazer com eles também.

Narrador: E isso é possível de fazer, talvez não faça com a mesma qualidade, com a mesma... mas é possível para todo time fazer, desde que esteja treinado e bem preparado.

Narrador: Fica a possibilidade, a esperança que o time do Santos no Intervalo consiga se ajustar. O Muricy, as orientações, os próprios jogadores na hora do papo, aquilo que o Comentarista 2 estava falando: “vamos fazer tal coisa”, que pode dar mais jogo, ameaçar o Barcelona que neste momento está com 2x0 no placar conquistando o 2º título Mundial do time da Catalunha.

Intervenção 16

Narrador: Defesa do Santos... dizer que a defesa do Santos é culpada por isso ou por aquilo é maldade, mas a defesa do Santos, não sei se é possível, precisava ficar um pouco mais ligada no jogo.

Comentarista 2: É mas não tá sendo culpa da defesa.

Narrador: É, não, claro que não.

Comentarista 2: Tem que diminuir lá na frente, tudo começa lá atrás...
(interrompido)

Narrador: Vem uma onda

Comentarista 2: Quando chega lá na frente tem três, quatro caras para finalizar, um dando de calcanhar é... a defesa... é aí que tem que diminuir (meio campo), não pode deixar acontecer isso. Saiu o gol do Barcelona, foi para o replay, quando voltou ao vivo já estava com o Barcelona com a bola de novo.

Intervenção 17

Narrador: 3x0, o Barcelona no final do jogo faz o terceiro gol, evidente que agora fica tudo na esperança, né? Esperança de que ainda possa haver pelo menos um endurecimento... endurecer sem perder o jeito de jogar, sem perder o toque, mas dar uma endurecida, porque esse gol aos 45 minutos é gravíssimo, resta ver como o técnico Muricy Ramalho, como os jogadores... Agora, assentar um pouco e ver se o Santos volta jogando, quem sabe jogando como jogou o Santos em 2010, como jogou o Santos na Libertadores 2011... Esperança, como diz o ditado, é a última que morre. Voltamos daqui a pouquinho.

INTERVALO DE JOGO

Intervenção 18

Narrador: Um que poderia estar em campo e tentaria ajudar o Santos nessa conquista é o Adriano, o Adriano que está assistindo o jogo na casa dele já contra a equipe do Kashiwa a gente visitou o Adriano e mais uma vez a Aldrei está lá para conversar com o Adriano. Será que ele queria tá marcando o Messi, Aldrei?

Narrador: E eu fiquei ouvindo a resposta do Adriano para Aldrei quando ele diz assim, “Ó respeitou muito a equipe do Santos”. O que é de se imaginar? Que nessa hora no vestiário o pessoal está falando a mesma coisa “Escuta, vamos jogar ou vamos ficar assistindo e tomar uma goleada? Vamos pro jogo!”. Pode ser essa a esperança, voltamos daqui a pouquinho, pra bola rolar no segundo tempo, o Barcelona está ganhando de 3x0 do Santos na final do Mundial.

Intervenção 19

Narrador: O que eu mais ouvi dos dois aqui foi o seguinte “Foi frustrante!” Foi frustrante? É essa a palavra?

Comentarista 2: É essa a palavra, aceitou muito, assistiu o Barcelona jogar, não fez nada para quebrar o ritmo da equipe espanhola.

Narrador: E é possível fazer diferente?

Comentarista 1: Olha, era possível ter dificultado um pouco mais, o Barcelona é uma grande equipe mesmo, é muito difícil você chegar e cortar o ritmo do Barcelona, é complicado para qualquer outra equipe do mundo. Mas você diminuir, você marcar de perto os jogadores mais importantes deles e deixar aqueles que têm que sair com a bola, aqueles três, que eu acho que é o Piquet o Puyol e o Abidal, é onde você vai tomar a bola, é onde a bola não vai sair redondinha, a hora que chegou no Xavi já era.

Narrador: Porque aí, você viu? Ele deu uma chaleira para amortecer a bola e fez o passe pro Messi. Aí no segundo gol o Xavi aparecendo... e o que é mais, assim, impressionante, no bom sentido do impressionante, é que eles conseguem, sem ter um cara de área, sem ter um atacante... quem é o atacante do Barcelona? Todo mundo tá lá.

Comentarista 1: Um centroavante ali ia estragar tudo, porque ele ia trazer exatamente no espaço que todos eles entram para finalizar, um centroavante ia quebrar o ritmo do Barcelona, o Barcelona joga bem desse jeito aí, sem um centroavante, eles estão habituados a fazer isto. Quem fazia muito isso era o time do Sacchi, nos anos 80, o Milan, só que era mais terrível, eles marcavam pressão do meio campo para frente, então você ficava 30 minutos sem passar do meio campo, e era desse jeito, o toque de bola dessa forma.

Narrador: É e não tenha dúvida que é um time espetacular, agora... a gente ouviu a entrevista do Adriano e o que eu tenho é uma esperança de um jogo engrossar, é chegar lá no vestiário e falar assim: “Vamos jogar! Tá 3x0 pros caras nós vamos fazer o que? Apanhar de 5?”

Comentarista 1: Lógico, a expectativa, a única maneira de mudar alguma coisa é essa, começar a jogar, marcar pressão e sair para o jogo, não adianta ficar lá parado assistindo o Barcelona jogar.

INÍCIO DO SEGUNDO TEMPO.

Intervenção 20

Narrador: Time do Santos não tem outra, tem que fazer isso daí, tá vendo isso daí? Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, jogadores do Santos no campo de ataque, vai pro jogo, imagino que só possa ter sido esse o papo, não adianta elaborar teses, teorias e desenhos para falar assim: “Ó vou parar o Barcelona assim”, não é parar, é fazer o jogo! E não pode dar mole assim como deu agora, o Messi... O time do Barcelona com o Fábregas não fez o gol por milímetros... Não pode dar esse mole aí, né? Agora, por que deu mole? Porque o time do Barcelona sai para marcar, o Fábregas foi lá apertar o Edu Dracena... Ah, a culpa é do Edu Dracena? Não, o Edu Dracena não é meio campista habilidoso para fazer jogada, ele foi apertado por um cara que tomou a bola dele e o Rafael desviou e ganhou escanteio.

Intervenção 21

Narrador: Tem agora é que brigar, botar o coração mesmo, mostrar que tem jogo, mostrar que é um time que do Brasil em campo.

Narrador: O time do Barcelona, já sendo repetitivo ao extremo, é um espetáculo, sensacional, é o melhor do mundo disparado, agora, dá para jogar contra, dá para criar jogadas contra.

Comentarista 2: Até porque o Santos não tem mais nada a perder, do jeito que tá, do jeito que foi o primeiro tempo, não vai mudar absolutamente nada, e nós estamos falando de um time que é o campeão da Libertadores, que tem Neymar, que tem Ganso, então tá na hora de agredir um pouquinho o Barcelona e ver o que acontece.

Intervenção 22

Narrador: Eu tenho a impressão que o Thiago de um lado e o Daniel do outro, eles estão recebendo a bola com muita liberdade nas laterais ofensivas do Barcelona.

Comentarista 2: Eu acho que isso acontece porque tem a qualidade de nunca rifar a bola, então sempre encontra alguém sozinho. Agora uma outra coisa que eu acho que pode ser corrigida, os três homens de frente do Santos, o Neymar, o Ganso e Borges; eles dão o bote, mas os meias, os volantes não acompanham, estão sempre um segundo atrasado, aí, com uma

movimentação e uma qualidade de passe como tem o Barcelona ele vai ficar na roda.

Narrador: Que foi exatamente aquele lance anterior, quando apertou lá na frente a bola chegou no Busquets, ele conseguiu virar aí vai para o pé do Xavi...

Narrador: Precisava fazer um gol rápido, tem 5 minutos, para pelo menos tentar dar uma esquentada e não ficar com aquele sentimento de frustração que o Comentarista 1 e 2 falaram no intervalo.

Comentarista de Arbitragem: A demonstração de respeito do time do Santos ao time do Barcelona é que toda faltinha, o jogador do Santos vai lá, pede desculpas, levanta, passa a mão na cabeça, bem diferente de uma postura de um jogo do Campeonato Brasileiro.

Narrador: E quando o Abidal pegou a bola, a gente viu o Muricy gritando “Ai! Ai!”. Ou seja, vai lá e aperta ali, para o Borges que tava ali na frente. Boa bola do Ganso, vai Neymar, dá um pique Neymar! Chegou primeiro e conseguiu fazer o corte o Puyol. Agora é a hora de sair ó, o Ganso vai em cima do Abidal... pensou mas não rifou, aí a chegada tem que ser perfeita, a chegada tem que ser mesmo numa avalanche do sistema defensivo, senão ela cai no pé, e olha como eles se apresentam: o Fábregas, o Xavi, o Iniesta tão sempre vindo aqui buscar a bola, pedindo para dar a bola neles para que eles façam a jogada... Messi, arrancada, pra cima do Neymar, passou pelo Durval, ele fez o passe, bom passe para o Thiago, a posição é boa, cruzamento perigoso, cabeçada pra fo... dentro da área.... O Daniel tentou cabecear no gol, né? Não imagino que seja tão bonzinho assim de cruzar essa bola.

Intervenção 23

Narrador: Agora fazendo o que podia ter feito antes de tomar os três a zero, todo mundo... muita gente no campo de ataque tomou a bola...

Comentarista 2: Olha onde tá o Arouca e o Henrique, não são só os três atacantes que tem que marcar adianta o time inteiro, aproxima as linhas, compacta o time e cria dificuldade. Em nove minutos o Barcelona vai aparecer na cara do gol porque tem qualidade, mas pelo menos o Santos joga o que não jogou no primeiro tempo.

Narrador: É... nesses quases 10 minutos já tem um jogo, né? De um grande time contra um bom time.

Vem a bola dominada pelo Iniesta, chega o Xavi, aí deixar ele dominar, vir para frente... O Iniesta com Fábregas, e o chute pra fora! Não pode dar o espaço, o campo para o Barcelona armar ali, e é claro, a gente falando aqui sentado parece que é uma moleza, né? Mas essa bola que o Xavi pega, ele não pode vir desse jeito, né? Ele vem quase todo jogo desse jeito, não sei quem vai conseguir evitar, mas aí complica.

Intervenção 24

Narrador: Como diz o Muricy Ramalho “Quando eu to no sofá de casa eu não perco nenhum jogo”.

Intervenção 25

Narrador: Há de se levar em conta o placar de 3x0, que faz o Barcelona “tirar um pouco o pé”, mas já é um segundo tempo mais de jogo né comentarista 2?

Comentarista 2: É um outro segundo tempo, a atitude do Santos, parou de respeitar tanto o Barcelona e tá se arriscando, vai ficar aberto para o contra-ataque? Vai! Pode ser que tome mais gols da equipe do Barcelona? Pode! Mas pelo menos a equipe do Santos tá começando a incomodar, tá criando chances e chegando na área adversária.

Intervenção 26

Narrador: 31 minutos, o Muricy, só fez uma alteração, a essa altura, mudar jogador resolveria alguma coisa... seria uma possibilidade ou melhor nem pensar?

Comentarista 2: Eu olho para o banco do Santos, é claro que você tem o Ibson que pode dar uma dinâmica diferente, que pode até incomodar um pouco mais, você tem o Alan Kardec que pode te dar um pouco mais de opção a frente... (interrompido)

Narrador: Mas não mudaria...

Comentarista 2: Não... não... é muita qualidade do outro lado. A gente olha o lado do Santos que é uma equipe brasileira e tem um pouco de torcida, mas como o Comentarista 1 falou no começo da transmissão, nós estamos presenciando um dos maiores times da história, dando uma aula de futebol que é o Barcelona.

Intervenção 27

Narrador: O Comentarista 2 falou uma coisa que é verdade, a gente torcer, é um time brasileiro, mas não há como fugir, e acho que a gente tá mostrando exatamente isso, é um time histórico, é um time para a história do futebol mundial. É um time pra história do futebol, vai entrar como um dos melhores da história do futebol, já está na lista e você vai escolher aí ao longo dos anos, o Real Madri do Di Stéfano, o Santos do Pelé, o Flamengo do Zico, o Milan do Van Bastem, e vai chegar... O Ajax do Cruyff, e vai chegar no Barcelona...

Intervenção 28

Narrador: De ponto a ponto o Santos chega a 28% na posse de bola contra 72, estava 74, aí caiu para 73 e agora caiu para 72. Mais um adversário que não conseguiu e dificilmente conseguiria mesmo, e outros, terão muita dificuldade para conseguir, equilibrar a posse de bola com o Barcelona.

Intervenção 29

Narrador: Não sei se é viagem, mas não é possível você aplicar a forma de jogar, que a gente ouve sempre falar “ah, depende dos jogadores que você tem”. Não temos jogadores no Brasil que podem aplicar a forma de jogar, que podem se entregar ao jogo dessa maneira?

Comentarista 2: Isso acontece raramente e acontece naturalmente, eu não consigo me lembrar de nenhum time que conseguiu fazer história desse jeito de jogo, ou que ficasse para a história que ficasse escolhendo jogadores a ser contratados. As coisas acontecem, você chega e contrata, e encaixa, as coisas se encaixam.

Narrador: E eles formam...

Comentarista: Então, veja bem, o jogador já sobe sabendo fazer isso, né? Aí tem que ver se a qualidade dele vai ser alta ou se vai ser um jogador normal, o Barcelona pegou uma geração de jogadores acima da média, então formou uma equipe que vai ficar para a história. Assim como o Ajax dos anos 70, a seleção da Holanda em 74, eles jogaram pela primeira vez na copa do mundo.

Narrador: É uma geração que se encaixa, agora, é uma filosofia implantada, nesse time aí ó, o Daniel veio de fora, o Abidal veio de fora, o Fábregas voltou agora, mas começou ali, né? E pronto, o próprio Messi é argentino mas está lá desde os treze anos.

Intervenção 30

Narrador: Se me permitem a repetição, é isso daí, é um jeito de jogar, é a maneira de trabalhar, é a ideia de como disputar uma partida de futebol, de como conceber um time de futebol, você não tem o camisa nove que a gente tanto fala, você tem um lateral direito que é nosso, da seleção brasileira, aparecendo lá no campo de ataque hoje, o segundo tempo inteirinho, para fazer tabela com o Messi, aí o Messi fica na cara do goleiro, aí é difícil parar o melhor jogador do mundo a uns... três anos, né? Só para ficar nos anos que ele ganhou e provavelmente ganhará o terceiro. Ó o jeito que corta do goleiro, e aí vai fazer o gol. Não tem como parar. É um jeito novo, gente está mostrando uma final de um campeonato mundial que mostra um jeito novo, não é novo para o Barcelona, que o público brasileiro que tem a oportunidade de ver o Barcelona já conhece, e os que tão conhecendo hoje, muito prazer!

Comentarista 1: Não é novo no futebol também, não, porque todas as equipes que fizeram história no mundo, pelo menos aquelas que eu vi jogar, dos anos 70 para cá, Ajax, o Flamengo, o Milan, eles jogavam dessa maneira...(interrompido).

Narrador: Brilharam assim...

Comentarista 1: Desse jeito, sempre que surge uma equipe ou uma seleção que consegue colocar esse tipo de ritmo no jogo, ela faz história, então não dá para entender por quê... (interrompido).

Narrador: não se usa mais...

Comentarista 1: Não se imita mais, ou outras equipes tentam fazer o trabalho para fazer isso.

Comentarista de Arbitragem: Deixa eu dar um “pitaco” na área dos dois aqui: a valorização da posse da bola é uma coisa que é tentada no Brasil, mas não existe uma equipe com 10 jogadores que jogam na linha com a habilidade que essa equipe do Barcelona tem. Tem dois, três, por isso a valorização da posse da bola que muitos treinadores brasileiros tentam, é isso.

Comentarista 1: O difícil não é a posse de bola, eu acho que não é a posse de bola, muitas equipes conseguem fazer a posse de bola, o time do Parreira fazia posse de bola no Corinthians, na Seleção Brasileira (interrompido).

Narrador: É o que faz com a bola...

Comentarista 1: É a movimentação, a rotatividade dos jogadores da linha é que é difícil você implantar, porque o jogador, principalmente o jogador

brasileiro gosta de jogar com a bola no pé, ele não quer jogar sem a bola, ele quer a bola para jogar. E você encontrar um grupo que tenha boa rotatividade, que tenha ótima posse da bola, mas também se propõe a se movimentar sem a bola é que é difícil.

Intervenção 31

Narrador: O Barcelona colocou o Fontas no time e tirou o Puyol, saiu o Puyol e entrou o Fontas, esse número 34, mais um que veio das categorias de base do Barcelona, Fontas.

Comentarista 2: É esse que eu acho que é um dos segredos, é a base, todo mundo fala, o título te faz marcar o nome na história...

Narrador: Claro você tem uma ideia proposta e ela vai sendo trabalhada, vai sendo cultivada, e ela demora para ganhar. O Barcelona é o segundo Mundial, são quatro títulos europeus, mas a história registrada vai registrar, além dos títulos, a ideia de jogo, a beleza do jogo, a plástica, parece que consegue... e aí é a discussão que não é agora mas pode ser feita, parece que há jeito de você resolver aquela equação eterna do futebol, jogar bonito e ganhar, jogar bonito e ganhar. É fácil? É simples? Longe disso, mas dá para fazer desde que você vá semeando, cultivando, para depois colher os frutos que o Barcelona colhe, a 40 anos vem trabalhando para ter esse tipo de time.

Comentarista 2: Insistindo, é um trabalho a longo prazo, que visa a qualidade mais do que a força física, e isso tem que ser semeado e posto lá nas categorias de base, ser fiel a um estilo na seleção brasileira e a longo prazo...

Narrador: E insistir, não mudar a partir de um empate uma derrota.

Comentarista 2: E aí volto a dizer, a seleção mais, ou uma das mais fantásticas que eu vi jogar, e não ganhou a Copa do Mundo foi a seleção de 82, perdemos pra a Itália, mas jogando bola, caímos de cabeça erguida, aí o torcedor é o primeiro a reconhecer o esforço e aplaudir, mesmo na derrota.

Narrador: É isso que a gente tava falando, se você bolar a ideia, se você colocar a ideia em prática, e no segundo empate você achar que não resolve mais, que precisa mudar tudo, aí você não vai chegar em lugar nenhum, você vai ficar dependendo sempre de gerações, dependendo sempre de brilho individual... Olha o Messi de novo... Esse time tem tudo isso. Tem uma geração brilhante, tem um individualismo espetacular. Agora, tem uma filosofia implantada e ela não muda a partir dos resultados porque o Barcelona perdeu

do São Paulo em 92, perdeu do Internacional em 2006, ganhou do Estudantes em 2009, pra ficar só no campeonato mundial. Ganhou a Liga europeia, ganhou campeonatos espanhóis e os perdeu também, mas não abriu mão do que pensou como ideal para jogar bola e a história tá registrando isso, e com um detalhe, né? O Santos tá perdendo, o torcedor do Santos tá doído com o resultado de 4x0... que fosse 4x3, mas o Santos conseguiu em 2010 começar um estilo que pode ser também um estilo que resgata o nosso futebol, pode ser o exemplo do nosso futebol. De jogar no ataque, de revelar jogadores, de não vender o jogador que aparece, de conseguir a engenharia, a sedução ao jogador, claro que o Neymar tem muito de vontade de ficar, mas o Pelé também ficou em outros tempos, então você pode seduzir o jogador, a partir de um projeto, de uma boa ideia... Esse time aqui, a gente pensa em tê-lo por 1, 2, 3 temporadas e remontá-lo a partir de gerações que vão ser preparadas. É também essa o exemplo dessa final.

Comentarista 1: Eu acho que o estilo Santos começou em 2002, quando surgiu Robinho e Diego, veio o Elano... Ali, ganhou, agradou e o Santos conseguiu manter a filosofia, não conseguiu manter os jogadores daquela época, eles saíram, mas agora tá conseguindo também manter os jogadores, então eu acho que vai colher o fruto mais para frente. Se o presidente bancar isso, se os jogadores estiverem a fim, se ninguém desanimar numa derrota para o Barcelona numa final de Mundial, e quiserem ficar mesmo, e se chegarem outros jogadores com cabeça boa para entrar nessa filosofia o Santos vai fazer história também.

FINAL DE JOGO

Intervenção 32

Narrador: Termina o jogo, é claro que há uma frustração, uma tristeza. Há uma decepção dos santistas pelo resultado, pelo placar, por talvez o time não ter conseguido jogar o que pode e o que esperava, e há a vibração de um supertime de futebol, de uma ideia, de uma filosofia de jogo, de um técnico que vem lá da base do Barcelona, como jogador, perdeu uma final aí em 92 para o São Paulo, chorou em quando ganhou em 2009, hoje, mais acostumado aos títulos, comemora. Dá importância sim ao título, os jogadores sabem quanto

marcam os nomes na história com este título Mundial. O Barça ganha por 4x0, Messi, Xavi, Fábregas e Messi fizeram os gols, três no primeiro tempo, um no segundo. O Santos merece os aplausos por ter, encampado uma ideia, por ter botado em prática uma ideia e por ter chegado. A gente vai ver ainda mais no Esporte Espetacular sobre o campeonato. Parabéns ao Barcelona, campeão Mundial de 2011. Parabéns ao Santos, que representou o futebol brasileiro no seu estilo de jogar. Até já.

APÊNDICE D – Transcrição do programa pós-jogo

BLOCO 1 – Entrevista de Josep Guardiola

Narrador jogo: O Guardiola é uma figura tão inteligente, né? Tão bem esclarecida, respondeu em quatro línguas diferentes ali ao longo da coletiva, anotei algumas coisas aqui. Dos 16 títulos que o Barcelona disputou nos últimos anos, ele ganhou 13 desses 16. “O Barcelona se junta em torno da bola”, ou seja, o ponto de união dos jogadores é a bola, por isso que tem sempre alguém perto para você tocar. Agora nada mais me chamou a atenção, Comentarista 1, Apresentador, companheiros aí do estúdio, do que a frase quando o cidadão perguntou a respeito do estilo de jogo, desse toque de bola, ele falou: “mas meus avós me diziam que vocês brasileiros é que faziam isso desde sempre”, ou seja, me parece que o Guardiola nos deu um puxão de orelha, porque nós abandonamos o futebol que a gente sempre jogou.

Apresentador: Verdade, essa talvez seja uma das grandes lições.

Comentarista 2: O narrador, eu tenho certeza que essa declaração vai repercutir hoje ao longo do dia e vai repercutir eu acho que ao longo da semana, porque... concordo inteiramente com você, além de ter nos dado um puxão de orelha, é... Eu fico com a seguinte questão: por que nós deixamos de fazer isso, você não concorda?

Narrador: Verdade né comentarista 1? Porque nós deixamos de tocar a bola, né?

Comentarista 1: A questão que fica, a pergunta que fica é, porque... quem está ensinando nossas crianças a jogar futebol? Por que que elas não jogam mais como sempre jogaram, né? Quem tá formando os nossos jogadores? Quem são nossos professores? Quem são os educadores de futebol que nós temos? A grande escola hoje é a do Barcelona, e aí, eu pego emprestado o que o Elano falou, “É preciso reverenciar e exaltar o ano do Santos”, porque seja o Santos talvez o time brasileiro que mais seja fiel a esta filosofia.

Narrador: Que se aproxime daquilo que a gente sempre foi, né?

Comentarista 1: Que se aproxime daquilo que a gente sempre foi, e sempre revelando jogador, né? Desde a época do Pelé, os meninos da vila naquela

época, a turma do Juari, dos anos 70, depois Diego e Robinho, e agora Neymar e Paulo Henrique Ganso, a quantidade é um pouco menor, né? Às vezes demora, tem os hiatos nesse caminho todo, mas é uma filosofia que vem sendo historicamente respeitada.

Narrador: Outra declaração que eu achei também emblemática, que vai ficar é quando perguntaram para ele da diferença econômica, ele falou: que diferença econômica? Nossos jogadores nós formamos a custo zero, zero euro ele falou, nosso jogadores são formados aqui dentro. Mas esse é um papo que a gente retoma já.

BLOCO 2 – Entrevista de Muricy Ramalho

Apresentador: Entrevista concedida pelo Muricy Ramalho lá no Japão, e é claro que todos no futebol têm que ter essa obsessão, de superar o Barcelona, de fazer melhor que o Barcelona e é natural que o Muricy fale sobre isso também. Comentarista 2...

Comentarista 2: Apresentador, alguns times já conseguiram vencer jogos e endurecer jogos contra o Barcelona apostando na retranca. O Inter de Milão, quando foi campeão europeu, o Inter de Zé Mourinho passou pelo Barcelona na final jogando na retranca. O Estudantes, na final do Mundial de Clubes que fez contra o Barcelona, jogou na retranca, vencia até os 43 do segundo tempo. O problema é que hoje o Santos não conseguiu nem fazer uma retranca bem feita, encheu o time de jogadores de marcação e dando muito espaço aos jogadores do Barcelona. O Muricy tá falando com uma... uma... com todo respeito ao Muricy, adoro ele, mas com uma marra ali, ele perdeu o jogo, não foi a imprensa que perdeu o jogo... Fez apostas equivocadas, pode até apostar na retranca, é feio jogar, mas o Santos armou muito mal a retranca hoje, acho que isso tem que ser um impacto, ele disse que a derrota de hoje não tem nenhum impacto, acho que ele tem que pensar um pouco sobre na maneira como ele armou o time e como a retranca dele se portou no jogo de hoje.

Comentarista 3: Eu vejo um pouco diferente, eu acho que é até um pouco mais amplo, não se trata de “o técnico fez isso e o time perdeu por aquilo”, se trata de uma concepção de jogo. O Santos é... foi nesse 2011 o melhor time do futebol brasileiro, isso não se discute. Se o Santos tivesse disputado o campeonato brasileiro com um outro tipo de preocupação, o Santos estaria,

provavelmente, brigando até a última rodada pela conquista do título brasileiro, mas o Santos, a partir de determinado instante, estava voltado apenas para o Mundial de Clubes. A grande discussão que eu creio que ficou muito evidente no jogo de hoje é que times brasileiros atuam de uma forma, e isso não é apenas o Santos, o Corinthians campeão brasileiro, o Vasco campeão da Copa do Brasil, o Flamengo classificado para a Libertadores, o Fluminense classificado para a Libertadores... Eles atuam de uma forma que, quando enfrentam equipes que valorizam a posse de bola, vão se dar sempre muito mal.

Nós estamos acompanhando aí ó, o cruzamento do Borges, par ao Neymar. O futebol brasileiro perdeu o apreço pela troca de passes, o futebol brasileiro tem dificuldade em dar início, meio e fim a uma jogada; invariavelmente, em algum momento, vem um chutão com a bola rifada lá para frente. Essa é a grande discussão, e acho que essa discussão, Comentarista 2, Apresentador, amigos que estão acompanhando troca de passes, ela passa por uma mudança de conceitos, que eu não creio que acontecerá tão rapidamente.

Amanhã, quem estiver acompanhando aqui pelo SporTV, vão ver o “Redação” pela manhã com o Comentarista 2, tem o Arena, tem o Bem Amigos, onde estarão o Entrevistado 1, ex-ponta esquerda do Santos nos anos 60, o Entrevistado 2, vai ter essa discussão, “Olha! Olha o que disse o Guardiola! Ele falou que ouviu dos pais, dos avós que o futebol brasileiro é que fazia o que o Barcelona faz!”, mas o efeito prático disso, eu temo que será muito pequeno. Nós continuaremos, quando começar a temporada de 2012, com as defesas marcando lá atrás, com bobeou dá um lançamento para frente, com uma bola jogada sobre a área. Esse é o ponto!

Narrador: Sem valorizar piso, o gramado que o jogador brasileiro é colocado para jogar muitas vezes impossibilita a troca de passes como a gente quer.

Comentarista 3: Isso pode acontecer, mas hoje os gramados brasileiros melhoraram muito. É uma questão de filosofia, é uma questão até de conceituação nossa. Tenho certeza que amanhã nós vamos falar que o Muricy errou em fazer isso e aquilo, e continuaremos a dar um superpoder aos técnicos que tem um poder relativo. O Guardiola, campeoníssimo pelo Barcelona, é o primeiro a diminuir o seu próprio poder na montagem e armação da sua equipe, e conferir aos jogadores e a filosofia.

APÊNDICE E – Transcrição do programa no dia seguinte ao jogo

Apresentador – Quando o Neymar disse com humildade: “Foi uma aula de futebol”, tem que se unir ao técnico Pep Guardiola que disse, quando alguém lhe perguntou: “Como é esse jogo do Barcelona?”, ele disse: “Posse de bola, triangulações, a geometria em campo, como meu pai e meu avô me ensinaram que era o futebol brasileiro”. Eu não sei se ele tava de gozação com a gente ou se estava sendo absolutamente sincero. Antes de qualquer coisa vamos ouvir o Guardiola. Porque dizer que o Santos tomou um, um... (interrompido pelo vídeo da entrevista de Pep Guardiola).

Vídeo de Guardiola falando que o Barcelona passa a bola o mais rápido possível como o Brasil fazia segundo contam os seus pais e avós.

Apresentador – “Quando você tem a bola nos pés você passar o antes possível, você procurar um companheiro desmarcado, você repetir isso, como o Brasil fazia, assim me dizia meus pais e meus avós”. Eu não sei se ele tá de gozação, ou se é realmente isso que ele pensa. O que eu sei é que ele foi formado, no que se chama lá, nas canteras do Barcelona, ele se formou lá. Ele jogou no infantil, no júnior, no pré-isso, no pré-aquilo, não sei o que, foi jogador do Barcelona, foi capitão do Barcelona, hoje é o técnico do Barcelona. Quando ele jogava no Barcelona, ele era o ídolo do Xavi, do Iniesta, isso tem 30 anos de trabalho nessa história. Então acho que começamos por aí... É assim Comentarista 1?

Comentarista 1 – É, é assim... Sabe que toda notícia ruim tem um lado bom, né? É claro que todo mundo ficou triste, até um pouco chocado pela maneira como o Santos perdeu. Mas perder era até mais ou menos previsível, a maneira como perdeu é que foi assustadora, né? Ali é realmente um confronto de duas escolas, e nós estamos num momento muito ruim, mas aí é que vem o lado bom, porque essa forma como o Santos perdeu pode ser um choque muito grande para que nós comecemos a rever muita coisa no nosso futebol. E passar a entender que jogar futebol como jogava o Brasil, como diz o Pep Guardiola, na época dos avós dele, era isso aí, nós fazíamos isso aí, nós soubemos tocar a bola, nós soubemos dar o passe, valorizar o passe, valorizar

o drible e não o carrinho, e não a garra, “guerreiros”, passou a ser moda aqui no Brasil. Então, acho que isso daí pode ser um choque para gente refletir, e os nossos técnicos refletirem, e os técnicos de divisão de base refletirem, e os dirigentes refletirem. De repente, quando o garoto é um belo volante, sabe jogar bola, deixa ele como volante, é ali que o jogo começa, é ali que Zito, que Dudu, que Clodoaldo, Carlinhos, Dino Sani, depois mais recentemente aqui, Andrade, Carpegiani, Falcão, Cerezo... Ali que saía a bola, e saía redonda, o que acontece hoje em dia? Tanto no time de cima quanto nas divisões de base, se o garoto jogar um pouquinho melhor... (interrompido)

Apresentador – Não esgota o assunto.

Comentarista 1 – Mas só para fechar, vira meia, e bota um “*brucutu*” no lugar dele, ah, não dá! Foi um choque! Nós precisamos acordar com esse choque!

Apresentador – Tomara que esse choque traga ensinamentos positivos.

Comentarista 1 – Exatamente.

Apresentador – Por isso que eu me vesti de preto, mas não é luto não, tem umas pintinhas brancas que é a esperança que o choque possa funcionar. O comentarista 2 não, veio de camisa preta, luto total. Comentarista 2, eu me sentia preocupado com essa coisa, eu via que a coisa não anda, a coisa não vem... só se fala em grupo, pegada e velocidade! Grupo! Pegada e Velocidade! O futebol brasileiro começou a pegar! Pegar! E correr! E eu lembro quando o Gérson falava assim: “gente, o que corre é a bola, dá um tempo aí, o que corre é a bola.”. Você não deve ter escutado o Gérson falar isso, antes mesmo o Didi falava isso, mas o Barcelona deixou tão claro que o que corre é a bola...

Comentarista 2 – Não, eu vim de preto porque eu ainda estou muito chateado, porque eu esperava muito mais da equipe do Santos. O Barcelona não fez a partida da vida, o Barcelona vem fazendo isso a três, quatro anos, faz contra o Real Madri em Madri, faz contra o Manchester em Manchester, todo mundo que joga contra o Barcelona tem essa dificuldade, agora eu imaginava que o Santos...Sabe quando você é pequeno? Que você tá acostumado a ver seu ídolo na televisão? Aí você vai alimentando, e aí um dia você encontra com seu ídolo e você trava? Você fica emocionado e você fica atônito? Você fala: “Caramba! É o Galvão que tá aqui?”. Essas histórias são normalmente nossos pais que contam, falam: “Puxa, quando você era pequeno você encontrou não sei quem...”. Foi assim que eu vi a partida, nós não tivemos uma partida, nós

tivemos um dos maiores massacres que eu vi numa final de campeonato, em nenhum momento, houve um jogo... (interrompido).

Apresentador – Eu já vi! É que você é novo, o Comentarista 1 e eu estávamos lá. Há 30 anos atrás o Flamengo fez isso com o Liverpool e o que o Neymar disse no final do jogo... (interrompido).

Comentarista 1 – O Capitão do Liverpool disse na entrevista coletiva “Levamos uma aula hoje!”.

Apresentador – “Hoje tivemos uma aula de futebol”... O capitão do Liverpool na coletiva no estádio em Tóquio disse: “hoje tivemos uma aula de futebol”, e não por coincidência o primeiro tempo acabou três a zero também.

Comentarista 2 – A gente tem muito o que falar, a gente vai falar muito, o Comentarista 1 tocou também nesse assunto de categoria de base, eu só queria levantar um item...

Apresentador – Mas não esgota o assunto...

Comentarista 2 – Lógico que não, é... o Santos forma jogadores, investe na qualidade, o Santos revelou... Não vou nem falar da era Pelé que é covardia, mas revelou Robinho, Diego, Neymar, Ganso, é esse o caminho, a insistência a longo prazo vai dar o caminho, porque para mim, o Santos ainda é o melhor time do Brasil, agora uma coisa para os treinadores refletirem...

Apresentador – Não esgota o assunto...

Comentarista 2 – O Barcelona deu uma prova que dá para você ser protagonista, nossos times são acostumados a contra-atacar, é isso que tem que mudar, hoje, todo treinador, ou 95% deles, pensa em marcar atrás da linha do meio de campo sem a bola e sair com velocidade para o contra-ataque, o Barcelona mostrou que dá para você ditar o ritmo com qualidade e com passe.

Apresentador – É o que eu tava dizendo aqui. Pega! Pega! Pega! Corre! Corre! Corre! Você pega, pega, pega aqui atrás pega a bola e sai correndo, nunca foi assim, o futebol brasileiro era assim, Comentarista 3?

Comentarista 3 – Não, a melhor seleção brasileira que eu vi atuar, boa noite a todos, foi a de 1970, porque a de 1958 e 62, sem dúvida, elas estão em outro plano porque elas tinham Pelé e Garrincha, eu coloco essas duas num outro plano, mas a de 70 foi a que eu melhor vi e posso fazer algum juízo de valor... Não era assim, é óbvio que não era assim. Agora você tocou num ponto, o comentarista 1 também, sobre questões de divisões de base, em Janeiro

agora, logo no início de janeiro o Sportv vai transmitir a Copa São Paulo de Futebol Júnior, e eu sou um sujeito extremamente otimista, para mim quando o copo está pela metade, ele está meio cheio não está meio vazio, mas eu não creio, sinceramente, sinceramente, que vai haver uma mudança de concepção, não creio.

Convidado 1 – Apresentador, vou fazer agora um comentário desse assunto, divisão de base, eu já estou agora, vai fazer 12 anos.

Apresentador – Que você cuida da garotada.

Convidado 1 – Mas quando entrou a diretoria nova, Luis Álvaro, eu passei a ser auxiliar do Narciso, depois quando o Narciso saiu, eu hoje sou treinador.

Apresentador – Do sub-17? A garotada mesmo!

Convidado 1 – Isso! E quando eu assumi, me falaram assim: “Poxa, tu vai pegar esses anãozinhos aí?”. E a gente foi finalista do Campeonato Paulista, a gente só perdeu o campeonato porque o Palmeiras jogou com a vantagem de dois resultados iguais e perdeu em Santos de 2x1 e ganhou aqui de 2x1, porque a gente teve um tropeço durante o campeonato que foi seis pontos que a gente perdeu numa irregularidade que aconteceu, então eles jogaram com a vantagem, senão eu tinha sido campeão com aqueles anãozinhos.

Apresentador – E tem uma garotada boa?

Convidado 1 – Tem, tem uma garotada muito boa, eles agora passaram para o Claudinei e você vai ver na Copa São Paulo.

Apresentador – Como você sempre foi um jogador extremamente habilidoso, ia para cima e driblava todo mundo mesmo, não deixa os meninos perderem a habilidade, não bota eles para, pega! Pega! Pega! Corre! Corre! Corre!

Convidado 1 – Apresentador, quando eu assumi também no juvenil, eu fiz tudo aquilo que alguns treinadores dizem que, isso fazia no tempo que amarrava cachorro com linguça, tem treinador que diz isso, eu comecei a fazer isso e graças a Deus, meu time chegou na final do Paulista. Entendeu? Porque eu acho que vocês estão falando aí que tem que ter essa mudança e tem mesmo, porque as pessoas só querem trabalhar força e velocidade, e esquecem de fazer o jogador o que cada um tem que fazer dentro do campo.

Apresentador – Só te peço para não esgotar o assunto, temos aqui quatro blocos para conversar. E do outro lado nós temos aqui um jogador formado no Brasil, campeão pelo Corinthians, foi para o Arsenal da Inglaterra, teve no Celta

de Vigo, foi a maior campanha da história chegando em terceiro lugar, e depois foi viver sua melhor fase como jogador exatamente no Barcelona. Eu queria lembrar se o Convidado 2 foi treinado pelo Guardiola, chegou a jogar com o Guardiola ainda, talvez as duas coisas, não sei direito, ele vai explicar, mas sabe exatamente de onde vem esse Barcelona, desse treinos... verdade que ele treina com dois times e o Xavi e o Iniesta jogam nos dois, ficam com uma camisa diferente no meio, não tem gol, um tem que tirar a bola do outro e o time que tá atacando Xavi e Iniesta tão jogando, quando toma a bola, esse aqui passa a atacar, esse aqui passa a defender e eles mudam de time. Convidado 2, obrigado pela presença, você que está agora no Cruzeiro, começando uma carreira visando ser treinador. Que coisa esse tal desse seu Barcelona, hein rapaz?

Convidado 2 – Agradeço, boa noite a todos, é, é um time que está num nível muito alto, Apresentador, eles têm trabalhado sério, é aquilo que já foi falado aqui por outros, não é um trabalho de um, dois anos, é um trabalho que começou... O Barcelona tem essa característica, é um time que sempre jogou assim e vocês sabem disso, começou na era Rikjard, no meu período lá, período muito bom também, um elenco ótimo, fomos campeões da Champions League, em determinada época, em 2006 fomos campeões da Champions League e da liga Espanhola, houve um período de queda da gestão do Rikjard e assumiu o Guardiola, não esperavam que pudesse assumir o Guardiola e assumiu e eu tive a felicidade de trabalhar com ele um ano e foi o melhor ano.

Apresentador – Jogou com ele ou não?

Convidado 2 – Eu joguei contra, eu tava no Arsenal, começando minha trajetória na Europa, tivemos alguns confrontos pela Champions League, ele jogava pelo Barcelona, mas já não era aquele Barcelona de 92, um Barcelona um pouco mais... de 99, jogava Figo, Rivaldo, Overmars, um outro time.

Apresentador – E ele jogava bola também, né?

Convidado 2 – Muito! E muito!

Apresentador – É isso que eu digo, a formação, se for buscar o time do Santos, dos anos 60, quantos jogadores foram formados lá? Se nós formos buscar o time do Flamengo, campeão de 81, praticamente o time todo foi formado, o Barcelona, se a gente escalar aqui, o Valdez, vamos só tentar lembrar aqui. Valdez, Puyol, Pique, Busquets, Xavi, Iniesta, Pedro, Fábregas,

não é que eles são espanhóis não, eles são todos Catalães, eles são meninos da Catalunha que treinaram no time de base, e quer mais um? O Messi, com 12 anos ele já estava lá na cantera do Barcelona, o Messi é tão catalão quanto argentino.

FINAL BLOCO 1

Bloco 2

Apresentador – Comentarista 5, peço que não esgote o assunto como todos nós fizemos. Nós chegamos à conclusão que tudo na vida tem que ser visto pelo lado bom, e eu disse aqui que não foi uma derrota só do Santos, não foi uma vergonha do Santos, mostra um pouco da realidade do momento do futebol brasileiro que é essa coisa de Pega! Pega! Pega! Corre! Corre! Corre! Grupo! Grupo! Grupo! Grupo! Pega! Pega! Pega! E o Didi e o Gérson falavam assim, quem corre é a bola. Então, eu queria saber o que você achou disso, porque me preocupa o futuro, mas graças a Deus que os meninos até 17 anos do Santos ele não tá mandando Pega! Pega! Pega! Corre! Corre! Corre! (interrompido)

Comentarista 1 – Eu gostei dos anãozinhos, anãozinho sim, porque agora isso é outra coisa, né? Se não tiver 1,80 metro não pode jogar, pô!

Apresentador – Qual é o ensinamento que você passa aos seus telespectadores desse jogo de ontem?

Comentarista 5 – Não, é um pouco de tudo isso que você disse, isso resume tudo. Agora, acho que teve essas duas falas do Guardiola que são emblemáticas, né? O futebol brasileiro precisa enfiar na cabeça. Uma, resgatar o nosso futebol, aquele que os pais e os avós do Guardiola contaram para ele que jogava que nem joga o Barcelona e nós temos dito isso aqui a exaustão.

Comentarista 5 – E agora a outra fala dele importantíssima é que o resultado não é o Deus do jogo, sabe? Como nós elegemos aqui no Brasil, o que interessa é o resultado. O resultado é consequência, ele não vem antes, o resultado vem depois, como conclusão de um trabalho. No futebol, o trabalho o que é? Trabalhar a bola, tocar a bola, passar, acertar o passe, envolver o adversário, criar situação de gol, aí sim você consegue através do gol o

resultado. Aqui nós pusemos a carroça na frente dos bois. O resultado é o que vale tudo, o resto não vale nada, espetáculo você vai lá ver no teatro.

Comentarista 3 – Essa observação do Comentarista 5, Apresentador, ela tem muita procedência mas tem um detalhe, o Convidado 2 viveu isso no Barcelona, viveu no Arsenal também com o Arsene Wenger. Conta quantos técnicos o Barcelona nos últimos 10 anos teve...

Comentarista 5 – Nos últimos 35 anos...

Comentarista 3 – Aí é muito tempo...

Apresentador – Cruyff, Rijkaard...

Comentarista 5 – Não o Rinus Michels...

Apresentador – Ah, você quer voltar no Rinus Michels...

Comentarista 5 – É!

Comentarista 3 – Vamos falar de uma coisa mais recente, que é uma coisa mais viva. Você teve o Lui Van Gaal, depois do Lui Van Gaal se não me engano...

Convidado 2 – Deve ter sido o Rijkaard...

Comentarista 3 – O Rijkaard, e depois o Guardiola. São três, por consequência, é muito mais seguro para o treinador defender a ideia que o que importa é a filosofia do jogo e que o resultado é que o resultado, ele aparecerá. O que acontece no Brasil que antigamente eram modelos porque preservavam a figura do técnico, começa, uma derrota, duas derrotas, três derrotas, e aí manda o técnico embora. Aí o técnico joga e trabalha para garantir o emprego.

Apresentador – Nós mostramos isso aqui, quando uma semana antes de terminar o campeonato brasileiro, que quando terminou nós fizemos o programa lá no Ibirapuera, mostrávamos aqui que os seis primeiros colocados, o técnico estava desde o começo do campeonato, e tiveram tropeços pelo caminho, tiveram séries longas sem vitória, e os técnicos estavam lá, a filosofia lá é outra, né, Convidado 2? O seu primeiro técnico na Europa foi o Arsene Wenger, e ele está lá há... (interrompido)

Comentarista 5 – 25 anos...

Apresentador – Não, não...

Comentarista 5 – 15 anos, 25 é o Alex Ferguson

Apresentador – 25 anos é o Sir Alex Ferguson do Manchester United. Mas já perdeu, já perdeu, já perdeu e tá lá, e... e... o jogador sente essa diferença? E ganha confiança com isso Convidado 2?

Convidado 2 – Ele ganha confiança, e o trabalho do treinador acaba sendo melhor desenvolvido ao longo dos tempos, né? O Mourinho, segundo dizem na Europa, a segunda temporada dele no time é a melhor, a primeira não dá tempo de ele colocar tudo o que ele quer. Isso são boatos, eu nunca trabalhei com ele.

Apresentador – Mas aconteceu com ele na Inter de Milão...

Convidado 2 – É o que geralmente acontece...

Apresentador – O Barcelona ganhou o clássico do Real Madri, mas o Real Madri virou o ano na ponta da tabela, três pontos na frente do Barcelona. Parece que a coisa realmente funciona, e é um bom técnico o Arsene Wenger?

Convidado 2 – Muito bom treinador, muito bom treinador, um gentleman como eles dizem lá, sabe se colocar na sua linha, trabalha muito bem, um trabalho moderno, de velocidade, força, e o Arsenal, foi o que o Comentarista 3 falou, todo mundo fala do meu Barcelona, que eu tive a oportunidade, a felicidade de jogar nesse time, mas o Arsenal era um time que encantava também, era muito gostoso.

Apresentador – É bom lembrar que o Rinus Michels, aquele que fez a laranja mecânica, fez o carrossel, foi técnico do Barcelona, e nesse time dele, que ele era técnico, jogava o Cruyff que depois foi técnico do Barcelona, e que depois chegou a dirigir a *cantera* toda, toda a preparação dos jogadores do Barcelona. Eu me lembro de uma conversa que tive, uma conversa com o Neeskens, o responsável, o Rinus Michels, a laranja mecânica saía inteira, quando eles recuperavam a posse de bola, que eles davam aquele “abafa”, que eles recuperavam a posse de bola, saía todo mundo para o ataque, e quem tivesse com a bola tocava no Neeskens, isso ele me disse, eu não ouvi de ninguém, no troféu Ramon de Carranza na Espanha em 1974, no ano da laranja mecânica, então a ordem era: “roubou a bola toca em mim”, e vai todo mundo, e eu tinha a seguinte ordem do Rinus Michels: “Só lança, se você tiver 110% de certeza que vai chegar, senão mete pela linha de lado”, para dar tempo de o time inteiro voltar, senão nós vamos tomar o contra-ataque.

Comentarista 5 – Apresentador, eu vou acrescentar para você uma conversa que eu tive com o Cruyff, aqui, quando ele esteve aqui em São Paulo, logo depois da copa do mundo de 74, que o Rosembrick, o ponta esquerda o Abel deles lá, né? Driblador e tal, ele tinha a seguinte ordem, se ele percebesse, que quando ele tava ali na ponta esquerda, tocando, tentando driblar e que ia perder a bola, para ele chutar para a linha de fundo, para evitar o contra-ataque.

Apresentador – Não tinha assim esse comprometimento tático tão grande lá nos anos 60, estamos falando de 40, você chegou no Santos, faz 46 anos atrás, se permite chamar de você, né? Até porque a diferença não é tão grande assim. Mas não tinha esse compromisso tático, tinha que chutar a bola, para lá, chutar a bola para cá. Como é que era isso daí? Saía tocando, saía tocando, tranquilo. Mauro Ramos dava bicão pra frente?

Convidado 1 – Não, não, a bola passava sempre pelo Mengalvio, ou pelo Zito, dali, você via o Durval, ou Pepe, ou Abel, Edu, o Pelé quando vinha buscar, por exemplo, eu quando joguei, toda vez que eu pegava a bola, todo mundo já sabia que eu ia driblar. Tocava em mim todo mundo já sabia, ele vai já na linha de fundo.

Apresentador – Que era sua especialidade, né? Já tocavam em você para você partir para cima deles.

Convidado 1 – Eu joguei seis anos, e o pessoal todo lá, os meus colegas, brincam comigo né, porque eu só fiz 29 gols, mas se você for ver, quantos passes eu dei, e erra passe, não era cruzamento, era passe.

Comentarista 3 – Não era se livrar da bola, né?

Convidado 1 – Não, era passe, para fazer o gol.

Apresentador – Botou o Pelé muitas vezes na cara do gol?

Convidado 1 – Botei, Pelé, Coutinho, Toninho Guerreiro...

Apresentador – Como é bom ouvir isso...

Comentarista 4 – Eu estava lá com o Comentarista 2 na final da Champions League. O aquecimento do Barcelona é um espetáculo.

Comentarista 2 – Dá dó do cara que está no meio da roda.

Comentarista 4 – É um toque num campinho, eles ficam tocando, um toca para cada um, mas ficam um tempão, com a bola no pé.

Apresentador – Como é que é isso? Essa história dos triângulos, que se repetem, ele treina? Ele fica lá e o jogador... que sofre...

Comentarista 1 – Como é que é o treino do Barcelona? Conta para gente aí.

Convidado 2 – O Guardiola, eu costumo dizer o seguinte: ele é muito corajoso, ele é talentoso e corajoso, tem muitos treinadores talentosos, mas ele é corajoso de fazer o que ele faz. Poucas pessoas sabem que, quando ele assumiu, ele assumiu com 38 anos, talvez não era o nome forte que o Barcelona necessitava naquele momento. Estávamos no final de uma era Rijkaard, o time estava numa situação difícil, com muitos problemas inclusive internos, entre atletas. Chega o Guardiola, ele toma conta de tudo, e faz o time jogar, duas partidas maravilhosas do Campeonato Espanhol, só que empatamos as duas partidas. Vínhamos de resultados ruins na temporada anterior, e ele vai na imprensa e diz: “Eu não vou deixar e abrir mão do meu estilo de futebol! Eu vou jogar futebol dessa maneira!”. Então quer dizer, ele é talentoso, mas ele também é corajoso, porque ele poderia mudar e ele sabe... não sei... O futebol europeu também muda muitas vezes o treinador, talvez não tanto quando brasileiro, mas muda. Ele foi muito corajoso, ele não abriu mão. E os treinos dele, não existe nada de fora do normal, ele conseguiu acrescentar nos treinos dele, a qualidade que o Barcelona já tinha, e dar a esses jogadores, um Messi, um Iniesta, um Xavi, ainda mais condições, em alguns movimentos, para eles jogarem ainda melhor. Então quer dizer, o Valdez, que o Comentarista 2 falava, o Valdez tinha muito problema com o pé, era um goleiro que não sabia sair jogando com o pé, nunca foi corrigido pelo Rijkaard, contra o Valência, pelo que eu me lembro, o Villa fez dois gols nessa época que eu tive ali. Quando o Guardiola chega ele muda, ele conversa com o Valdez, e a situação foi difícil, o Valdez é uma ótima, ótima pessoa, mas tem um caráter muito forte, então para ele mudar, foi difícil.

Comentarista 3 – Conseguir convencer...

Convidado 2 – Convencer, agora tudo treina, eu tenho a convicção, e certeza melhor dizendo, de que é o que o Comentarista 2 viu, de que quando a bola chega no Valdez, que não é um goleiro tecnicamente bem dotado, melhorou suas condições...

Apresentador – Não é um Júlio César, um Rogério Ceni...

Convidado 2 – De jeito nenhum, e resistiu muito, mas o Guardiola provou para ele, então quer dizer, Piquet e Puyol abrem quase fora do campo, na linha de gol, e os laterais iguais e entra um jogador por dentro, se é o Sérgio Busquets sim, se é o Xavi sim, ou se é o Iniesta, pode ser os três, e o Valdez tem três a quatro opções, então ele provou para o Valdez que ele vai ter...

Apresentador – E são boas opções...

Convidado 2 – Não, são ótimas! Ele provou, então tudo tem um treino, tudo tem uma explicação, não é coisa de outro mundo, mas ele faz com coragem, ele é talentoso e corajoso.

Apresentador – Vamos mostrar agora, então, porque além de levar os quatro a zero, e eu volto a dizer aqui, esse não é um programa para bater no Santos. Não é que o Santos foi humilhado...

Comentarista 1 – Qualquer outro time brasileiro aí faria a mesma coisa...

Apresentador – O Santos fez uma grande campanha neste ano...

Comentarista 3 – É o melhor time brasileiro...

Apresentador – Talvez o Muricy possa ter errado lá, não quero nem discutir isso, botar três zagueiros, até porque também não vinha jogando assim...

Comentarista 1 – Mas ia mudar muito pouco...

Apresentador – Ia mudar muito pouco. A verdade é que temos uma coisa muito superior, e volto a repetir, tem times lá na Europa que... Eu to enjoado de ouvir as pessoas falarem assim. “Há, há, se o Milan vier jogar aqui ele não chega entre os 10 do campeonato brasileiro”, aí o outro fala assim “Inter de Milão? Se bobear cai!”. A vida não é por aí que a bola passa não. Não é assim que a fila anda não.

Comentarista 1 – Eu to começando a achar que o Levante disputa a libertadores (risos).

Apresentador – Assim também não, agora você foi demais.

Comentarista 1 – O Levante não levou uma surra dessa!

Apresentador – Mas a ideia é manter o bom humor dentro dessa circunstância. Eu queria que a gente mostrasse, para fechar esse bloco, eu queria que a gente mostrasse que além dos quatro gols feitos, o número de oportunidades que o Barcelona criou, com esse sistema de jogo.

Comentarista 5 – Contra uma super retranca, com três zagueiros, dois volantes...

Apresentador – É importante que se diga, ninguém aqui quer que todo técnico brasileiro seja Guardiola, ninguém aqui quer que todo time brasileiro jogue numa sucessão de triângulos. O que a gente espera é que o futebol brasileiro volte a ser, ou tente voltar a ser o que os avós do Guardiola diziam para ele. Tente voltar a tocar a bola, a ter a posse de bola...

Comentarista 3 – A ser protagonista...

Apresentador – Sem Pega! Pega! Pega! Corre! Corre! Corre! Então olha só... olha um triângulo aqui, olha outro triângulo ali.

Comentarista 3 – O Rafael foi o melhor em campo, do Santos.

Apresentador – E a forma com que eles marcam! São jogadores de extrema habilidade e estes jogadores de extrema habilidade são os que sufocam a saída do adversário. É Messi, é o Thiago que jogou ontem, é o Daniel que jogou quase como que um ponta direita, é Xavi, é Iniesta, esses craques sufocam o adversário. Por que que aqui não pode ser assim?

Comentarista 3 – Mas aí deixa eu te falar uma coisa, o time, tem aqui o Convidado 1, o Convidado 2, na minha opinião, o time de futebol para dar certo, o técnico tem que se fazer acreditar. Há um conceito equivocado aqui, que é preciso botar dois jogadores que passam a maior parte do tempo atuando deitados, porque aquele que pensa, não precisa marcar ninguém. Ele é o cara que vai receber, vai tocar, ele flana pelo campo. E, um conceito que o Barcelona apresenta ao mundo e é comandado pelo Guardiola, é que possível o talentoso marcar.

Comentarista 4 – É verdade que o técnico dormia?

Apresentador – Ah... que maldade.

Comentarista 4 – Houve um tempo que acusavam o técnico Feola de ficar dormindo.

Apresentador – Não, isso é maldade. Isso é irreverência maldosa com a história de um campeão do mundo! Que ganhou o primeiro título mundial do Brasil.

Comentarista 5 – O primeiro treinador com diploma de treinador no Brasil. O Feola entendia muito mais de bola do que todos esses treinadores atuais.

Comentarista 4 – Mas o Lula não ajudava então?

Convidado 1 – Lógico. É o que o Convidado 2 falou, o pessoal tinha confiança nele, né?

Apresentador – Convidado 1, mas eu pedi para escalar que a minha pergunta era, para a gente terminar o bloco, para voltar com o Comentarista 4 no começo do outro. Todos esses craques citados, você com sua capacidade de driblar e eu cansei de ver isso, graças a Deus, pude ver. Você ajudava a marcar também não ajudava? Ou nunca marcou ninguém?

Convidado 1 – Muito pouco, muito pouco (risos). Não sabe por quê?

Apresentador – Mas o Pelé marcava?

Convidado 1 – Todo mundo ajudava, todo mundo ajudava...

Apresentador – Dava combate...

Convidado 1 – Dava, dava, o Pelé era o único, ele vinha buscar, vinha no meio do campo buscar. Quem ficava mais era o Couto, o Coutinho ficava mais.

Apresentador – Mas todo mundo tinha um imenso talento e sabia jogar, não é isso?

Convidado 1 – Naquela época os laterais eles colavam nos pontas, entendeu? Então eu não tinha necessidade de eu marcar, eu já era marcado.

Apresentador – Esse choque que deu no jogo ontem, que sirva, como disse o Comentarista 1, como disse o Comentarista 2, gente, eu venho dizendo isso faz tempo, que a coisa não é assim como se pensa, que não é por aí que a banda toca, não é essa maravilha toda. E no jornal x o técnico da seleção brasileira escreveu hoje uma parte muito bacana, outra parte que ele dá uma aliviada, porque o protagonista e tal, mas quando você, Mano, teve aqui, você disse que o Brasil ia jogar como protagonista. Agora... se não melhorar a qualidade daqueles que jogam no meio, onde se pensa, onde se faz o jogo começar vai ser difícil... mas vai ser difícil pra caramba, Mano, com todo o respeito que eu tenho, só não joga a toalha, tá bom? Só não joga a toalha.

FIM DO BLOCO 2

Comentarista 1 – Eu queria perguntar ao Convidado 2, você jogou no Barcelona do Ronaldinho Gaúcho? Não foi isso? Que também teve um momento brilhante, ganharam Liga dos Campeões e Liga no mesmo ano e tal. Qual é a principal diferença daquele Barcelona que você jogou, do Ronaldinho Gaúcho, para esse atual do Xavi, Iniesta?

Convidado 2 – É o Guardiola. Guardiola.

Comentarista 1 – Por quê? Muda a maneira de jogar? Como é que é?

Convidado 2 – Não, ele conseguiu, foi como eu falei, é difícil muitas vezes a gente entender que ele conseguiu dar melhores movimentos para um Xavi, Iniesta, não mudou a característica do atleta, mas ele deu mais saídas para atletas que já tinham. Então, quando você consegue isso, foi o que o Comentarista 3 falou, os atletas, não veneram, mas amam e gostam muito dele, a grande maioria. Porque acreditam no trabalho dele. Ele é corajoso, ele passa isso, e ele vai até o fim com isso.

Apresentador – Só quem não pensou muito isso foi o Ibrahimovic, que saiu de lá brigado com ele e voltou para o futebol italiano.

Convidado 2 – Exatamente, não teve paciência, eu acho que nem tinha lugar para um centroavante no time do Barcelona. E talvez tenha sido um erro do Guardiola e ele recuperou rápido na outra temporada.

Comentarista 1 – No teu Barcelona tinha o Eto.

Convidado 2 – Era um outro Barcelona, era o Messi pela direita, o Ronaldinho pela direita. Talvez, individualmente, eu me arrisco a dizer, vocês podem ir contra, eu acho que individualmente aquele time era melhor do que esse.

Comentarista 1 – Era mais talentoso.

Convidado 2 – Porque Messi, Ronaldinho na fase brilhante dele que eu tive o prazer de jogar, Eto, Deco que foi tão importante no Barcelona quanto o Ronaldinho.

Comentarista 1 – O Muricy cometeu um erro na entrevista, que ele disse: “Ah, o Barcelona eu nunca vi jogou no 3-7-0, se eu jogasse no 3-7-0 no Brasil eu era preso.”. Não, o Barcelona não joga no 3-7-0, o Barcelona joga no 0-3-7, porque como eles só jogam no meio campo do outro ele não tem zagueiro nenhum, os zagueiros dele são volantes, e vai tudo para frente! Ora!

Comentarista 3 – E se pega, por exemplo, o Caio Júnior, por exemplo, é um cara da nova geração, com ideias arejadas, não, não quero meu time... Aí um belo jogo, se não me engano, Botafogo e Figueirense, o Figueirense fazendo uma boa campanha no campeonato Brasileiro, ele foi mexer no meio de campo para botar mais um volante, dos que jogam deitado, e adiantar o Renato.

Comentarista 1 – Que é um volante clássico, do bom, que sabe jogar. Empurra ele para meia, mata ele, e tira bola.

Apresentador – O Comentarista 2 quer falar, e depois do Comentarista 2 vamos encerrar este bloco.

Comentarista 2 – O que eu queria dizer, o Busquets, que é um baita volante, aqui no Brasil seria um meia direita provavelmente.

Comentarista 1 – O Camisa 10 ia jogar com a camisa 10.

Apresentador – Na entrevista coletiva do Guardiola ele se refere nominalmente a 2 jogadores, ao Messi, e ao Sérgio Busquets... Busquets, como ele falam lá, mas aqui para nós é Busquets. Ele fala assim, que é o melhor médio volante, do futebol mundial. Porque ele joga no centro e o Iniesta e o Xavi giram.

Comentarista 2 – Aí que queria completar, Apresentador, o Busquets é o exemplo do que a gente tem aqui no Brasil na pessoa do Renato. O Renato na minha opinião, no que eu entendo de futebol.

Apresentador – Mas virou um meia-atacante, um meia de ligação, mas é o que nós estamos falando.

Comentarista 2 – Mas é só você... porque, o volante, tem que entender o jogo. Não é aquele cara que só vive para cobrir lateral e zagueiro. É onde inicia a jogada, a bola cai no pé do Renato ele clareia tudo, ele tem bom passe, ele tem visão de jogo, onde é o erro dos treinadores, e aí eu queria ouvir até do Convidado 2 isso, que tá...

Apresentador – Tá fazendo vestibular para treinador.

Comentarista 2 – Exatamente, na minha concepção, é muito mais em função de dar uma satisfação para torcida e para imprensa do que para treinar o time dessa forma. Porque, ele bota três atacantes, e bota três volantes, aí não tem que leve essa bola até para frente com qualidade. Você ter um Renato na cabeça da área como o Barcelona tem o Busquets, aí você tem qualidade na saída e essa bola chega limpa para os homens de frente.

Apresentador – Vou deixar essa pergunta para os 2 para gente encerrar este último bloco, o Convidado 2, depois o Convidado 2, que tá treinando a garotada de 17 anos, que os dois deem esta resposta ao Comentarista 2, por favor. Começa, Convidado 2.

Convidado 2 – O Busquets é um dos jogadores que o Guardiola, não é que inventou, ele trouxe do B, estava jogando a terceira divisão espanhola para ser campeão mundial, campeão da Champions League com o Barcelona. O atleta

que o Guardiola mais fez dele a cara do Guardiola, ele não pode dar mais que dois toques nos treinamentos. E o Mascherano foi contratado para ser um dos volantes do Barcelona e não deu certo, virou zagueiro, por quê? Tão importante quanto Xavi e Iniesta é essa bola que sai do Sérgio Busquets, porque ela sai rápido e com qualidade. Então, poucas pessoas acabam vendo o que o Comentarista 2 viu, é um jogador fabuloso para o Barcelona. Fisicamente, não é dotado de força, de velocidade, mas de uma capacidade de posicionamento muito boa, e, sobretudo de um passe, tem um passe espetacular.

Apresentador – Em que momento o Brasil perdeu essa qualidade no primeiro volante Convidado 1, que sempre foi tão importante, e na sua época você dizia, tínhamos Sani, depois Zito, e o Zito ficou duas copas, depois logo na sequência vem o Falcão e nessa estirpe de volantes.

Convidado 1 – Olha, eu, é o que eu te falei, o último volante que eu vi aí foi o César Sampaio, os outros, tudo... excelentes jogadores, até campeões do mundo, mas só para marcar.

FIM DO BLOCO 3.